ANO 36.º QUINTA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 1956 N.º 12.201

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

A retirada de Eden coincide

com ameaças de cisão no Partido Conservador

por motivo das condições de retirada das tropas britânicas que se encontram no Egipto

LONDRES, 22 (Do redactor dpilomático da «Reuter», Fraser Wighton) — Sir. Anthony Eden parte amanhã, de avião, para um período de férias na Jamaica, a conselho dos seus médicos.

Assim, o primeiro-ministro encontrar-se-á ausente numa altura em que são pedidas grandes decisões quanto á crise no Médio Oriente, uma das quais é a maneira pormenorizada e a ocasião da retirada dos soldados britanicos do Egipto.

Continuará a chefiar o Governo, embora a milhares de quilómetros de distancia, mas apenas será consultado, quando for necessário, sobre as questões mais urgentes. Deste modo, uma pesada responsabilidade recairá sobre os ombros do seu adjunto R. A. Butler, o lorde do Selo Privado, que presidirá ás sessões do Gabinete e enfrentará, no Parlamento, a oposição trabalhista, que combate violentamente a intervenção armada do Governo no Egipto.

Notícias especulativas sugeriram que Butler chefiou no auge da crise, um grupo do Gabinete, que advogava uma política muito mais branda no Egipto. Contudo, Butler tem, desde então, manifestado o seu apoio á política do primeiro-ministro.

A orientação de Eden não foi, na verdade, desafiada, publicamente, por qualquer ministro do Gabinete; e fontes políticas afirmaram, na noite passada, que a grande maioria dos partidários do primeiro-ministro resistiria firmemente a qualquer retirada de tropas do Egipto, por considerarem-na prematura.

Dizem as mesmas fontes que se o Gabinete, na ausência de sir Anthony Eden, fizesse retirar as tropas de Port Said, sem a necessária salvaguarda, numerosos parlamentares conservadores iriam, abertamente, para a rebeldia. Alguns políticos afirmam, mesmo que ha-

(Continua na página central)

Segundo a tradição helénica, que não se perdeu através dos tempos, a flama olímpica percorre, os caminhos que se dirigem ao local dos jogos. A gravura foca, precisamente o acto de uma rendição, entre jovens desportistas, numa estrada australiana, próximo de Melbourne, observada com emoção e curiosidade por numeroso publico

O duque de Edimburgo

abriu hoje em Melbourne os Jogos Olímpicos de 1956

MELBOURNE, 22 — O duque de Edimburgo inaugurou hoje, solenemente, ao som das salvas e das fanfarras, a XVI Olimpíada. «Declaro abertos os Jogos Olímpicos que celebram a XVI Olimpíada da era moderna»—pronunciou o duque em voz clara, repetindo as palavras da praxe.

Mais de 110.000 espectadores se levantaram para aplaudir, fazendo estremecer, num só grito repercutido, as bancadas do estádio de «cricket» de Melbourne, onde se efectuou a cerimónia.

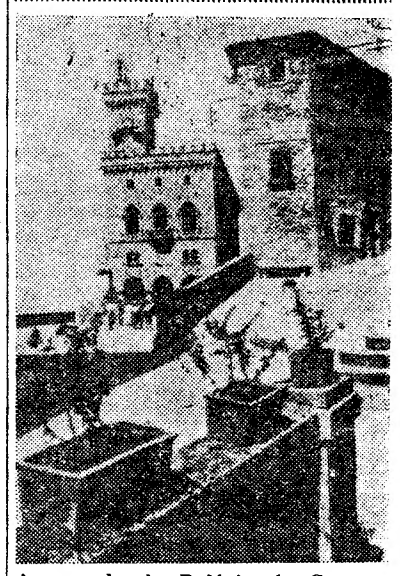
A cidade despertou hoje, de madrugada, excitada com a perspectiva do grande espectáculo que lhe estava reservado—o maior desde que a rainha Isabel e o duque de Edimburgo visitaram a Austrália, em 1954. Milhares de Australianos sorridentes e bem humorados cruzavam-se com os numerosos turistas, atraídos pela maior festa desportiva do Mundo.

As ruas, profusamente decoradas, ajudavam a completar o ambiente festivo da cidade. O Estado de Vitória declarou o dia de hoje feriado. Apenas certos serviços essenciais não foram encerrados.

Um grupo de estudantes está na «bicha» e dorme em coichões de ar

De momento, pelo menos, esqueceram-se os acontecimentos da Hungria e do Médio Oriente. Muito antes das 15 horas locais (5 T. M. G.), já uma grande multidão ocupava os lugares do estádio, enquanto uma

(Continua na 9.ª pág.)



A entrada do Palácio do Governo

O «DIÁRIO DE LISBOA» NA ÁUSTRIA

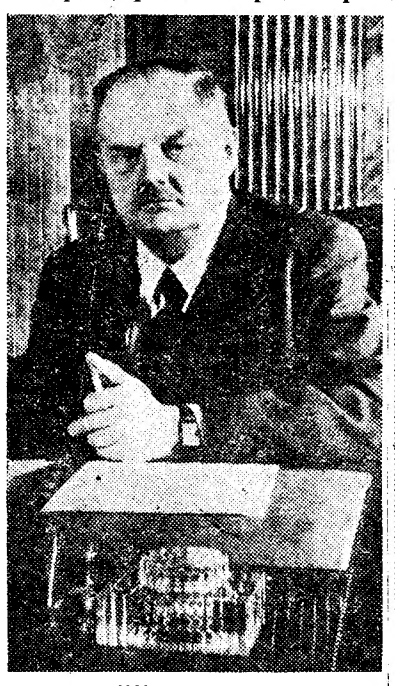
O chanceler Julius Raab

falou ao nosso jornal sobre o momento político e o grave problema dos refugiados

(Do nosso enviado especial Eurico da Costa)

VIENA, 21 — Quando esta manhã percorria os longos corredores da Bundchancelary e atravessava os seus amplos salões para me dirigir ao gabinete do chanceler da Áustria, não podia deixar de pensar nos altos momentos históricos de que estas paredes foram testemunhas durante séculos. A sombra de Metternich projecta-se ainda sobre os tapetes que foram pisados por imperadores, reis e homens de Estado em horas de profundo significado histórico. Os homens do Congresso de Viena, onde se decidiram os destinos da Europa, atravessaram estes mesmos salões por onde

(Continua na página seguinte)



JULIUS RAAB

Desmaiaram 225 pessoas e morreu o chefe da equipa persa

MELBOURNE, 22. — Sadry, um dos chefes da delegação iraniana aos Jogos Olimpicos, faleceu repentinamente esta noite.

225 pessoas que assistiam á cerimónia inaugural tiveram de ser levadas aos postos de socorros. Quase todas elas desmaiaram sob efeito do calor. Dez espectadores ficaram internados. — (F. P.).

ROTEIRO DE SAN-MARINO — (4)

Perfil da capital

das pessoas e das instituições da mais pequena República do Mundo

(San-Marino, via Panair)

por PIERRE LEGER

A cidade de San-Marino, com os seus mil e quinhentos habitantes, é uma risonha e encantadora aldeia de carácter medieval.

Cabe toda, muito arrumadinha, com o seu Governo, institutos de cultura, exército, hipotèticamente, marinha, bibliotecas, campos de ténis, liceus para os primeiros anos, museus, igrejas, «cassa di risparmio», tribunais, bancos, «kursaal», parlamento, em trezentos metros do pequeno planalto que se ergue, como um gigantesco pavez de guerra, no alto da anfractuosa rocha, de agudas vertentes, que é o Monte Titano.

E' um verdadeiro «toboggan» de ruelas estreitas e declivosas, sempre a subir, entre velhos prédios de dois pisos, cor de ocre ou de sépia, de janelas cerradas, entre passeios de ronda, adarves, bastiões, cubelos, poternas, torres de menagem, que aprisionam, nas suas duras muralhas, a tamanina urbe milenária.

Fisionomia da capital

Aquilo faz lembrar, pela patine do tempo, o rugoso da pedra nua dos palácios velhos, aqui um arco, além uma bitesga íngreme, mais longe umas estreitas escadas, entre muros sombrios—uma suave Siena, sem os seus esplendorosos mosai-

(Continua na 11.ª pág.)

As bichas de Lisboa 10

Não é tão discreta como á primeira vista pode parecer esta «bicha» que começou a formar-se era ainda lusco-fusco. Ás oito da manhã vendem-se as senhas para as consultas externas do Hospital e é preciso não perder muitas horas de trabalho. Á dor física não se pode aliar a dor moral. Um banco ou outro para os mais fracos ou mais enfraquecidos. Um frio incombatível, uma aridez que o sol de S. Martinho não destroi. Quantas horas de espera, gemendo e chorando nesse vale de dores, as dores de quem precisa de ir ao médico e se perde, horas (manhãs ou tardes inteiras) na vaga espera das salas de espera. É bem verdade que por aí fora, nos consultórios e policlinicas, a tortura de esperar, mesmo sem «bicha» não encoraja ninguém a estar doente. Para pouca saude, vale mais nenhuma... «bicha», ainda mesmo que seja como esta uma comodíssima «bicha» sentada.

«Diário de Lisboa» publica hoje 20 páginas

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

As declarações do chanceler Raab

(Continuação da página anterior)

passo, numa hora particularmente difícil para o futuro da mesma Europa, que se debate com problemas bem mais graves e bem mais candentes do que aqueles que reuniram em Viena, em 1814-1815, os grandes condutores da política europeia.

Quem é o chanceler Raab

O eng. Julius Raab deu-nos a honra de nos receber e de conceder ao «Diário de Lisboa» uma entrevista particularmente oportuna, que se reveste de grande importancia pelo seu conteudo e pelo papel que a Áustria desempenha neste momento histórico. O chanceler austríaco acolhe-me com um sorriso afável e bondoso que se entreabre num rosto grave. Os seus sessenta e cinco anos são ainda vigorosos. E um homem forte, de olhar inteligente, que veio para a política pelo desejo patriótico de servir o seu país, numa hora difícil para os destinos da Áustria e do seu povo. O Poder não o deslumbrou nem o intimidou. É um diplomata hábil. As negociações com a Russia, de que resultou a assinatura do tratado de paz entre os dois países, foram conduzidas por ele com grande inteligência e tacto diplomático.

Combatente da primeira guerra mundial, entrou na política em 1927 como deputado do Partido Social-Cristão. O chanceler Schuschnnig teve-o como colaborador no ultimo gabinete a que presidiu, no qual Julius Raab sobraçou a pasta do Comércio e Transportes. Durante os anos da ocupação nazista dedicou-se á sua profissão de engenheiro e só voltou a tomar parte activa na política em 1945, ano em que fundou o Partido Populista. A obra de reconstrução do seu país deve-lhe relevantes serviços, prestados durante o tempo em que exerceu o cargo de secretário de Estado das Obras Publicas. As eleições gerais que se realizaram o ano passado na Áustria levaram á constituição do actual Governo de coligação a que o eng. Julius Raab preside. O chanceler é hoje uma das personalidades mais eminentes da política europeia e desfruta no seu país de uma popularidade e de um prestígio extraordinários, como tive ocasião de verificar.

A neutralidade da Austria

O gabinete onde me recebe está instalado na parte do edifício que foi destruída durante a guerra e reconstruída alguns anos depois. Mobilado sóbriamente, oferece no entanto uma agradável sensação de conforto. É com voz grave e segura, pondo nas respostas uma grande ponderação, que o chanceler Rabb responde ás minhas perguntas.

—Que pensa V. Ex.ª sobre a actual crise politica que o Mundo atravessa?

—Como pequeno país que afirmou a sua neutralidade permanente, a Áustria sabe que a sua missão não pode consistir em se interpor entre outros Estados. Todavia, observamos com muita atenção o desenvolvimento da política mundial.

E prossegue com voz pausada, esclarecendo o seu pensamento:

—Com o final da guerra fria há cerca de três anos e a passagem para o período de coexistência, surgiram grandes modificações. A Áustria está situada na Europa Central e os nossos vizinhos regem-se por vários sistemas politicos. Por nosso lado, estamos decididos a manter as nossas instituições. Militarmente, a Áustria é neutral, mas sob o ponto de vista da inteligência está integrada na cultura ocidental. A Republica austríaca, como país neutro, é membro da O. N. U. Esperamos que a O. N. U., apesar das graves dificuldades existentes, consiga afastar o grande perigo que ameaça o Mundo devido á existência de maiores e cada vez mais numerosos conflitos políticos.

As relações com a Hungria

—Qual é o ponto de vista do Governo austríaco em face dos acontecimentos da Hungria?

—Temos seguido desde o inicio os acontecimentos da Hungria com grande interesse. A Hungria não é apenas um vizinho nosso do Oriente. Esteve integrada durante alguns séculos no mesmo Estado connosco, formando com a Áustria uma monarquia dualista. Existem, portanto, entre os nossos dois povos laços de sangue e amizade que não podemos esquecer. O derramamento de sangue em Budapeste e noutras cidades hungaras e os sofrimentos do povo magiar provocaram na Áustria um grande movimento de solidariedade. A Cruz Vermelha austríaca, logo após o inicio dos combates, enviou para a Hungria medicamentos e material de enfermagem. Aos refugiados hungaros foi garantido, sem nenhuma excepção, asilo na Áustria, sendo os combatentes desarmados e internados, como mandam as leis internacionais. Foi devido ao facto de o nosso país estar intimamente ligado á Hungria que vagas sucessivas de refugiados o escolheram para asilo, especialmente depois da penetração de novas tropas soviéticas naquele país. Impõe-se-nos como uma obrigação humana ajudar esses desafortunados que fogem da sua devastada pátria.

E o chanceler Raab conclui:

—O facto de a Hungria estar ligada pela fronteira á Áustria e a nossa terra ser novamente soberana e neutra contribuiu, certamente, para amenizar as provações daquele flagelado país e do seu povo.

O problema dos refugiados

—De que maneira o Governo austríaco pensa resolver o problema dos refugiados hungaros?—perguntámos ao chanceler Raab:

—A luta na Hungria desenvolveu-se tão rápidamente que nós vimo-nos de subito perante o problema de ter de acolher um numero sempre crescente de refugiados. Primeiramente, tivemos de organizar os campos de recepção e cuidar do problema alimentar dos refugiados. A seguir, procurámos alojá-los em quarteis desocupados, em escolas e noutros edifícios. Dirijimos apelos a todos os países para socorrerem os homens, mulheres e crianças hungaros. O primeiro Estado a oferecer-se para os acolher com um mínimo de formalidades foi a Suíça, que ofereceu asilo a grande número. Seguiram-se ofertas de outros países para esse fim. O Governo federal lançou uma subscrição publica a fim de obter os fundos necessários para cobrir as despesas provenientes dos socorros que é indispensável prestar aos refugiados. Colaboramos com o Comissariado da O. N. U. para as refugiados e com a Cruz Vermelha Internacional e esperamos que todos os Hungaros que fugiram do seu país encontrem uma nova pátria e trabalho noutros países.

E o chanceler insiste nas dificuldades que se depararam ao Governo austríaco:

—A onda de refugiados que repentinamente penetrou na nossa fronteira foi tão grande que, para os socorrer, os nossos recursos não chegavam. O apelo que dirigimos a todos os países temos de renová-lo, em virtude do sempre crescente numero de pessoas que fogem da Hungria e nos pedem asilo. Felizmente, vários países, entre os quais Portugal, corresponderam generosamente, pondo á nossa disposição meios consideráveis destinados aos refugiados e oferecendo-se também para os acolher em grande numero. Apesar disso, sabemos que á Áustria cabe a maior tarefa em relação a esse grave problema. Milhares de Hungaros já estão instalados em albergues e casas particulares. Calculamos que nos próximos seis meses os fundos do Estado despenderão cerca de cento e sessenta milhões de «schellings», ou seja mais de seis milhões de dólares com a assistência aos refugiados.

O perigo da guerra

—O sr. chanceler crê que uma guerra seja inevitável?

Resposta calma e pensada:

—A experiência das ultimas semanas ensina-nos que ainda hoje são possíveis conflitos localizados. Mas também vimos que as Nações Unidas estão aptas a intervir e que não há em nenhuma parte tendência para desencadear conflitos que se transformem num incêndio mundial, quando se verifiquem lutas armadas. Na nossa época, as guerras podem evitar-se concerteza e devem evitar-se, pois uma nova guerra mundial significaria a destruição de uma grande parte da espécie humana e de todo o nosso progresso técnico e cultural. Quando todos os países agirem com boa vontade, as divergências podem resolver-se á mesa das conferências. Isto é possível em todas as circunstancias.

A crise do Médio Oriente

—Que pensa o Governo federal sobre a crise do Médio Oriente?

Resposta pronta e firme:

—Não aprovamos o uso da força militar para resolver problemas políticos onde quer que seja. As Nações Unidas conseguiram fazer cessar o fogo no Médio Oriente. Esperamos que este organismo universal conseguirá estabelecer uma paz permanente neste ponto nevrálgico do Mundo.

O chanceler Julius Raab referiu-se depois, com muita simpatia, ao nosso País, e á circunstancia de termos acolhido em Portugal, após a guerra, milhares de crianças austríacas, a que famílias portuguesas dispensaram um acolhimento carinhoso. A Áustria não esquece esse gesto amigável. O chanceler Raab elogiou a acção do nosso ministro em Viena, dr. Miguel de Almeida Pile, que muito tem contribuido para uma aproximação mais efectiva e para o desenvolvimento crescente das relações culturais e económicas entre os dois países.

Mostrou-se conhecedor da situação portuguesa e elogiou calorosamente a prudência política e a obra financeira e económica do prof dr. Oliveira Salazar, que tem acompanhado com vivo interesse.

E foi sobre esta impressão amável que terminou a entrevista com que o chanceler austríaco quis honrar o enviado especial do «Diário de Lisboa», sobretudo em atenção ás relações amigáveis que mantemos com o seu país e ao prestígio de que o nosso goza na acolhedora e florescente Republica.

E. C.

Uma crise necessária

que será salutar

por ANDRÉ FRANÇOIS PONCET

Em certos meios franceses, que a si próprios se chamam intelectuais, continuam a elevar-se vozes para censurar a iniciativa franco-britanica de ocupar o canal de Suez. As mesmas vozes já se haviam elevado para censurar a captura dos chefes da rebelião argelina. Por mim, penso que a ideia de evitar o alargamento das hostilidades entre árabes e judeus reocupando, ao mesmo tempo, a artéria vital de que Nasser se apoderara pela violência e pela surpresa, foi justa, oportuna, hábil e que, no final, se mostrará benéfica.

Assumindo a responsabilidade de a por em prática, os chefes dos dois Governos mostraram que eram homens de Estado corajosos, pois governar povos não consiste apenas em andar a reboque do que os outros fazem, deixando sempre ao adversário o beneficio da iniciativa. Governar é, frequentemente, correr riscos e, por uma decisão rápida, alterar os dados da situação. Os censores dos srs. Eden e Mollet entendem que estes não podiam agir sem a aprovação prévia da O. N. U., o que equivale a dizer que só lhes restava o recurso de não fazerem coisa alguma.

A experiência demonstrou, com efeito, que aquele organismo é incapaz de desempenhar a missão para que foi criado, favorecendo a sua impotência o jogo da chantagem e do cinismo. Não é apenas o veto que paralisa o funcionamento do Conselho de Segurança, é também o facto de haver na mesma assembleia reunidos Estados civilizados e outros que o não são, Estados que nada de comum têm uns com os outros, sendo uns realmente livres e democráticos e acatando as regras da moral internacional, enquanto outros vivem sob regimes de despotismo e violência não tendo escrupulos ou preocupações de qualquer espécie.

A O. N. U. deve considerar-se falida pelas mesmas razões que levaram á falência da Sociedade das Nações. Para que inclinarmo-nos perante uma ficção, enganarmo-nos a nós próprios e enganarmos os outros? Melhor seria prever, desde já, a reforma de um sistema manifestamente deficiente. Os descontentes objectarão ainda que os franco-britanicos deviam consultar os Estados Unidos. Pelo que á França se refere, ela tem pelos Estados Unidos uma amizade e uma gratidão insuperáveis e não renega a dívida de gratidão que contraiu com o seu povo. De aí não pode concluir-se que a França seja obrigada a concordar sempre com o que fazem os dirigentes americanos ou que colabore dócilmente nos erros que estes praticam contra ela.

Esses dirigentes não cessam, de há tempos a esta parte, de acumular erros sobre erros. A maior parte da responsabilidade no despertar do nacionalismo árabe, que cerca de atenções, pertence-lhes. Por uma singular contradição, os americanos desbravaram o caminho que permitiu aos Sovietes, seus adversários irredutiveis, instalarem-se no Médio Oriente e no Mediterraneo. A América não compreendeu a gravidade do acto praticado por Nasser—que foi seu pupilo — ao denunciar os compromissos que assumira em relação ao Canal, nem a extensão da ofensa que essa denuncia representou para a Grã-Bretanha e a França.

Foi por escutarem a América que aqueles dois países não responderam imediatamente á iniciativa egípcia, como desejavam. Os Americanos salvaram então o ditador egípcio e aumentaram a sua audácia. Os Franceses viram nele, sobretudo depois da descoberta do caso do vapor «Athos», o verdadeiro inspirador da rebelião argelina e o instigador dos massacres que continuam a registar-se em Marrocos.

Os Americanos desafiam o bom senso quando dizem agora que Israel foi agressor do Egipto, sabendo-se que este país preparava, há meses, a invasão do primeiro, de acordo com outros países árabes. Esta moral travestida, do lobo agressor do cordeiro, é insustentável. O desejo de conseguir a paz por qualquer preço, a fim de não perturbar a campanha eleitoral, la pondo em risco a segurança das democracias europeias que são o pilar da aliança atlantica.

Aproveitaram uma oportunidade para agir e não deixaram de o fazer.

Na altura em que um sopro de liberdade reanimava as vitimas da tirania soviética, a sua decisão contribuiu para dissipar as nuvens que obscurecem o céu do velho continente, pondo de novo as coisas e as pessoas nos lugares que lhes competem. A crise necessária que atravessamos será salutar. Os Americanos não tardarão a reconhecer que a Grã-Bretanha e a França serviram os verdadeiros interesses da moral internacional e da paz. De momento, uma parte da opinião publica internacional está contra nós. Quanto á opinião publica francesa, aprova na sua maioria a acção do Governo por se sentir cansada de humilhações e vexames.

ANDRÉ FRANÇOIS-PONCET

HOTEL EMBAIXADOR
SERVIÇOS ESPECIAIS PARA
CASAMENTOS
RESERVAM-SE SALAS, COM OU SEM ORQUESTRA
Banquetes, copos de água, cocktails
NO AMBIENTE MAIS ELEGANTE

HEMORRÓIDAS
UM TRATAMENTO INTEIRAMENTE NOVO

Os padecentes de hemorróidas já há muito que esperavam por uma forma de tratamento que lhes traga alívios rápidos e que, ao mesmo tempo, seja higiénica e de fácil administração.

HEMOTABS, um tratamento completamente novo, é a resposta. Deve-se tomar com água, tal como se fosse uma aspirina.

HEMOTABS não só acalma as dores e as angústias dos ataques como, actuando no organismo, reduz a inchação proporcionando assim alívios rápidos.

HEMOTABS é também uma espécie de laxativo que ajuda a restaurar funções normais, tão importantes para o completo restabelecimento e para uma prolongada ausência de dores.

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS
DEPOSITÁRIOS:
PORTO - F. LIMA & C.ª SUCR. - LISBOA

INSTITUTO VAZ SERRA
CERNACHE DO BONJARDIM

Tem a honra de informar os Ex.mos Pais e Encarregados de Educação dos alunos que lhe foram confiados, que, ao encontro de várias solicitações, teve agora oportunidade de renovar e melhorar consideràvelmente o seu corpo docente e educativo.

A DIRECÇÃO

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

O repertório do Teatro Experimental de Lisboa é constituído pela «Farsa de Inês Pereira», de Gil Vicente; «As guerras do Alecrim e da Mangerona», de António José da Silva (o Judeu); «Escola de maridos», de Molière; «Antígona», de J. Anouilh; «Caprichos de Mariana», de Musset; «A mandragora», de Machiaveli.

—Ainda não está em definitivo assente a deslocação ao Ultramar da companhia do Teatro D. Maria II no próximo ano.

—A peça «O drama que ele não escreveu», original de Rui Correia Leite, em ensaios no Teatro Avenida, será estreada a 4 de Dezembro.

—A figura de «Mestre da Banda», da revista «Toca a musica», em ensaios no Teatro Maria Vitória, vai ser desempenhada pelo actor Eugénio Salvador.

—Está a realizar espectáculos em Anadia o Circo Castin, que anda em permanente digressão pela Província.

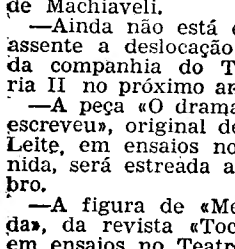
—A empresa do Teatro Variedades aguarda a resposta do artista brasileiro Luís Gonzaga ao convite que telegráficamente lhe foi dirigido para actuar na revista «Não faças ondas».

—Está marcada para depois de amanhã, á tarde, no Teatro ABC, a estreia da peça infantil «A História da Torre Encantada».

—O maestro compositor Jaime Mendes também é um dos autores da musica da nova revista «Toca a musica».

—«Tonisko», artista ginasta em trabalhos de grande originalidade, faz parte da companhia de circo que amanhã faz a sua estreia no Coliseu.

—Nas Caldas da Rainha fundou-se um conjunto cénico que vai começar a ensaiar a peça «O Rei dos Gatunos», para subir á cena em fins do próximo mês.

NO ABC PARQUE MAYER
JUNTO AO PAVILHÃO PORTUGUÊS
EM PLENO ÊXITO!
A's 20,45 e 22,45 h.
DAQUI FALA O ZE'!
A REVISTA DO POVO!

com HERMINIA SILVA E UM GRANDIOSO ELENCO
Herminia Silva
Espec. p.º ADULTOS
SÁBADO, á tarde, 1.º Grande Espectáculo Infantil desta temporada
Estreia da peça para crianças
"TORRE ENCANTADA"
Um espectáculo de sonho por toda a companhia deste teatro

«Peraltas e Sécias»

no centenário de Marcelino Mesquita comentado pelo dr. Ramada Curto

Marcelino Mesquita volta esta noite ao palco do Nacional, onde de novo se representará «Peraltas e Sécias», porventura, dentro do melhor estilo romantico e do teatro de costumes, numa das peças mais representativas do autor viageiro e actualizado que viu lá fora o teatro simbolista e mais tarde tentou introduzi-lo em Portugal. Espectáculo de consagração, integrado nas comemorações do centenário do nascimento do autor da «Meia Noite», o Nacional cuidou carinhosamente da sua montagem, feita com luxo e graça intencional, como aconselha o espírito da peça.

Ramada Curto, com o seu fino e sagaz sentido crítico — como Marcelino Mesquita, o autor de «O caso do dia» nasceu no Cartaxo— comentará a obra do seu ilustre antecessor, recordará episódios da sua vida, dirá o que pensa e como sente o teatro do nosso tempo.

Na interpretação de «Peraltas e Sécias» intervirão alguns dos melhores artistas do Nacional: Palmira Bastos, Gina Santos, Helena Felix, Lourdes Norberto, Meniche Lopes, Paiva Raposo, Manuel Correia, Carlos Walenstein, Luís Filipe, Raul de Carvalho, Erico Braga, Pedro Lemos, António Palma, José de Castro, Rogério Paulo e José Cardoso.

Tere Amorós

No Teatro da Zarzuela fez a sua apresentação em Madrid a bailarina Tere Amorós que em Lisboa, sendo ainda uma garota, ensaiou os primeiros passos da arte em que se havia de revelar na América, por onde andou alguns anos e de onde agora regressou. Filha de uma artista de Granada e do antigo matador de touros Pepe Amorós, de Salamanca, Tere Amorós confirmou pela linha materna o baile cigano do Sacro Monte e pela paterna a vizinhança de Valladolid, a terra dos bailarinos clássicos, como Mariemma e Escudero.

A crítica madrilena assinala o êxito de Tere Amorós, acentuando, porém, que ela é uma inovadora, tão livre dos excessos do baile popular como das regras rigidas do clássico.

No Tivoli

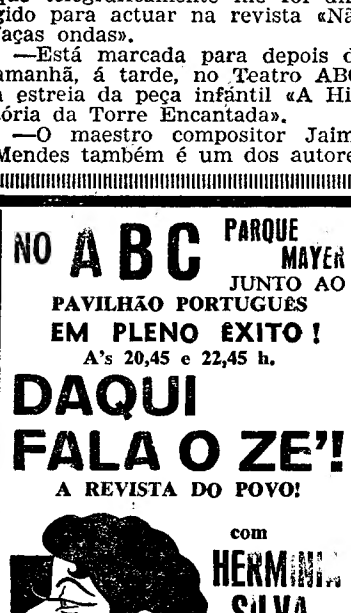
a primeira mundial do bailado «Quasimodo»

Os grandes bailarinos Yvette Chauviré e Milorad Miskowitch, foram as estrelas da grande gala do Principe de Monaco, na passada segunda-feira, em Monte Carlo. Lisboa, graças aos esforços do Tivoli, vai ter a honra de os ver, imediatamente a seguir, interpretando o novo bailado de Constantin Nepo,

(Continua na página seguinte)

AMIGOS DE LISBOA

Na sede dos Amigos de Lisboa, realiza-se esta noite, ás 22 horas, mais uma reunião cultural—«Colóquios Olisiponenses»—com comunicações dos srs. drs. Amadeu Ferreira de Almeida e Hugo Raposo, respectivamente, com «O nu artístico na estatuária de Lisboa» e «Retoques para o que falece á cidade de Lisboa».



LOBOS DO MAR
UM RESTAURANTE TIPICO DIFERENTE DE TODOS OS OUTROS
DANÇAS REGIONAIS
Fados c/ LIDIA RIBEIRO
C. CARRICHE
(Ao Olival Basto)
ADULTOS — Telef. 051146

Mais donativos recolhidos para refugiados húngaros

Vinte e nove empresas de conservas de peixe de Setubal ofereceram á Caritas, por intermédio do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe daquela cidade, 131 caixas de conservas com 100 latas cada, para serem enviadas aos refugiados hungaros em Viena.

Também o povo da Nazaré realizou um peditório e enviou á Caritas 15.141$80 em dinheiro e roupas, calçado e medicamentos no valor de 11.548$00.

Na Caritas, receberam-se ainda, donativos do Batalhão n.º 1 da Guarda Nacional Republicana; Hospital S. Luís; empregados da Casa Milheiro Fagulha; Sociedade Comercial de Isolamento de Cortiça, Ld.ª (ISOLA); alunos do Colégio Académico; Grémio dos Importadores de Automóveis; pessoal do Refeitório da Junqueira; Grupo Desportivo da Junta Nacional dos Vinhos; Agência de Viagens Roque; e, de um anónimo, a quantia de 20.000$00.

Missa de sufrágio pelas vítimas dos acontecimentos na Hungria

Em sufrágio pelas vítimas dos acontecimentos da Hungria rezou-se hoje, na igreja de S. Domingos, missa mandada celebrar pela Associação Escolar do Conservatório Nacional e oficiada pelo antigo aluno rev.º padre A. de Castro.

O sr. prof. dr. Vítor Hugo de Lemos, reitor da Universidade de Lisboa, entrega esta tarde ao sr. ministro da Educação Nacional o manifesto do Senado Universitário que condena a agressão soviética á Hungria.

Recepção aos caloiros

de Económicas e Financeiras

A tradicional «Semana de recepção aos caloiros» do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras principiou hoje, com uma sessão solene na biblioteca daquele estabelecimento de ensino superior, na qual usou da palavra o prof. dr. António Maia Godinho.

A 'noite, no mesmo local, haverá um serão musical.

O programa da «Semana» inclui, amanhã, ás 16 horas, uma festa de confraternização, na cantina do Instituto; e depois de amanhã, um festival desportivo, almoço de confraternização e sessão cinematográfica.

Escola de Enfermagem Artur Ravara

Por iniciativa de um grupo de profissionais de enfermagem diplomados pela Escola Artur Ravara, vai ser prestada homenagem á sr.ª D. Irene Lourenço Ribeiro, monitora-chefe daquela escola, que há pouco passou á situação de aposentada, a seu pedido, após trinta e sete anos de serviço exemplar. Constituiu-se para o efeito uma comissão, que funciona na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem, onde se recebem adesões e se prestam todos os esclarecimentos.

Reuniões científicas

Instituto de Oncologia

Realiza-se hoje, pelas 21 e 30, na sala de aula do Instituto Português de Oncologia, uma conferência pelo sr. prof. Joaquim Bastos, subordinada ao tema: «Ovariectomia e suprarrenalectomia bilateral no cancro do seio com metastases». A entrada é livre.

Sociedade Portuguesa de Medicina Interna

Efectua-se amanhã, sexta-feira, pelas 22 horas, no Hospital dos Capuchos, a sessão inaugural do ano académico da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna. Preside aos trabalhos o sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, subsecretário de Estado da Educação Nacional, e fala o sr. prof. Augusto Vaz Serra, presidente da Sociedade, sobre «Direitos e Aspirações da Medicina Interna».

Sociedade Portuguesa de Pediatria

Realiza-se depois de amanhã, dia 24, pelas 21 e 30, na sala de conferências do Instituto Maternal (Maternidade Alfredo da Costa) a sessão inaugural do ano académico da Sociedade Portuguesa de Pediatria, fazendo a alocução presidencial o sr. prof. Fonseca e Castro. A seguir, o prof. Ortolani, da Universidade de Ferrara, Itália, projectará um filme sobre o diagnóstico precoce e o tratamento da luxação congénita da anca.

Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria

Na sua sede — Hospital Miguel Bombarda — realiza hoje, ás 21 e 45, a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria uma sessão de homenagem ao prof. Sigmund Freud. Usarão da palavra os srs. prof. Delfim dos Santos e drs. Seabra Diniz e João dos Santos.

VIDA RELIGIOSA

Festa a Santo António em Joanesburgo

JOANESBURGO, 22—Com a presença do embaixador de Portugal, general Abranches Pinto, e do bispo desta diocese, celebrou-se a festa de Santo António de Lisboa, padroeiro dos Indígenas de Moçambique, trabalhadores das minas. A celebração foi da iniciativa do rev. Manuel de Freitas, superior da Missão de Santo António do Transval, com sede em Boksburgo.—(A. N. I.).

Estudantes cubanos de visita a Fátima

De Havana chegaram hoje 22 estudantes cubanos que, acompanhados por dois sacerdotes, vão hoje em peregrinação a Fátima e seguem amanhã para Madrid.

Desafio amigável

O grupo de futebol da Tágide disputou um encontro amigável com o Hotel Avis, ganhando por 2-1.

DE LUTO

D. Julia Adelina Borges do Rego

Na sua residência, Avenida 5 de Outubro, 44, faleceu a sr.ª D. Julia Adelina Borges do Rego, de 76 anos, natural dos Açores, casada com o sr. Joaquim Borges do Rego. O seu funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Ld.ª, da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã, ás 11 horas, para jazigo, no Alto de S. João.

D. Almira de Matos Reis

Após doloroso sofrimento, faleceu a sr.ª D. Almira de Matos Reis, esposa do sr. Mateus José dos Reis funcionário aposentado do Arsenal de Marinha, e mãe do sr. José Artur de Matos Reis, sócio-gerente da Sociedade Gilcar, Lda. O funeral, a cargo da Agência Mega, realiza-se amanhã, ás 10 horas, da Avenida D. Carlos I, 134, cave, para o cemitério da Ajuda.

SUFRÁGIOS

Ernesto Brochado

Passando amanhã, sexta-feira, 23 o 30.º dia do seu falecimento, sua família manda rezar missa sufragando a sua alma, na Igreja da Encarnação, ao Chiado, ás 11 e 30 h.

50 anos de actividade no mesmo companhia

Na sede da companhia de seguros «Ultramarina» efectua-se na próxima terça-feira, 27, ás 11 horas, uma homenagem de todo o pessoal daquele organismo ao administrador sr. Artur Pereira Rodrigues, em comemoração das suas «bodas de ouro» de funcionário da companhia e das «bodas de prata» de membro do Conselho de Administração.

Será descerrado um busto em bronze do homenageado, trabalho do escultor Pereira da Conceição, durante uma breve cerimónia no decorrer da qual serão entregues ao sr. Artur Pereira Rodrigues alguns objectos de arte, como recordação do Conselho de Administração e do pessoal da «Ultramarina».

As firmas Nacional Rádio, Ltd.ª, de Lisboa, e Santos, Guimarães & Oliveira, Ltd.ª do Porto, representantes exclusivos em Portugal das fábricas «GRUNDIG VERKAUFS GMBH», de Furth (Bayern), Alemanha Ocidental, têm o prazer de comunicar a todos os seus Ex.mos Clientes que, conforme o programa-reportagem transmitido ontem por Rádio Renascença às 21 horas e 30 minutos, o prémio do Concurso «A Hora Grundig» relativo ao mês de Outubro do presente ano, coube ao Ex.mo Sr. António Furtado Novais, morador em Setúbal, na Rua Jacob de Azambuja, cujo prognóstico de 8 h., 18 m. e 12 s. foi o que mais se aproximou da hora a que parara o relógio «GRUNDIG»: 8 h., 18 m. e 53 s.

O resultado do próximo Concurso, que abrangerá todas as pessoas que hajam adquirido aparelhos de rádio, receptores de T V ou máquinas de gravar «GRUNDIG» no decorrer deste mês e que nos tenham enviado os respectivos prognósticos, será apurado em público no dia 15 de Dezembro.

COGNAC
MARTELL

Teatros e Cinemas

(Continuação da página anterior)

«Quasímodo», baseado na obra de Vítor Hugo «Nossa Senhora de Paris». Este bailado, que não foi ainda apresentado em parte nenhuma do Mundo, foi o ultimo que o grande Serge Lifar coreografou.

Teatro infantil

depois de amanhã no «ABC»

O empresário José Miguel vai apresentar este ano no seu elegante Teatro ABC, no Parque Mayer, situado ao lado do Pavilhão Português, também de sua propriedade, uma larga e bem organizada temporada de teatro infantil. Sem auxílios estranhos, nem subsídios, o arrojado empresário, que já na época passada, sentindo o problema das famílias, ofereceu bons e apropriados espectáculos á garotada de Lisboa, resolveu este ano actuar de maneira mais directa, e ele próprio organizou, criteriosamente, a exploração a fim de que no «ABC» as crianças tenham todo este Inverno os espectáculos de que gostam.

No próximo sábado, á tarde, estreia-se a primeira peça, original do escritor teatral Eduardo Damas, com musica do compositor Manuel Paião, dois nomes já queridos da petizada, e que se intitula «Torre Encantada» — um autêntico espectáculo de sonho, em que intervém toda a magnífica companhia do Teatro ABC.

Primeiras exibições

«O que faz o amor», no Odeon

Fácil é adivinhar «O que faz o amor» quando este tem por objectivo a (sem adjectivos) Sophia Loren, mesmo que se saiba que tal acontece nos principios da carreira cinematográfica da (ainda sem adjectivos) artista. Mas já não é fácil prever «O que faz o amor» ardente de dois jovens, um alemão outro americano, ex-combatentes em Itália, que ali voltam a procurar a mulher por quem se apaixonaram durante a guerra. E como não é fácil prevê-lo, será melhor assinalá-lo indo ver «O que faz o amor», ontem estreado no Odeon.

O filme é italiano, tem algumas imagens que provocam hilaridade, e além de Sophia Loren (mas para quê adjectivos?) colaboram na interpretação os artistas Alda Mangini, Enrico Viarisio e Vic Dane.

Entre os complementos exibiu-se um, a cores, de origem nacional, que pode enquadrar-se na actual série portuguesa de «cinema estilo bilhetes-postais ilustrados». — *Visor 25.*

Cinema nacional

Para a Venezuela seguiu hoje, por via aérea, o documentário português em cinemascópio «Açores», que será exibido na 1.ª Festa do Livro da América, em Caracas.

Cineclubismo

Hoje, ás 18 e 15, no Jardim-Cinema, o Centro Cultural de Cinema (Cine-Clube de universitários para uma cultura cinematográfica cristã) prossegue as suas actividades com a exibição do filme «Uma noite na ópera».

— O Cine-Clube Universitário de Lisboa recomeça as suas sessões de curta metragem, hoje, ás 21 e 30, na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Serão exibidos filmes de McLaren, Jean Mitry, Bert Maanstra e Sonika Bo.

— Amanhã, ás 21 e 30, na Casa do Alentejo, o ABC Cine-Clube de Lisboa promove a sua 14.ª sessão cultural de formato reduzido, exibindo os filmes «Las Hurdes», de Luís Buñuel, e «Le Sang d'un Poète», de Jean Cocteau.

A estreia de hoje

No São Jorge

Título — «O quinteto era de cordas».
Produção — Inglesa.
Realização — Alexander Mackendriek.
Intérpretes — Alex Guinness, Cecil Parker, Herbert Leom, Peter Sellers e Danny Green.
Argumento — História policial e satírica.
Classificação — 13 anos.
Distribuição — Jarofilme.

Coliseu

A grande estreia

Amanhã sexta-feira, no Coliseu, nova companhia internacional de circo. Leões, ursos, camelos, cavalos, lamas. Voadores, palhaços, troupe chinesa

Estreia, amanhã, sexta-feira, um dos maiores espectáculos de circo de todos os tempos, no Coliseu. Trata-se de uma nova companhia internacional, com as mais emocionantes atracções. Entre outras, os famosos acrobatas de trapesio «Os cinco Burketts». A «troupe» china Tcheng-der-Dsai, em trabalhos exóticos, de surpreendente efeito. Os ferozes leões de Krone, apresentados pelo domador Erik Treska. Jockeys acrobatas a cavalo, no estilo clássico e moderno. Caravana de camelos. Miss Cupial e os seus ursos siberianos e polares, que vêm de avião. Os palhaços Emy, Soty e Canamon, e muitos outros fenómenos excepcionais, que vão fazer delirar o publico.

13 ANOS

JAROFILME APRESENTA

ALEC GUINNESS

O INCOMPARÁVEL ACTOR INGLÊS E INTÉRPRETE DE "ROUBEI UM MILHÃO" "7 VIDAS POR UM TÍTULO" e "AMOR À INGLESA... EM PARIS"

NA MAIS RISONHA E ALEGRE HISTÓRIA DE CRIMINOSOS

O QUINTETO era de cordas

EM TECHNICOLOR

"The Ladykillers."

A MELHOR COMÉDIA DO ANO e A MAIS BRILHANTE INTERPRETAÇÃO DO FAMOSO ASTRO DO CINEMA

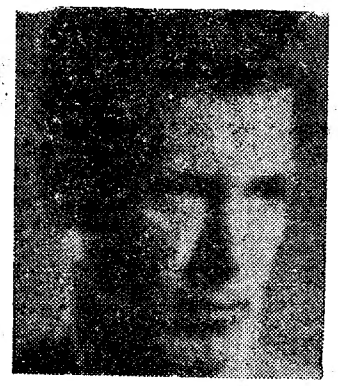
A HISTÓRIA DUMA SIMPÁTICA VELHOTA...

...E DE UM FAMIGERADO QUINTETO DE ASSASSINOS

UMA RAJADA DE ALEGRIA E BOM HUMOR

HOJE, ESTREIA

SÃO JORGE



Este é o campeão da Europa CARLOS ROCHA

LUTA LIVRE AMERICANA

Amanhã, às 22 horas, no ESTADIO INTERNACIONAL, PARQUE MAYER (Recinto coberto)

A «BOALUTA» apresenta a sua primeira sessão para Inauguração da temporada e disputa do Cinturão de Lisboa, 1956/57, com um programa extraordinário

UM COMBATE DE SENSAÇÃO !

CARLOS ROCHA - BERNAUS

Campeão da Europa — O grande campeão de França

Quem triunfará?

A força descomunal de BÉRNAUS ou a punjança física e direita do nosso campeão?

JÚLIO NEVES também tem as suas esperanças bem justificadas neste TORNEIO, defrontando na noite de estreia o famoso campeão de Itália WILLI MARTINI, BARRIGANA campeão de Portugal tem de havêr-se com JAIMERI e MATEUS com RAFAELI SUREDA.

QUEM VENCERÁ?

Carlos Rocha ou Bernaus? — Barrigana ou Jaimeri?
Julio Neves ou Willi Martini? — Sureda ou Mateus

AMANHÃ os Desportistas só têm um caminho a seguir: todos à luta livre americana ao PARQUE MAYER, aplaudir e gritar em côro, ROCHA, ROCHA,

Preços: Ringues de 20 a 50$00; Bancada lateral, 12$50; Central, 15$00; Peão, 7$50. ——— PARA ADULTOS.

HOTEL EMBAIXADOR

NO TERRAÇO DAS ESTRELAS

Apresenta

TRIO ODEMIRA

uma das mais simpáticas atracções nacionais

e DELIA TURINA y MANOLO DEL POZO

parelha de Baile espanhol que vem actuando com grande êxito

CONJUNTOS

SOUSA PINTO E FRANCISCO TORREGROSA

Maria Vitória — Tel. 31740

Empresa «Eugénio Salvador e Rui Martins

2 sessões ás 20,30 e 22,45

PARA ADULTOS

COM A MAIS POPULAR VEDETA DE SEMPRE

BEATRIZ COSTA

AO LADO DE

SALVADOR

Salvador com António Silva, o «Rapa Tudo», Humberto Madeira, o «Esfola neles» e Luís Horta, o «Mete a unha»

A REVISTA POPULAR

O REBOLIÇO

Um grande elenco com

ANTONIO SILVA

GLORIA MAY, TERESA GOMES, HUMBERTO MADEIRA e ANITA GUERREIRO

N-I-N-A

Salão de Chá-Night Club

ADULTOS

APRESENTA EM SENSACIONAL ÊXITO

THE GIPSY STARS

(atracção Alemã)

e MAGDALENA PARDO

BETAK

(PEÚGAS SEM RIVAL)

PONTO FINAL EM QUALIDADE E PADRONAGEM

ALGODÃO LA MOUSSE NYLON

CASINO ESTORIL

HOJE — No «WONDER-BAR» SERVIÇO DE RESTAURANTE

Jantares e Ceias

Conjuntos HELDER RÉIS e OLIVER

(ADULTOS)

A EMPRESA ARTÍSTICA DE ESPECT.

VARIEDADES

APRESENTA AS 20.45 e 22.45

A GRANDE REVISTA POPULAR DO MOMENTO !

MILU em «Salomé»

NÃO FAÇAS ONDAS

UMA REVISTA COM

MILU
COSTINHA
LUIZA DURÃO
RAUL SOLNADO

VILLARET
LEONIA
CARLOS COELHO

ESPEC. P.ª ADULTOS

Leónia em «Arlequim»

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: O QUINTETO ERA DE CORDAS S. JORGE

SÃO LUIZ TEL 27172
15,15 (Pr. red.) e ás 21,30 (13 anos)
2.ª semana
O RESGATE
com **Glenn Ford** e **Donna Reed**
Quando o telefone toca... começa a mais empolgante história de «suspense» de todos os tempos.

EDEN TEL. 20768
15,30-18,30 e 21,30
Michele Morgan e **Richard Todd** no filme colorido
MARIA ANTONIETA
(Para 18 anos)
A ultima rainha de França
Rainha perseguida e mulher apaixonada

IMPÉRIO TEL. 55134/5
A's 15,15 e 21,30 (Adultos)
4.ª e ultima semana do maior êxito europeu do ano
A MAIS BELA DO MUNDO
A consagração definitiva de GINA LOLLOBRIGIDA

MONUMENTAL TEL. 55131
A's 15,15 e 21,30
Um violento romance de amor, de paixão, de ódio, de morte e de sangue
(Adultos)
«GOUBBIAH»
(O homem que veio do mar)
com **Jean Marais, Della Scala** e **Kerima**

ALVALADE TEL. 763080
A's 15,15 (P. red.) e ás 21,30 (13 anos)
2.ª semana
O RESGATE
com **Glenn Ford** e **Donna Reed**
Quando o telefone toca... começa a mais empolgante história de «suspense» de todos os tempos.

RESTELO Tel. 610375
A's 21,15 (Adultos)
Um filme musical em Metroscope
«ATHENA»
com **Jane Powell**

TERRASSE TEL. 20917
Ás 21,15 (13 anos)
O NOIVO DAS CALDAS
com ANTÓNIO SILVA

CINEMA IDEAL
A's 21 (18 anos)
MADAME DE...
MARIA MORENA

LIZ TEL. 48560
A's 21,15 (18 anos)
UM SÓ DESEJO
com **Anne Baxter**

TIVOLI TEL 50595
5.ª SEMANA
Um espectáculo esplendoroso em **Cinemascope 55**
O REI E EU
com **Deborah Kerr** e **Yul Brynner**
A's 3 e 6,15 (Preç. red.) 9,30 da noite
(Para 13 anos)

POLITEAMA TEL 26305
15,15-18,15 e 21,30
3.ª semana de êxito justo e total
com a arrojada aventura na selva
SAFARI
Cinemascope com **Victor Mature**
Feras em furia! Caçadas perigosas! Vidas suspensas por um fio... (13 anos)

CONDES TEL. 22523
A's 15,15 e 18,15 (Preç. red.) e ás 21,30 (13 anos)
Um êxito mundial do riso!
AGARRA ESSE HOMEM
com **Giovanna Ralli, Franca Valeri, Marcello Mastroianni** e **Vittorio de Sica**

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153
A's 21,30 - Estreia
A história duma simpática velhota e dum quinteto de assassinos cuja profunda inclinação pelas notas do banco lhes inspira as mais diabólicas façanhas!
(13 anos)
Technicolor
O QUINTETO ERA DE CORDAS
com **Alec Guiness**

ODEON T. 26283
15,30-18,15 e 21,30 (13 anos)
Uma história encantadora e subtil, plena de humanidade
O QUE FAZ O AMOR
com a famosa SOPHIA LOREN

CAPITÓLIO TEL. 27493
A's 15,30 e 21,30
O mais brutal de todos os combates de boxe até hoje apresentados no cinema
(13 anos)
A QUEDA DE UM CORPO
O filme de boxe que o boxe combateu!...
com HUMPHREY BOGART
numa criação espantosa

ROYAL TEL. 845037
A's 21,15 (13 anos)
2.ª semana
6 CORAÇÕES A COMPASSO
No programa:
LOJA DE DOIDO

CASINO ESTORIL
A's 21,30 (18 anos)
A MÃO ESQUERDA DE DEUS
Humphrey Bogart

Augusto Figueiredo

TEATRO DA TRINDADE
A's 21.45 e para maiores de 13 anos
NO
Emp. Teatral Avenida, Ld.ª
Subsidiada pelo Fundo de Teatro
GIUSEPPE BASTOS apresenta sob a direcção artística de
SAMWELL DINIZ
A PEÇA DRAMATICA
AMOR DE PERDIÇÃO
com
MARIA LALANDE — SAMWEL DINIZ — AUGUSTO FIGUEIREDO — ISABEL DE CASTRO nos principais papeis

LUSO
1 Queimada, 8-A
T. 32889—Adultos
Hoje (até de madrugada) Fados e Canções — Em reaparição, **MARIA AMÉLIA PROENÇA — FRUTUOSO FRANÇA — Natividade Pereira** — António Meneses — Constança Nunes e Raul Dias. Acompanhamentos por Liberto Conde e Pedro Leal. — **Amanhã:** Grandiosa «Soirée» com **Uma Grande Parada de Artistas.**

TEATRO AVENIDA
A's 21,45 Adultos
VASCO MORGADO subsidiado pelo Fundo de Teatro, apresenta a imortal peça de
MARCELINO MESQUITA
ENVELHECER
Sob a direcção de **JOSÉ GAMBOA**
Preços populares desde **4$00 a 30$00**
Suspensas as entradas de favor

MARIONETTES APOLO Tel. 28643
CINCO LETRAS LUMINOSAS
TODAS AS IDADES
SABADOS E DOMINGOS | A'S 17 HORAS

Restaurante TABUAS
com Nova Gerência
Almoçando e Jantando neste Restaurante economizará V. Ex.ª dinheiro e saude.
Rua Barros Queirós, n.º 49 — T. 26614

um dos maiores êxitos de todos os tempos

A MAIS BELA DO MUNDO

a consagração definitiva de Gina Lollobrigida

A MAIS BELA DO MUNDO

um espectáculo cheio de graça e encanto

A MAIS BELA DO MUNDO

faustosa realização de Robert Z. Leonard

A MAIS BELA DO MUNDO

com Vittorio Gassman e Robert Alda

4.ª SEMANA

para adultos no maior cinema de Lisboa

Versão integral em Technicolor — **IMPÉRIO** — Um grande êxito da Sonoro Filme

CINEMA MONUMENTAL
A's 18,30 — (Adultos)
MICHÈLE MORGAN
RAF VALLONE
na Obra-prima
SUSPEITA!
PARA SALVAR UM INOCENTE TERÁ DE ENTREGAR À JUSTIÇA O HOMEM QUE AMA...
1.ª FESTA DO FILME
FILMADO EM TECNICOLOR
Sorteio de um Aparelho de Rádio
Preços Popularíssimos

Teatro Nacional de Dona Maria II
Esta noite ás 21 e 45 o espectáculo comemorativo do centenário de MARCELINO MESQUITA
com palavras de abertura do **dr. Ramada Curto**
com a representação da comédia
PERALTAS E SECIAS
interpretada por um grande elenco
(Para adultos)
O teatro está aquecido

Leiam o jornal humorístico
Tempo Fixe

A CESARIA

O Restaurante mais típico de Lisboa
Todas as noites MÁRIO DE OLIVEIRA apresenta o seu elenco em FADOS, CANÇÕES e GUITARRADAS.
RUA GILBERTO ROLA, 20
(Antiga Rua Velha) em Alcantara
Telef. 665745 — LISBOA
Selecção rigorosa (Adultos

Em REGUENGOS DE MONSARAZ o «Diário de Lisboa vende-se na casa A. C. Marques.

Alfredo Marceneiro
estreou-se ontem no restaurante realmente típico
VIELA
R. Taipas, 14 - T. 27256 (Adultos)
«Casa de CELESTE RODRIGUES»

MARCIA CONDESSA

RESTAURANTE TÍPICO—PRAÇA DA ALEGRIA, 38—Telef. 367093
ALMOÇOS — JANTARES — CEIAS
Fados e Guitarradas por: MARCIA CONDESSA, MARIA MARQUES, NATALINA BIZARRO, XAVIER PINTO, FERNANDO MANUEL, AUGUSTO PINHO e JOAQUIM DO VALE
(ADULTOS)

As horas esquecidas na praça, á espera de freguês, dão para a leitura minuciosa dos jornais...

Memórias e desabafos
de três motoristas de «táxi»

Um homem e um motor * «Sou uma peça do táxi...» O gigante que ri * O velhote que filosofa * O transito ou a alucinação * Homens que são patões * A gorjeta da «marquesa * «Isto é um abismo...»

Largo da Misericórdia. 10 horas. Uma praça de taxis.

— Isto é um abismo! Mais dia menos dia, espatifamonos pela certa. O transito é uma coisa danada.

O Vitorino está encostado ao seu táxi. Tem um olhar triste e as mãos metidas nos bolsos, a pala do boné põe-lhe uma sombra na cara.

— Tenho dez anos de praça. Não é muito mas chegou para me afundar. Estou preso a este «táxi».

O Arnaldo está encostado a uma máquina que trepida e ronca cavamente. Odeia-a e, no entanto, não a pode abandonar e o Vitorino está preso, escravizado, submetido a um motor e a quatro pneus.

— Não me sinto maior nem mais forte do que os homens dos passeios. Há as luvas brancas dos sinaleiros, as luzes vermelhas e verdes, as faixas, os apitos, os fregueses, os patrões, os impostos, os desastres, as mortes. Sou uma peça do «taxi» que faz ginástica sobre os pedais e move o volante. Se me deitarem fora, estou liquidado. Não valho nada.

— Que estás tu aí a dizer, oh! «Vidrinhos»? Não faças «caixinha»!... — berrou outro motorista, um latagão, um colosso que se aproxima, bamboleante e vermelho.

— Estou a falar para o jornal. Querem saber cá da nossa vida, percebes? E eu conto-a, conto-a toda, mesmo assim, desgraçada como é...

O gigante ri-se.

— Ah! este Vitorino está sempre a lamuriar-se. Pois é, pois é, a coisa é triste mas tem momentos bons. E' conforme a malta leva a sua vida. Eu, por exemplo, sou motorista há um ror de anos. Olhe para mim. Estou rijo, bebo-lhe bem, como-lhe bem... O Vitorino não, está verde, pequeno, esmagado.

— Cala-te aí, homem, eu tenho filhos e tu não. Um conto de reis não chega para nada — responde o Vitorino, olhando lá para cima, para o carão encarnado e feliz do outro.

O Vitorino está furioso. E logo um velhote que espevitava a orelha para tudo, meneando gravemente a cabeça, interveio com solenidade.

— A nossa vida é um drama.

Espiou-nos para verificar o efeito desta frase lapidar. E continuou:

— A cidade é terrivel para nós. Altos e baixos, curvas e contra-curvas, direcções proibidas, permitidas, ex-proibidas e pré-proibidas, milhares de carros, um código complicadissimo...

— Uma coisa danada... — gemeu o Vitorino.

— Até tem piada!... — disse o gigante a acender um cigarro.

— «Taxi»!

— Pronto, «madama»!

E lá se foi o colosso, um pouco gingão, a ciganear com gosto, para mais um serviço. O gigante desceu a «bandeira» do taximetro. O carro arrancou com fragor e desapareceu na imensidade de máquinas rolantes.

O velhote prossegue. Gosta de filosofar e sente-se feliz, a falar para o jornal, como pessoa «grauda».

— Este leva isto bem. E' só e governa-se com aquilo que vai ganhando. Depois, tem sorte. O patrão é simpático. Esta história dos patrões também tem que se lhe diga.

— Oh! se tem!... — diz o Vitorino.

— Pois tem. Na praça há duas espécies de motoristas. Os que trabalham por conta própria — os felizardos... — e os que têm patrões que tanto podem ser bons como ser maus. Alguns despedem-nos por dá cá aquela palha ou porque querem que nós façamos muito dinheiro. A média é de cento e cinquenta, a duzentos escudos por dia. Nós ganhamos uns cinquenta escudos diários e trabalhamos doze horas.

— Ou mais... — observa o Vitorino.

— Alguns trabalham mais. Os fiscais do sindicato podem apanhá-los. Esses são maus motoristas, tiram o trabalho aos colegas, querem fazem mais dinheiro e fazem-no. Mas estoiram depressa. Não temos reforma, estou a dar as ultimas, é coisa para uns anos...

— Para lá caminho também... — diz o Vitorino, em tom lugubre.

— Eh! rapazes, ainda aqui?!

Era o gigante que voltava, próspero e vermelho, tilintando moedas, com o boné á banda e sorriso sabido.

— O sorriso era pequeno mas a gorgeta não foi má. Talvez fosse alguma marquesa. Há uns maduros assim, quando o taximetro marca cinco escudos, dão dez. Eu aceito, é claro. «Muito obrigado, madama!» A's ordens de V. Ex.ª! Quando quiser!» Vou amealhando. Quando tiver uns cobres, safo-me para a terra. Sou um homem do campo.

O gigante fita um ponto qualquer. Já não vê os carros, os sinais vermelhos e as ruas estreitas. Não vê as casas. O seu olhar está num palmo de terra, numa árvore, num poço. O gigante não se ri. Ninguém se ri.

— Está livre?!...

— Sim.

O velhote entra no seu carro preto. Dá um safanão na «bandeira». A «bandeira» desce e o taximetro arranca ritmadamente, rápidamente, violentamente.

— Para onde, freguês?...

— Para a estação de Santa Apolónia. Tenho pressa.

O carro estremece. O velhote mete o pé no acelerador e o carro parte.

— «Taxi»!

— Pronto, freguês!

O gigante entra para o seu pequeno carro. E abala.

O «Vidrinho» está diante de nós e tem os olhos no chão. Ainda não teve freguês. Está encostado a uma máquina com motor e quatro pneus. Espera. E diz:

— Isto é um abismo...

De ontem para hoje

LISBOA CANTA

SE nem sempre encanta, sempre canta esta Lisboa de gargantas afinadas pelo marulho das ondas que lhe beijam os pés ou dos pardais que trilam nas ramadas dos seus parques. E Lisboa canta, sobretudo, com mais gosto o fado triste e dolente que foi á India e ao Brasil embalado nas pequeninas naus descobridoras. Na festa do Coliseu, a favor da Caixa de Previdência dos Profissionais de Imprensa (Casa da Imprensa), cantou-se até de madrugada e cantou-se, especialmente o fado. Houve concursos e apuraram-se as gargantas mais argênteas. Foram elas: para honra de S. Vicente, Marisa Rodrigues; do Alto do Pina, Manuel da Silva Coelho; e da Graça, Zulmira Guerreiro. Três amadores. Três fadistas com porta aberta para a carreira artística.

OS DOIS BRAÇOS DA CAPITAL

O ministro das Comunicações anunciou há meses um plano de melhoramentos nas ligações entre as duas margens do Tejo. Enquanto não se constroi a ponte (ou, de preferência, o tunel) há que melhorar as condições de transporte, prejudicadas pelos próprios meios (maus barcos e poucos, pequenos cais instáveis e desabrigados) e, sobretudo, pela oscilação do tempo. Para vencer esta, tal como o ministro o anunciara, vai instalar-se o radar, destinado á navegação do Tejo, nos dias de nevoeiro. Fizeram-se experiências com rebocadores (o «D. Luís» e o «Serra de Montalegre»). As empresas fluviais vão equipar os seus barcos com aparelhos receptores; e, para breve, anuncia-se o concurso publico para fornecimento de equipagem técnica, destinada á estação de radar.

ACÇÃO DE ESCLARECIMENTO

A União de Grémios de Lojistas de Lisboa tomou a relevante iniciativa de promover uma série de conferências de carácter técnico. A classe lojista merece-a, não apenas porque muito pouco, nesse aspecto, se tem fito entre nós, mas, ainda, porque o exercício profissional reclama cada vez mais apetrechamento prático e teórico, muito longe dos bons tempos em que a fortuna do «honrado comerciante da nossa praça» se conquistava a troco de medidas gerais, ditadas pelo impirismo da época. O dr. Charles Debonnaire, que ontem falou de sociedades por quotas, analisando os factos á luz do caso português, revelou-se uma competência. A larga audiência que o aplaudiu confirmou a oportunidade da conferência e a sua qualidade mental. Saber aplaudir é tão honroso como saber fazer-se aplaudir.

GENTE SEM TOM NEM SOM

DOIS irmãozitos (Teresa, de 5 anos, e Luis, de 3), ficaram sós em casa (Castelo Branco). No lume, fervia a água na panela e os pequenos entornaram-na, queimando-se. Vieram para a rua a gritar e a gritar os vizinhos pegaram neles, correndo para a praça de automóveis. Pediam o auxílio de um dos motoristas que levasse as crianças ao hospital. Os motoristas, porém, negaram-se ao favor e os vizinhos do rebocador José Lopes Serrasqueiro (o pai dos meninos), tiveram de vencer a pé o longo caminho que os levou ao hospital onde a Teresa ficou em estado grave. Conclusão a tirar da história: não eram com certeza Albicastrenses os desumanos motoristas de Castelo Branco...

JORNAL PEQUENO

O Senado Universitário, constituído por mestres de todas as Faculdades, reuniu-se em sessão extraordinária, para apreciar o movimento universitário a favor do povo hungaro, resolvendo verberar os crimes cometidos na Hungria e aplaudindo a atitude do Governo português. * Em Valongo dos Azeites (Trevões, Douro), foi atingido por um coice que lhe deu a morte, o proprietário João Saraiva, de 80 anos. * José Lopes Junior, de 78 anos (Crostelo, Souto da Branca, Albergaria-a-Velha), caiu á lareira e morreu em consequência das queimaduras. * Foi encontrado afogado, num poço, o agricultor Pedro Duarte de Oliveira, de 45 anos (Sobreiro, Valongo do Vouga).

NA ASSOCIAÇÃO CENTRAL DA AGRICULTURA

Uma reunião para estudo
da actual crise corticeira

A' hora de fecharmos o nosso jornal, está a realizar-se, na sede da Associação Central de Agricultura, uma reunião de estudo com o propósito de promover a defesa da produção nacional da cortiça, agora atingida por uma grave crise de colocação.

A Asociação, no intuito de prestar a sua colaboração construtiva, analisou as normas impostas ao comércio externo de cortiça e as suas consequências.

Da análise do problema resultou a verificação de que nos encontramos perante a quase exclusiva acção do factor «excesso de oferta sobre a procura no mercado interno».

A Associação Central de Agricultura submeterá, ainda esta tarde, á apreciação dos subericultores portugueses as seguintes soluções: 1.º—Prioridade ou maiores facilidades no que respeita aos pedidos de exportação para aquelas firmas que hajam, entretanto, feito a prova de que adquiriram já cortiça no mato, em quantidade equivalente á sua laboração normal, calculada pela média das suas compras nos ultimos três anos; 2.º—Obrigatoriedade dos industriais rolheiros possuirem um «stock» correspondente á sua capacidade de laboração; 3.º—Obrigatoriedade, por parte dos exportadores, de constituirem os «stocks» já fixados superiormente; 4.º—Financiamento urgente, pela Caixa Geral de Depósitos, das cortiças extraídas e existentes no mato, mediante um juro módico e por prazos de um ano renováveis por mais seis meses; 5.º—Fixação, em principio desde já, de uma percentagem de restrição nas extracções de cortiça em prancha no próximo ano, extensiva apenas á cortiça com nove anos de criação, nessa data, e para partidas superiores a 5.000 arrobas.

O Chefe do Estado
regressou a Lisboa

Chegou hoje a Lisboa, de regresso da visita de três dias que efectuou ao Norte do País, o sr. Presidente da Republica.

O sr. general Craveiro Lopes, que pernoitou no Palace do Buçaco, saíu dali pelas 9 horas, para Lisboa acompanhado de sua esposa e dos srs. coronéis Mário Cunha e Bento da França, respectivamente, comandante-geral da P. S. P. e chefe da Casa Militar da Presidência da Republica; e 1.º tenente Prado, ajudante de campo do Presidente.

No Buçaco, o Chefe do Estado recebeu os cumprimentos do governador civil do distrito de Aveiro, sr. dr. Francisco Vale Guimarães.

Prof. Diogo Furtado

Por via aérea, partiu hoje para a Suiça o prof. dr. Diogo Furtado, que tomará parte na reunião da Sociedade Suíça de Psiquiatria, que se efectua em Lausana, e no dia 29, proferirá em Genebra uma conferência a convite da Sociedade Médica daquela cidade, na qual versará o tema de «Lipoidoses nervosas». O prof. Diogo Furtado assistirá ainda em Paris ás reuniões das sociedades francesas de Neurologia e Electroencefalografia, devendo regressar a Lisboa no próximo dia 8 de Dezembro.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 16°,8; mínima, 8°,3.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 14°,6; mínima, 7°,7.*

Um pintor
sem mãos

WELLINGTON, 22—Um artista de 33 anos, J. H. Parkinson, de Hastings, Hawkes Bay, pinta com a boca.

Perdeu os braços num acidente com um tractor, quando trabalhava numa quinta, há 15 anos. — (R.).

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
DOMINGO, ÀS 16 HORAS
Temporada comemorativa dos VINTE ANOS DA FUNDAÇÃO da ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA
DR. IVO CRUZ
Solista: ERVIN LASZLO (piano)
Abertura ... ... Seixas
1.º Concerto para piano ... ... Liszt
Sinfonia (Novo Mundo) ... ... Dvorak
TRAJE DE PASSEIO
A bilheteira abre amanhã às 13 horas
Os menores a partir de 6 anos, podem assistir a este espectáculo
Piano Grotian-Steinweg da casa Custódio Cardoso Pereira

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS
compra cobrindo todas as ofertas
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta, 253 — Telef. 2 4564

Vinhos gaseificados
SURPRESA
actualmente no mercado

PELO CORREIO, 12$50 em selos
COUTO, LDA. — Porto
L. DE S. DOMINGOS, 106

VIDA LITERÁRIA

LIRA DE ÓIRO

AS DUAS MOSCAS

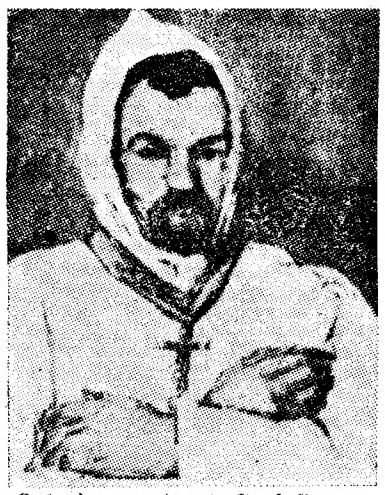
de *Júlio Dantas*

No pequeno tremó do quarto de Isabela,
Flor de carne e de luz que Rubens pintaria,
Duas moscas subtis disputavam um dia
A graça espiritual de ter poisado nela.

—«Sou mais feliz que tu, pude senti-la e vê-la»
—«E eu beijei-a, a tremer, no leito em que dormia!»
—«Ao poisar-lhe na mão, julguei-a neve fria!»
—«E eu julguei-me.—ilusão!—poisada numa estrela!»

—«A mais feliz sou eu, porque a via nua!»—«Louca minha asa doirada andou na sua boca!
Beijei, sofregamente, os beijos que ela deu!»

—«Não digas a ninguém: eu poisei, há um instante,
Nas lágrimas de fel que a fez chorar o amante...
Poisei sobre a sua alma:—a mais feliz sou eu».



«O frade», quadro de Paul Cezanne

«Mulheres de Tehuantepec», aguarela de Rivera

O PRETO NO BRANCO

Solilóquios de Malaquias

de RAMADA CURTO

Primeiro solilóquio:

— Aqueles dois homens que ali vez são dois especuladores. Um, o que vai a pé especula em ideias. E' filósofo. O outro o que vai de «Cadillac» especula na Bolsa e em todos os ramos de especulação rendosa. E' o especulador propriamente dito. O primeiro já publicou três livros. O segundo já respondeu três vezes por especulação. Não sei se os três livros do primeiro se têm vendido. Os dois primeiros processos do segundo terminaram por uma absolvição. Os juizes são imparciais e justos e absolveram por que o tamanho da especulação era uma coisa tão astronómica, tão grande, que os julgadores entraram em duvida e in dubio pro reo. *Uma grande pouca vergonha é muitas vezes mais complicada do que um sistema filosófico. No terceiro processo o segundo homem foi condenado por se tratar de uma especulação modesta, acessivel, terra á terra, igual a milhares de especulações semelhantes. A actividade daqueles dois homens exerce-se, portanto, em dois campos diferentes — a do primeiro nas ideias, nas nuvens. A do segundo nos factos. A do primeiro não tem conteudo nenhum. A do segundo está cheia de conteudo, podendo mesmo dizer-se que não tem senão isso. O primeiro é metafisico e o segundo é técnico. Toda a gente compreende, e justifica as maravilhas da técnica. Mesmo quando as não compreenda aceita-as e utiliza-as. Os problemas técnicos com que se elabora uma mariolada que resulta denotam esperteza, habilidade, jeito. Os problemas metafísicos tanto podem ser obra de um génio como de um maluco. Os segundos são concretos, os primeiros abstractos. Um homem como o primeiro destes dois especuladores trata de questões que estão no limite extremo do que se pode conhecer: a ideia e a coisa, o finito e infinito, a necessidade e a liberdade, a criação e a evolução, etc. São coisas que se debatem há milénios sem solução. Os filósofos, mal comparado, são como aqueles pobres bichos a quem tapam os olhos, amarram ao pau de uma nora e ficam a andar á roda, á roda, á roda, interminavelmente. Um*

(Continua na página central)

«Fogo na noite escura»

de Fernando Namora

Fernando Namora está publicando, sucessivamente, edições refundidas das suas obras, que o publico tanto tem distinguido e que, merecidamente, o levaram á Academia das Ciências. Coube agora a vez ao «Fogo na noite escura», de que saiu, cuidadosamente revisto pelo autor, o sétimo milhar. Trata-se de uma das obras mais caracteristicas de realismo do brilhante romancista.

Poeira do Mundo

- **Foi descoberto na igreja de San Spoleto, cerca de Arezzo, o tumulo do grande pintor Piero della Francesca, que a crítica moderna considera um dos mais notáveis artistas da Renascença.**
- **Foram entregues pela família de Thomas Mann a uma universidade suíça, dois manuscritos, provávelmente, romances, e um diário do autor da «Montanha Mágica». Deram ali também entrada os livros e o mobiliário do seu gabinete de trabalho.**
- **Em 1955 venderam-se, nos Estados Unidos, milhares de discos, gravados de musica clássica. Só da «IX Sinfonia», de Beethowen, foram adquiridos 130 mil exemplares.**
- **O XXI aniversário dos «Pinguin Books» foi agora celebrado na Inglaterra, coincidindo com a publicação do volume n.º 1.200. Um dos êxitos desta colecção foi a «Odisseia», de Homero, que constituiu um autentico «best-seller. Venderam-se já 750 mil exemplares.**
- **Quais as óperas escritas no século XX que têm possibilidades de ultrapassar o nosso tempo? Fez-se um concurso em Milão, tendo sido as mais votadas: «Worseck», de Alban Berg; «Pelleas e Melisande», de Debussy, e «Salomé», de Ricardo Strauss.**

os nossos contos

CENA FINAL

por **VEIGA CINZA**

A CENA passa-se no 3.º e ultimo acto. Afonso, que andava desconfiado da infidelidade da mulher, vem encontrá-la na companhia de um desconhecido. A confusão de ambos denuncia o grave compromisso que os liga. A mulher ainda tenta justificar-se, mas Afonso recusa-se a ouvi-la. Repele-a bruscamente. Ao mesmo tempo, saca uma pistola da algibeira e por três vezes desfecha sobre o intruso que se atreveu a infamar o seu nome e a sua casa. O homem, mortalmente ferido, leva as mãos ao coração e tomba junto da mulher que o perdeu.

A cena é de um realismo impressionante, sobretudo pelo aspecto tresloucado da mulher, que não sabe se há-de amaldiçoar o marido se socorrer o amante. Decide-se a vingar este último. Num gesto arrebatado, indiferente ao perigo a que se expõe, consegue apoderar-se da arma do marido, que olha apático a obra que consumou. Depois, impelida por um desespero que só na acção violenta poderá apaziguar-se, alveja-o em pleno peito, dando-lhe morte imediata.

O pano desce para evitar que mais alguém morra daquela maneira. E a assistência, cansada já da ignorancia do marido, da impunidade do amante e da perfidia da mulher, patenteadas ao longo de três actos antipáticos (ainda que magistralmente conduzidos), aplaude com frenesi o remate que veio pôr termo ao constrangimento de uma noite.

Até aqui tudo se passava no palco, dentro do convencionalismo de todas as peças teatrais que procuram, com mais ou menos verosimilhança, reproduzir as paixões humanas.

Mas acontecia que Afonso (na existência real chamado Rodrigo) era infeliz na vida conjugal. Sua mulher, com quem se casara num arrebatamento amoroso, deixara de ser para ele o ente afável dos primeiros tempos, dando-lhe aso ás mais crueis suspeitas.

Logo por desagradável coincidência coubera-lhe naquele drama, em exibição há quatro meses consecutivos, um papel que se adaptava ás circunstancias da sua vida particular. Pensou em rejeitá-lo; mas receou que pudessem tirar dessa atitude a confirmação dos ocasionais zunzuns que corressem a respeito do seu lar. Pareceu-lhe mesmo que a ausência de relutancia em encarnar a personagem de marido atraiçoado faria desvanecer qualquer maledicência que o atingisse.

(Continua na página seguinte)

O bailado do labirinto

Uma admirável escultura cenica de «ballet», da grande artista americana Martha Graham, na «Corrida do Labirinto», com Stuart Hodes

LIVROS E AUTORES

COMENTARIOS DE ARTUR PORTELA

História

LEONOR TELES, O GRÃO DOUTOR E O SANTO CONDESTÁVEL

por Carlos Selvagem

Gostamos de o ver atravessar a cidade, de monóculo em riste, á Mousinho a brandir a bengala como se fosse uma espada.

Tem uma figura desempenada e altiva, um pouco guerreira, como convém á farda que enverga, que o vincou profundamente, mesmo quando veste a roupa futrica do cidadão comum.

Noutro tempo lidamos muito, no centro e na periferia das ribaltas, ele autor, com rajadas sacudidas de talento, de que «Entre Giestas» e «Ninho das Águias», são, porventura, as peças mais representativas. Um dia, porém, depois de uma ausência dele, voluntária ou compelida quase nos esquecemos de apertar as mãos ao voltar de uma esquina do Chiado. Nem por isso negámos admiração a Carlos Selvagem, nome de guerra de Carlos Afonso dos Santos, com bravura de cavaleiro, sempre em audaciosas rodomontadas quixotescas. A certa altura lemos, numa entrevista, aqui mesmo concedida, certa ironia com sobrescristo ao crítico, que adregara de publicar um volumeco, cujo título as tubas, nem sempre canoras da fama, reptiam. Que mal vinha ao mundo de haver mais um livro, nas bibliotecas pulverulentas, entre milhares, milhões, biliões de indivíduos semelhantes?! Mas não acusámos o toque e, na primeira vez, que o monóculo de Carlos Selvagem faiscou na Rua Garrett, sobre a máscara varonil, apressámos a cumprimentá-lo, para que não julgasse que estávamos irritados ou melindrados, como as flores, que vivem na clausura das estufas.

Eis-nos agora em frente de um belo e documentado estudo, verticalmente, penetrante, publicado, na Colecção Histórica de Portugal—e que se intitula: «Leonor Teles, o Grão Doutor e o Santo Condestável». De duas uma: ou nos ocupamos imediatamente da obra, num primeiro diagnóstico, como médico que prescinde de análises e de outros exames, ou nos demoramos na sua leitura, para papaguear uma copiosa lição crítica, com alarde erudito, elogios calorosos, e esta ou aquela discrepancias, o que não servirá o autor, nem o publico, nem o próprio livro.

Escolhemos, pois, o ultimo caminho. Na fábula teatral, nos mistérios do romance, nos relatórios dos governos das províncias de Africa, ou seus roteiros, estes ultimos com Henrique Galvão—o autor escreve com a mesma precisão viril, o mesmo fremito emocionante, a mesma verdade humana de que o seu carácter resoluto é um exemplo.

Carlos Selvagem nunca é banal ou curial. Literato, repassado da lição dos clássicos. Carlos Selvagem é, eminentemente, um escritor de acção, de energia criadora, de realidade vigorosa que avança, ataca, replica, luta sempre, mesmo quando os ultimos redutos da sua razão sejam directamente ameaçados.

Neste livro, Carlos Selvagem não faz ficcionismo, nem requer interpretação. Estrutura a sua obra, que se pode classificar de documental, nas raízes da alma popular.

CARLOS SELVAGEM

Como que lhe cria um fundo vivo animado, pitoresco, á Fernão Lopes, de tal maneira que nós vemos e ouvimos a multidão. Melhor ainda, as ondas marulhantes, que se sucedem, cada vez mais fortes, mais altas, até rebentarem, furiosas e implacáveis com detritos á tona, sem duvida, mas levando, arrazando tudo em furia implacável na sua frente.

Carlos Selvagem de resto, no prefácio caracteriza lapidarmente, esse impulso que deu á Nação, a varonil consciência da hora decisiva, quando escreve que a crise íntima de Portugal, no século XVI levou a *uma revolução nacional, quiçá a unica revolução verdadeira, espontanea, que no País se produziu.*

Bem sabemos que Carlos Selvagem, aliás sem orgulho de «clerc», baseado em factores históricos, fala das elites catalizadoras da rebelião das massas. O seu ponto de vista é maturado por uma justa observação, até mesmo quando determina as forças que se integram ou completam, á superfície, embora agindo, subterraneamente, por elementos de interesse pessoal.

Simplesmente, Carlos Selvagem ao evocar «o quadro desse drama histórico» aponta as figuras vivas de expressão nacional, que souberam encarnar ou defender, no campo da batalha e no terreno juridico, novas concepções, — uma, estratégica, outra, de direito humano, — a alma e o corpo de Portugal. São páginas luminosas as deste livro, de timbre histórico nas quais Nun'Alvares e João das Regras são biografados ao vivo, bem como os dois reis: D. Fernando e D. João I, a loura e vulpina Leonor Teles e muitas outras figuras, todas, afinal, protagonistas e comparsas dessa acção, em que jogamos tudo contra a força do destino, vencendo-o, duplamente, com o génio das armas e da eloquência—bélica e civilmente, afinal.

Carlos Selvagem evoca a época, num quadro intenso de dramatismo. Não esquece um pormenor. Traz a luz factos curiosos, da pequena e da grande época, que elucidam não, apenas, a evolução dos acontecimentos, mas a razão dos homens.

A sua prosa sanguínea, nervosa, palpitante, ressoa, com o rumor do ferro e do aço, neste livro, que ficará como um dos mais expressivos documentos da vida nacional.

(Empresa Nacional de Publicidade).

POESIA

A VOZ E O CIRCULO

de Mendes de Carvalho

Há uma autenticidade viva de poeta em Mendes de Carvalho. E' claro que a explicação lírica do autor, suas circunstancias existenciais, motivos temáticos, etc., que se lêem na marginália da capa, são tão, pessoalmente, literárias, que é fácil identificar o seu autor. Do curriculum vitae ressalta esta afirmação: Mendes de Carvalho é um «isolado». «A ilha, onde começou a viver ondula continuamente em todos os sentidos, acontece como as suas palavras, o calor e o frio».

Não é mau ter uma ilha que, geográficamente, não existe, mas que espiritualmente nos pertence. Ilha perdida, ilha abandonada, ilha do silêncio, ilha de um só—como um novo Robinson Crusoé.

Fugir do Mundo para não o encontrar—para nos encontrarmos só nós! Admirável se a ficção cria a realidade, neste Mundo agitado e perturbante, em que já a cibernetica não só labora, mas pensa pelo indivíduo. Felicitamos pois Mendes de Carvalho de, existindo, vivendo mundanalmente, se ter exilado nessa flutuante parcela planetária.

«A Voz e o Círculo», seu ultimo livro de versos, afirma uma singular vocação. Talvez que a «voz» seja melhor do que o «círculo». Isto é, ele próprio e não a periferia do que analisa ou transfigura em seus acordes ritmícos. Os seus versos são, por vezes, de uma linha entrecortada, mas outras, denunciam a tensão eléctrica de um espírito carregado de emoção e inspiração.

Quanto mais simples são os seus poemas, como o que tem por título «Primeiro», mais fina é a sua essência, mais profusa a sua sinceridade. Ora leiam o princípio do poema:

A água do mar
vem mesma mansinha,
vem mesma mansinha,
ao menino que brinca
aos sonhos num barco
de cor encarnada
de quilha de lata,
a vela rasgada.

A água do mar
vem mesma mansinha,
vem mesma mansinha.
E uma vez, só uma vez
nas mãos do menino
um castelo nasceu
com altas muralhas
pontes levadiças
canhões apontados.

Mas o vento diz:
a água do mar
não gosta de guerras!
E manso, mansinho,
a maré vai subindo
levando o castelo
nos dedos gelados
—fugindo, fugindo.

Como vêem Mendes de Carvalho é um poeta de intenções, no qual acorda a voz da infancia, que serve de som e imagem aos símbolos de hoje.

ARTE BELGA

O cavalo ainda se lembra que foi centauro para assim se apaixonar pelas ninfas?

Eis o problema que nos propõe o artista belga Henri van Straten.

Garcia Lorca

visto por Eugénio Montes

Acerca de Garcia Lorca diz Eugénio Montes, que esteve de passagem por Lisboa a caminho de Goa:

—Conheci Federico Garcia Lorca em 1922 no Café de Platerias. Foi-me muito simpático. Irradiava simpatia pessoal, e passámos a escrever-nos. Quando publicou «Romancero gitano» escrevi-lhe que reunisse a sua biografia para a segunda e seguintes edições. Então recebi dele uma carta tão cheia de modéstia que sinto tê-la perdido, como perdi tantas coisas durante a guerra. Não aprovo nem comparto a visão de algum francês acerca de Federico, como também não comparto a dele acerca duma Andaluzia em que os ciganos aparecem como representativos de Espanha. E' possivel que, se Federico vivesse, tivesse sentido a Espanha que nós vemos e queremos.

Monografias da arte belga

O Ministério da Instrução belga vem editando uma série de livros de arte dos seus pintores e escultores mais representativos. Todas as monografias obedecem ao mesmo elegante padrão estético e topográfico. Além da biografia do artista, assinada por um escritor de vulto, que o situa no ambiente próprio e identifica as suas caracteristicas plásticas, reproduzem-se as suas melhores obras. Recebemos e agradecemos: «Adolphe Wansart» (estatuário), por Henri Kerelis, e os pintores «Delahaut» e «Willem Paercl», respectivamente, estudados por Jean Séaux e Charles Bernard.

«Uma situação estranha»

pelo prof. dr. Raul Ventura

A Agência-Geral do Ultramar editou agora, em português, francês e inglês, o discurso que o sr. professor dr. Raul Ventura proferiu, em Julho ultimo, no acto de posse do governador da Guiné.

Aproveitando a circunstancia do sr. dr. Silva Tavares ter desempenhado anteriormente funções em Goa, o ministro do Ultramar pronunciou então oportunas palavras sobre a situação daquela parcela do território nacional, em face da atitude da União Indiana e, dada a clareza com que pôs o problema, suas palavras constituem um depoimento valioso que interessa divulgar. Eis, pois, a justificação da iniciativa da Agência-Geral do Ultramar, ao editar agora esta publicação, sob o título de «Uma situação estranha».

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da página anterior)

Todas as noites — sabe Deus com que animo! — ele tinha de enfrentar a situação angustiosa de ir surpreender a «sua» mulher nos braços do sedutor.

Pouco a pouco, foi-se impregnando da alma do protagonista, transmitindo aos ciumes que a pungiam a revolta silenciosa do seu caso pessoal. Lamentava, apenas, que a arma de que se servia não estivesse carregada com balas verdadeiras, para saciar no «seu» rival o ódio que lhe inspirava o fantasma do outro, produto diabólico de uma convicção arreigada.

Entretanto, o seu inferno doméstico não se alterava. A mulher continuava a invocar toda a espécie de pretextos para se eximir ás demonstrações do seu afecto, dando-lhe moralmente a certeza de que alguém existia na vida dela que usurpava o lugar que a ele pertencia. Estava mesmo convencido de que, enquanto o espectáculo o retinha no teatro, ela se comportava menos dignamente. Em casa, e não no palco, é que ele devia desabafar, a sério, a cólera de marido ludibriado.

A ideia foi ruminando no seu espírito combalido. Até que, nessa noite, introduziu carga autêntica na pistola que habitualmente manejava.

O que se passou foi fulminante. O rival da peça sucumbe de verdade, sem que o publico se aperceba da fatalidade da agressão; e a própria actriz, quando dispara sobre o «marido», fá-lo no desconhecimento absoluto de que vai cometer um crime. Rodrigo, para ser vitima da sua pontaria certeira, aproxima-se mais do que o costume da arma que ela empunha.

Como era de esperar, o publico desta vez aplaudiu frouxamente o desenrolar sangrento daquele desenlace, pois tanto o amante surpreendido como o marido desvairado imprimiram aos sintomas da morte um relevo um tanto ou quanto artificial — eles que para sempre ficaram prostrados no tablado que os consagrara como grandes artistas que eram.

VEIGA CINZA

A protecção à criança

como medida preventiva contra a tuberculose é um dos grandes aspectos *da obra de Bissaia Barreto*

A aposentação do prof. Bissaia Barreto, por ter atingido o limite de idade, chamou mais uma vez as atenções sobre a vasta obra de profilaxia de protecção á mãe e á criança, levada a cabo pelo ilustre homem de ciência, á frente da Junta da Província da Beira Litoral.

Se, por um lado, o desenvolvimento de uma intensa e eficaz rede de combate á tuberculose, «a tarefa mais urgente entre os problemas a resolver,» que teve na criação da Obra Antituberculosa de Coimbra o centro de irradiação para grandes realizações, constituiu um dos objectivos do espírito profundamente humano de Bissaia Barreto, por outro a protecção á mãe e á criança pode dizer-se que completou a generosa cruzada que encheu toda a sua vida.

A pesada mortalidade infantil, a insuficiência da educação sanitária da mulher e outros factores alarmantes com que Bissaia Barreto deparava, no seu dia a dia de médico e de cirurgião, levaram-no a afrontar o problema em toda a sua magnitude. Se as estatísticas diziam tudo, a observação constante confirmava-o. E assim pôs de pé a Obra de Protecção á Mulher Grávida e á Criança, para reduzir os trágicos efeitos que davam uma mortalidade anual de 20.000 crianças perdidas para a vida antes de completarem um ano de idade! Era axiomático que, para combater a tuberculose, se tornava necessário começar por defender, simultaneamente, a mãe e o filho. A protecção á criança surgiu então, na Província da Beira Litoral, sob vários aspectos, entre os quais a benemérita obra do Ninho dos Pequeninos, que teve a sua contra-partida no Preventório de Penacova, donde todos os que sairam o fizeram em condições de continuar a viver. Vieram depois as escolas de Educação e de Trabalho, para rapazes e raparigas, em pleno campo, saídos do Preventório de Penacova com a idade de 12 anos e com o exame da 4.ª classe. Homens de hoje, saídos dos vários organismos da Obra de Protecção á Mulher Grávida e á Criança, constituem agora pela sua robustez física, uma garantia irrefutável da eficácia desta obra.

Nascidos na Maternidade, passando pelo Ninho dos Pequeninos, transferidos para o Preventório de Penacova e instalados, em pleno crescimento, nas escolas de Educação e Trabalho, todos esses rapazes e raparigas representam vidas arrancadas á morte, através de uma obra notável sob os aspectos moral e social. E todos ficam a ser, pela vida fora, pupilos da obra assistencial da Junta, a qual procura auxiliá-los com a obtenção de empregos e ajudas de toda a ordem. E, por ultimo, quando a velhice ou a invalidez lhes baterem á porta, terão ainda o Asilo dos Velhos, em Semide, onde passar um fim de vida tranquilo e sereno.

Eis, a traços largos, uma obra grandiosa que toma conta da criança, por assim dizer ainda no ventre da mãe e que transforma num ser forte, educado e instruído, enfim um bom cidadão—física, profissional ou moralmente—capaz de ser util á família e á nação.

A par desta cruzada, uma outra lançou—entre tantas—o prof. Bissaia Barreto, sob a legenda «Tornemos felizes as crianças da nossa terra!». Para lhes proporcionar uma infancia alegre e saudável, a Junta da Província da Beira Litoral, instituiu em vários locais aprazíveis colónias de férias, precedidas pelas Casas da Criança, com os seus serviços sociais e educativos que permitem o desenvolvimento das faculdades naturais e a formação do carácter. São instituições para o período pré-escolar, que envolvem também um dispensário de puericultura, creche, parque infantil, etc. Distribuidas por vinte localidades da Província da Beira Litoral, constituem uma iniciativa de alto valor. Cada uma que se abre equivale a uma enfermaria que se fecha.

Como fulcro desta obra em prol da criança, o «Portugal dos Pequeninos», em Coimbra—verdadeira cidade de miudos—é, por si só, o símbolo vivo de uma cruzada nacional em prol da infancia, que teve no Instituto Maternal natural complemento.

Nestas breves linhas está condensada pequena parte de uma obra genial que deixa o nome de Bissaia Barreto indissoluvelmente ligado ás grandes tarefas em prol de um povo melhor, mais forte e mais feliz.

Crianças na Colónia de Férias Oliveira Salazar, na Figueira da Foz, sob a legenda da campanha em seu favor

Construção em Braga

de moradias de renda económicas

BRAGA, 21.—No edifício dos Paços do Concelho foi aberta a unica proposta que apareceu, para a construção de um bloco de quarenta e oito moradias de renda económica, por iniciativa da Federação das Caixas de Previdência, a erguer nos terrenos a Sul da Escola Técnica, já adquiridos para o efeito.

A proposta apresentada atinge 4.168.010$00.

Cortejos de oferendas

Está definitivamente marcado para o dia 2 de Dezembro o cortejo de oferendas a favor do Hospital da Misericórdia de Alijó.

— Foi marcado para o dia 27 do corrente o cortejo de oferendas a favor do Hospital de S. Marcos (Braga).

Vida musical

O 20.º aniversário da Orquestra Filarmónica de Lisboa

A Orquestra Filarmónica de Lisboa apresenta no próximo domingo, ás 16 horas, em S. Carlos, o segundo «Domingo Sinfónico», integrado nas comemorações do vigésimo aniversário da sua fundação.

Neste concerto colabora o pianista americano Ervin Loszlo, primeiro prémio do Concurso Internacional de Génova, que interpretará o «Concerto n.º 1», de Liszt, para piano e orquestra. Além desta obra, a Filarmónica de Lisboa, sob a direcção do dr. Ivo Cruz, seu fundador, apresentará a «Abertura», de Seixas, e «Sinfonia do novo mundo», de Dvorak.

Juventude Musical Portuguesa

Realiza-se no próximo dia 28, no Pavilhão dos Desportos, um espectáculo com as óperas «Mese Mariano» de Giordano (1.ª audição em Portugal) e a «Cavalleria Rusticana» de Mascagni. Colaboram a Orquestra de Concerto da E. N., dirigida pelo mestro Frederico de Freitas, artistas nacionais e elementos do corpo coral do Teatro de S. Carlos.

Este espectáculo tem o patrocinio da J. M. P., cujos sócios poderão levantar os seus bilhetes, na respectiva sede, nos dias 23 e 24, das 18 ás 20 horas.

Reunião da Tertúlia

da «Avenida das Tílias»

No próximo sábado, a Tertulia da «Avenida das Tílias» reunir-se-á num jantar de confraternização, para descerramento duma cabeça de toiro que fora oferecida pela Empresa de Toiros de Badajoz, em 1904, ao bandarilheiro português Tomás da Rocha.

O cornupeto, que pertencia á ganaderia de Saltillo, fora bandarilhado por aquele nosso compatriota e estoquiado pelo espada António Montez.

Os campeões olímpicos da actualidade

Nos ultimos Jogos Olímpicos (XV), realizados em Helsínquia, em 1952, consagraram-se campeões:

ATLETISMO
(Masculino)

100 metros—Remigino (E. U.), 10,4 s.
200 metros—Stanfield (E. U.), 20,7—R. O.
400 metros—Rhoden (Jamaica), 45,9—R. O.
800 metros—Whitfield (E. U.), 1 m. 49,2 — R. O.
1.500 metros—Barthel (Luxemburgo), 3 m. 45,2—R. O.
5.000 metros—Zátopek (Checosl.), 14 m. 06,6—R. O.
10.000 m.—Zatopek (Checosl.), 29 m. 17 s.—R. O.
Maratona—Zatopek (Checosl.), 2 h. 23 m. 03,2 s.—R. O.
110 barreiras—Dillard (E.U.), 13,7 s.—R. O.
400 barreiras—Moore (E. U.), 13,7 s.—R. O.
3.000 obstáculos—Ashenfelter (E. U.), 8 m. 45,4—R. O.
4×100 metros—Estados Unidos, 40,1 s.
4×400 metros—Jamaica, 3 m. 03,9 — R. O.
10.000 m. marcha—Mikaelsson (Suécia), 45 m. 02,8 s. —R. O.
50.000 m. marcha—Dordoni (Itália), 4 h. 28 m. 07,8 s. —R. O.
Altura—Davis (E. U.), 2,04 metros—R. O.
Comprimento—Biffle (E. U.), 7,57 metros
Vara—Richards (E. U.), 4,55 metros—R. O.
Triplo—Ferreira da Silva (Brasil), 16,22 metros—R. O.
Peso—O'Brien (E. U.), 17,41 metros—R. O.
Disco—Iness (E. U.), 55,03 metros—R. O.
Dardo—Young (E. U.), 73,78 metros—R. O.
Martelo—Csermák (Hungria), 60,34 metros—R. O.
Decatlo—Mathias (E. U.), 7.887 pontos—R. O.

(Feminino)

100 metros—Jackson (Austrália), 11,5 s.—R. O.
200 metros—Jackson (Austrália), 23,7 s.—R. O.
80 m. barreiras—Strickland (Austrália), 10,9—R. O.
4×100 metros—Estados Unidos, 45,9 s.—R. O.
Altura—Brand (Africa do Sul), 1,67 metros
Comprim.—Williams (Nova Zelandia), 6.24 m.—R. O
Peso—Zybina (Russia), 15,28 metros—R. O.
Disco—Romashkova (Russia), 51,42 metros—R. O.
Dardo—Zátopkova (Checoslováquia), 50,47 m.—R. O.

BASQUETEBOL

Estados Unidos (v. Russia, na final, 36-25)

BOXE

Mosca—Brooks (Estados Unidos)
Galo—Hämäläinen (Finlandia)
Pluma—Zachara (Checoslováquia)
Meio-ligeiro—Bolognesi (Itália)
Ligeiro—Adkins (Estados Unidos)
Leve—Chychla (Polónia)
Meio-médio—Papp (Hungria)
Médio—Patterson (Estados Unidos)
Meio-pesado—Lee (Estados Unidos)
Pesado—Sanders (Estados Unidos

CICLISMO

1.000 metros—Makridge (Austrália), 1 m. 11,1 s.—R. O.
1.000 metros («sprint»)—Sacchi (Itália), 12 s.
2.000 metros «tander»—Austrália, 11 s.
4.000 metros (equipas)—Itália, 4 m. 46,1
Estrada (equipas) (190,4 kms.)—Bélgica, 15 h. 20 m. 46,6 s.
Estrada (individual (190,4 kms.)—Noyelle (Bélgica), 5 h. 6m. 03,4 s.

ESGRIMA
(Masculina)

Florete (indiv.)—D'Oriola (França)
Florete (equipas)—França
Espada (indiv.)—Mangiarotti (Itália)
Espada (equipas)—Itália
Sabre (equipas)—Hungria

(Feminina)

Florete (individual)—Camber (Itália)

FUTEBOL

Hungria (v. na final Jugoslávia, 2-0)

GINÁSTICA
(Masculina)

Equipas—Russia, 574,40 pontos
Individual—Chukarin (Russia), 115,70
Paralelas—Eugster (Suíça), 19,65
Barra-fixa—Günthard (Suíça), 19,55
Argolas—Shaginyan (Russia), 19,75
Cavalo com arções—Chukarin (Russia), 19,20
Movimentos livres—Thoresson (Suécia), 19,25
Saltos de cavalo—Chukarin (Russia), 19,20

(Feminina)

Equipas—Russia, 527,03 pontos
Individual—Gorokhovskaya (Russia), 76,78
Aparelhos manuais—Suécia, 74,20
Barras assimétricas—Korondi (Hungria), 19,40
Trave equilíbrio—Bocharova (Russia), 19,22
Movimentos livres—Keleti (Hungria), 19,36
Salvos de cavalo—Kalinchuk (Russia), 19,20

HÓQUEI EM CAMPO

India (v. na final Holanda, 6-1)

HALTEROFILISMO

Galo—Udodov (Russia), 315 quilos—R. O.
Pluma—Chimishkyan (Russia), 337,5 quilos—R. O.
Meio leve—Kono (E. U.), 362.5 quilos—R. O.
Leve—George (E. U.), 400 quilos—R. O.
Médio—Lomakin (Russia), 417,5—R. O.
Meio-pesado—Schemansky (E. U.), 445 quilos—R. O.
Pesado—Davis(E. U.), 460 quilos—R. O.

LUTA
(Livre)

Mosca—Gemici (Turquia)
Galo—Ishii (Japão)
Pluma—Sit (Turquia)
Meio-leve—Anderherg (Suécia)
Leve—Smith (E. U.)
Médio—Cimakuridza (Russia)
Meio-pesado—Palm (Suécia)
Pesado—Mekokishvili (Russia)

(Greco-romana)

Mosca—Gurevich (Russia)
Galo—Hódos (Hungria)
Pluma—Punkin (Russia)
Meio-leve—Safin (Russia)
Leve—Szilvási (Hungria)
Médio—Grönberg (Suécia)
Meio-pesado—Groöndhal (Finlandia)
Pesado—Kotkas (Russia)

NATAÇÃO
(Masculina)

100 metros—Scholes (E. U.), 57,4 s.—R. O.
400 metros—Boiteux (França), 4 m. 30,7—R. O.
1.500 metros—Konno (E. U.), 18 m. 30,3—R. O.
100 m. costas—Oyakawa (E. U.), 1 m. 05,4—R. O.
200 m. bruços—Davies (Austrália), 2 m. 34,4 s.—R. O.
4×200 metros—Estados Unidos, 8 m. 31,1 s.—R. O.
Saltos trampolim—Browning (E. U.), 205,59 pontos
Saltos alto voo—Lee (E. U.), 156,28 pontos.

(Feminina)

100 metros—Szöke (Hungria), 1 m. 06,8 s.—R. O.
400 metros—Gyenge (Hungria), 5 m. 12,1—R. O.
100 costas—Harrison (Africa Sul) 1 m. 14,3 s.
200 bruços—Székely (Hungria), 2 m. 51,7 s.—R. O.
4×100 metros—Hungria, 4 m. 24,4 s.—R. O.
Saltos trampolim—Mc Cormick (E. U.), 147,30 pontos
Saltos alto voo—McCormick (E. U.), 79,37 pontos

POLO AQUÁTICO

Hungtia (v. na final Jugoslávia 2-2)

PENTATLO MODERNO

Equipas—Hungria, 166 pontos
Individual—Hall (Suécia) 32 pontos

VELA

6 metros—Estados Unidos, 4.870 pontos
Monotipo—Elvstroöm (Dinamarca), 8.209 pontos
5.5 metros—Estados Unidos, 5.751 pontos
Dragão—Noruega, 6.130 pontos
«Star»—Itália, 7.635 pontos

Presença humana
de António Ferro
pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

Nós fomos, durante tantos anos, dois amigos tão juntos, que nos encontrávamos todas as manhãs, ali, no velho Café Martinho e, mais tarde, nas noites do «Vigia», Avenida da Liberdade, quase ao dobrar da Rua das Pretas, tertulia de moços avançados que, então, desejavam a «sociedade nacional de belas-artes» transformada numa Sociedade Nacional de Belas-Artes».

Publicámos dois manifestos: «Vigia» e «Nós», o primeiro meu, o segundo de António Ferro.

Ali juntámos á volta da mesma mesa Ramón Gomez de la Serna, Guilherme de Torre e Picabia, vanguardistas na novela, na poesia e na pintura. Ferro aparecia todas as noites e quando um de nós publicava, á sua custa, um folheto de poucas páginas, logo ali o distribuíamos gratuitamente a amigos e a desconhecidos.

Só mais tarde, volvidos anos, surgiu a «Contemporanea» e o Teatro Novo, nos baixos do Tivoli, com «prémieres» agitadas, mistura de marujos na plateia e estreia de Francis, o nosso primeiro bailarino. Tudo tão longe já! No «Ventanal» de Ramón Gomez de la Serna, no Estoril, com uma «montra» bem rasgada sobre o Atlantico, nos encontrámos noites sem conta e fim. De volta, visitavamos o Oceano, arremetido e audaz em dias de invernia. Na «Quinta de Palmyra», novela de Ramón, vimos o Sol morrer em poentes trágicos de angustia e de beleza. Era o mais viajado de todos nós. Vivera em Angola e passara semanas em Paris. Fora amigo de Cocteau, cuja presença se encontra no fundo de toda a sua obra literária.

Possuia as primeiras obras de Cocteau, com dedicatórias, e deslumbrava-nos com a descoberta de Henri Duvernois, contista da época, morto cedo num inesperado encontro com a vida.

Armando Basto e Alberto Cardoso, entre outros, eram nossos amigos de quase todos os dias, quando se encontravam entre nós gozando férias de Paris ou a acumular saudades das noites de Montmartre, dos bairros longes ou das casas velhas de Malakoff.

Não é o descanso que importa ou conta na vida. Mais tarde, António Ferro sonhou um Secretariado da Propaganda Nacional e instalou-o em S. Pedro de Alcantara, numa das colinas da cidade. Do seu gabinete de trabalho, aberto a todos os escritores e artistas, sobrado velho do espírito, Lisboa dir-se-ia pintada num painel de sonho por Carlos Botelho, o «Botelho do sr. Parece-mal», que António Ferro, alfacinha do Largo do Intendente, (tal como Ricardo Espírito Santo, meu velho camarada de estudo), nunca mais abandonou.

No Intendente, com bica e fonte a correr sempre, ouvi ler os seus primeiros ensaios, os primeiros escandalosos paradoxos, numa saleta com janela para a rua, distante antecamara do seu gabinete de secretário nacional.

Durante algum tempo, sem desconfiarmos bem a razão—a vida—duas profissões opostas separaram-nos. A distancia, porém, nunca quebrou a nossa amizade de sempre, do tempo de Sidónio e de Filomeno da Camara ou das duas Faculdades que o mesmo destino juntou, em 1911, no Campo de Santana.

Ferro foi sempre igual a si próprio. Nunca se desmentiu. Na velha «Ilustração Portuguesa», num instante de preocupação financeira, pagou-me artigos que nunca escrevi ou que lhe entreguei mais tarde e não me recordo de ter visto publicados.

António Ferro era assim: certo e rente, sem palavras, nas horas incertas: estranho quando sabia os amigos seguros ou em posição firme.

E' bem possivel que fosse este o traço caracterológico que nos uniu vida fora até ao momento trágico da sua morte inesperada.

Foi um impenitente coleccionador de sonhos. Por tal viveu sempre numa bela viagem, mesmo quando se encontrava, por dever de ofício, ancorado no seu gabinete.

Pode dizer-se afoitamente que o sentido exacto da moderna propaganda nasceu, em Portugal, com António Ferro: a propaganda da terra e da grei, de todos os valores aparentes ou ocultos da nossa gente.

Tinha o sentido da existência comum, e sempre que a descobria valorizava-a para a eternidade. António Ferro combateu sem tréguas a mediania, a oleografia, o cromo, o mau gosto, o bonito com torcidos e sem estilo, a sala-de-espera de pensão barata e inóspita.

Deu sentido e hierarquia á arte popular desarrumada e, no aspecto turístico, lançou Portugal no estrangeiro com a elegancia e o tacto dum Jean Patou ou de um Christian Dior.

Levou Portugal, que tinha sempre no seu coração lisboeta, ao estrangeiro, vestido com decência e elegancia ou, quando o não podia fazer, com trajos populares estilizados.

A obra de António Ferro no Secretariado Nacional da Informação, a valorização dos artistas portugueses, a sua politica do espírito, está ainda por historiar com dignidade.

As campanhas de ódio ou de silêncio não conseguiram abalar a fé ou transviar a visão que sempre o orientou. Foi discutido e combatido em todos os sectores da sua actividade, ferido na sensibilidade de artista, magoado na sua alma lusíada.

A colecção de discursos que proferiu durante os anos em que orientou e dirigiu o Secretariado Nacional da Informação, discursos que, num gesto peculiar de elegancia, começou a editar quando já estava de abalada, em preparativos para a longa estadia na Suiça, ficou truncada.

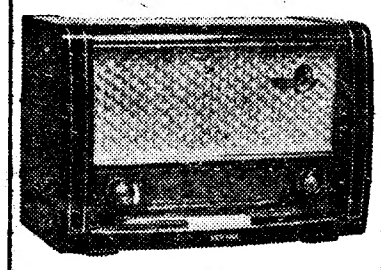
Nesses discursos se encontra do-

SCHAUB

KORALLE 56

ATENÇÃO!

APESAR DO SEU MODICO PREÇO ESTE MODELO REPRODUZ A MUSICA NA SUA MAXIMA NOBREZA



ESC. 2.550$00

COM SCHAUB NAO SE OUVE TELEFONIA OUVE-SE PURA MELODIA

Em **ALCACER DO SAL** o «Diário de Lisboa» vende-se na casa João André Monraia.

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 13.ª página)

homem como o segundo destes dois especuladores especula sobre petróleo, volframio, uranio, produtos industriais, fundos publicos e privados e até produtos agricolas como o vinho e as batatas e maritimos como o bacalhau. Tudo coisas que interessem directamente e profundamente a espécie. O filosofo inventa um sistema de nuvens mentais. Ora as nuvens mentais interessam muito menos do que as da atmosfera. As primeiras não dão nada; as segundas dão chuva. O segundo destes meus dois homens é, além de um homem que sabe ver, um homem que sabe actuar. Tem o meu voto.

Segundo solilóquio:

O meu primeiro homem, o filósofo, decidiu-se a abandonar as nuvens. Escreveu um livro sobre moral, baseado este, já, na observação e na experiência. E' uma espécie de vade-mecum *curioso. Faz preceder um capitulo que tem nesse livro de dois versos de Guerra Junqueiro, que vem no seu poema, «A Pátria». São estes:* «ante a Justiça recta e verdadeira/não há padre, nem madre, nem irmão».

Há nesse livro sinteses que eu não compreendo que me parecem cinicas, tais como esta:

—Quando não possas proclamar a Verdade o melhor que tens a fazer é estar calado.

E este outro:

—Para a maior parte dos homens a imagem da Justiça não é um gládio que corta a direito. E' a imagem desse gládio mergulhado na água e refractado. E essa imagem é falsa. A água em que o mergulham é feita com as paixões, os interesses, a estupidez e a má-fé ou a ingenuidade dos homens.

E ainda este:

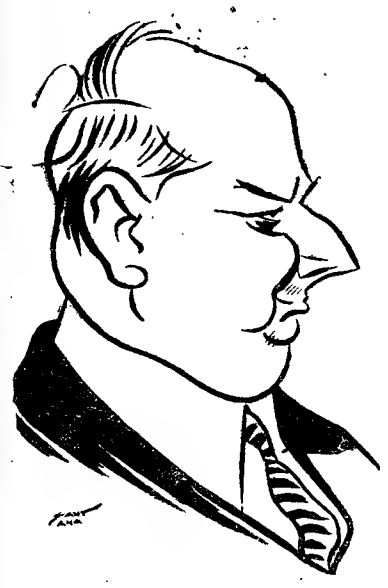
—O crime é sempre o crime, a crueldade é sempre a crueldade, o abuso da força é uma lei da selva. E' nobre o protesto das almas bem formadas. Mas os que não verberam todas as infamias — mas todas — tem só um direito — o de se calar. Ou um dever o de se deixar matar, como o Cristo, por todas as Verdades. Onde estão esses?

O livro deste meu moralista parece-me ainda mais abstruso que todas as suas metafisicas. Ele dá conselhos aos outros e não os segue ele próprio. Publica livros em vez de, como aconselha, estar calado. E' uma alma ingenua — no fundo. E talvez seja uma alma bem formada. Que hoje as almas bem formadas escasseiam. «Bemaventurados os que têm fome e sede de Justiça, por que eles encontrarão Misericórdia». Há um escritor francês que publicou um belo livro intitulado: «Grace encore pour la terre». E' uma esplêndida obra literária e uma suplica. Efectivamente a Graça — tarda. Até quando tardará? Até quando haverá assassinos?

RAMADA CURTO

O centenário
de Menendez Pelayo
comemorado na Academia

Em sessão publica, sob a presidência do sr. dr. Julio Dantas, a Academia das Ciências está a comemorar á nora a que escrevemos, o centenário do poligrafo espanhol Marcelino Menendez Pelayo, tão justo com as letras portuguesas que a Gil Vicente coloca acima do espanhol Juan de La Lucina. Na sessão da Academia fala de Menendez Pelayo o prof. D. Pedro Sainz Rodriguez, catedrático da Universidade de Madrid e antigo ministro da Educação no actual regime espanhol, membro da Real Academia Espanhola e da Real Academia da História. Apresenta o conferente, em breves palavras, o prof. Moses Amzalak, presidente da direcção do Instiuto de Altos Estudos e reitor da Universidade Técnica de Lisboa.



ANTÓNIO FERRO

cumentada, em frases difíceis de esquecer, parte da sua vasta obra, a grande obra que realizou a bem de Portugal e dos Portugueses. Não seria, agora, a ocasião propícia de completar a série interrompida, património de todos e não privilégio de alguns?

António Ferro parou nos que o amaram em todas as situações, nas longas horas de desanimo e nos breves instantes de triunfo, de certeza e exaltação.

Recordo o no meu gabinete de trabalho onde tantas vezes nos reuníamos por acaso ou por necessidade imperiosa de trocarmos sonhos, planos, visões, paisagens interiores, minutos vividos, recordações que nos enlaçavam.

Impressionou-me profundamente o seu aspecto quando o vi partir a ultima vez para Roma. Os fatos já lhe não pertenciam. A doença e a nostalgia tinham minado aquele arcaboiço de aparência forte. Não sei porquê, passei a adivinhá-lo depois em rumo de nostalgia.

Suíça, Roma, Paris... António Ferro, porém, ficou sempre secretário nacional da Informação, sentinela vigilante, embaixador extraordinário de Portugal junto de todos os escritores e jornalistas da Europa, que conhecia e estimava desde sempre, delegado permanente de Portugal nos cantos solidários dos «cafés» de Paris, nas ruas sem destino, nos salões literários, nas plateias dos teatros e cinemas, na Ópera ou na pequena «boîte», na casa da Calçada dos Caetanos ou no Buçaco em horas tristes ou de repouso.

Tal como Jean Cocteau, académico pela graça do destino e doutor h. c. pela Universidade de Oxford, nunca concebi o António Ferro do «Orfeu», da «Contemporanea» e do «Vigia», académico com numero ou sem numero, com fardão azul ou verde bordado a oiro sem quilate contrastado...

Partiu em viagem António Ferro, levando como unica bagagem vida interior, sonhos realizados ou mutilados.

Era meio-dia, sol a pino. Felizmente não chovia. Aos ombros dos amigos, dos colaboradores que ele teimosamente valorizou, lá foi a caminho do mundo imenso, ungido por aquela perfeição que só raros decifram.

Ficou, porém, presente para sempre nas páginas de beleza que escreveu, nas Pousadas que fez construir, com amor e carinho, em todo o País, na terra que valorizou, nos pequeninos motivos de arte popular a que deu alma, num Museu de Arte do Povo, na beleza de um cartaz, no colorido da capa de um livro, na história simples de contar de uma ingénua lenda popular, no ritmo e na harmonia de um bailado do «Verde Gaio», no sonho do húmus e da boa e simples gente de Portugal, na volta cantante de um rancho popular, na miniatura de um barco, na figurinha de um presépio de barro, no pórtico de uma exposição, no encontro de dois sonhos que se unem e entrelaçam para sempre.

Foi simples, humano, efusivo, trasbordante de sensibilidade, o jornalista, escritor e diplomata, António Ferro, que a morte levou em seus braços.

A. d'E.

DE VEZ EM QUANDO

António Ferro

por João Patrício

Nunca lhe falámos, nunca dele recebemos o mais leve favor ou atenção. Estamos por isso á vontade para, objectivamente, sobre os seus méritos, traçarmos meia duzia de linhas de justa e admirativa homenagem.

*

Numa terra em que as vincadas personalidades, os espíritos originais, superiores, que pairem acima da craveira comum, não abundam—raras vezes o talento e as qualidades de acção abrem caminho sem pagarem oneroso tributo á inveja e incompreensão dos medíocres.

António Ferro foi um espírito construtivamente revolucionário, no sentido em que revolução é índice de salutar inovação, de dinamico revigoramento de ideias e processos.

Medularmente artista, olhava o País como se fosse um belo e extasiante livro de Poesia, pelas páginas do qual «lia» em voz alta, a nacionais e estrangeiros, de forma aliciante e original, as tradições, costumes, paisagens, cultura, ó alacre e colorido folclore, o temperamento e as virtudes étnicas das terras e gentes de Portugal.

«Cavaleiro Andante» do século XX, levou assim ao conhecimento do Mundo, de longe (durante os longos anos em que esteve á frente do S. N. I.) e de perto (quando representante diplomático), a alma e o espírito da Casa Lusitana.

Garrett pôs Portugal a viajar em Portugal; Ferro, enternecidamente, colocou-o a peregrinar suas belezas e sortilégios por entre os povos das demais nações.

E que assim foi, o documenta, nobremente, o parcimonioso «Times», ao escrever que António Ferro, durante os dezasseis anos em que dirigiu o Secretariado Nacional da Informação, fez com que as «realizações portuguesas nos domínios científico, literário e artístico fossem divulgadas ao Mundo inteiro».

Outras referências da Imprensa estrangeira, são igualmente testemunhas de quanto lá por fora era apreciada a forte personalidade do fulgoroso jornalista.

«France Soir», por exemplo, afirma, em dada altura: «Foi graças a ele que, em 1940, grande numero de intelectuais franceses que fugia á opressão nazi encontrou asilo consolador e caloroso em Portugal».

Palavras de justiça, apenas de justiça...

Demolição

Um poema de Aura Abranches

(No aniversário da morte de Adelina Abranches)

Sim. Foi neste ano que ela terminou.
Mas principiou
a quando do leilão, que foi uma surpresa
que me encheu de tristeza.
O meu pobre conceito
não podia atinar
co'a razão de tamanho desrespeito
p'lo nosso antigo lar.
Nunca, na minha vida,
senti tanta vergonha e indignação.
Fugi, entontecida.
Não me quero lembrar do que sofri então.

Só uns meses depois é que voltei.
Porquê? Nem sei...
Era certo que a casa
ia ser demolida!
Dei comigo á janela a ver a terra em brasa,
ressequida,
as roseiras tombadas,
as vides empoeiradas...
tudo a morrer de sede!
Foi doloroso espanto o que senti primeiro;
depois, um arrepio,
o frio
das coisas mortas...
Dentro de casa, as portas
sem ninhum reposteiro...
Atiradas p'ra um canto da parede
pedaços de madeira
caídos de janelas sem vidraças...
Exércitos de traças
em doido movimento
na busca de alimento...
E nem uma cadeira,
uma jarra, um tapete no sabrado...
nada,
nada,
nada
que lembrasse o passado!
E tanto, tanto pó, tanta aranha p'los cantos,
ao centro dos seus mantos
de gaze acinzentada...
Por milagre do Sol, todo esse pó
que adeja também no ar,
parece um lindo veu
bordado a oiro...
Bendito seja o Ceu
p'la esmola de ilusão
dada aos meus olhos e ao meu coração!

Falta-me só
o animo de entrar
naquele seu escritório maneirinho
que é mais do que um tesoiro
para mim! Abro a porta, de mansinho...
com receio .. que irei eu desvendar?
Então, então... coragem!
E' preciso fazer esta romagem
de amor e despedida
á casa condenada...
á casa já perdida!

Respiro. Aqui não falta quase nada.
...é que os móveis não têm nenhum valor...
os tapetes perderam brilho e cor,
a moldura dos quadros é modesta,
não é de metal nobre
a lavrada bandeja...
o prateado é que encobre
a sua humilde origem.
Passo a mão pela testa
que me escalda e lateja,
num esboço de vertigem
Já se não sente aqui senão o fim de tudo.
O meu sentido agudo
acusa o toque e vibra intensamnte,
desesperadamente!
Deus meu... Quem tal havia de supor!
Não há aqui um livro... uma flor...
na frágil escrevaninha
falta a pasta pequena,
falta o papel, a pena
e o cinzeiro de prata
com a eterna «beatinha»
a macular a data
em que to deram, Mãe!
Está despida de tudo, a escrevaninha...
triste corpo sem alma... pobre morto!
Por isso mo deixaram... inda bem!
Nunca vi tanto quadro sujo e torto.
tanta coisa querida,
agora mal estimada, partida...

Também ficaram os retratos dela.
A colecção é bela!
São dezenas, as máscaras de dor,
de alegria, de raiva e de amor...
Do meio da parede até o tecto,
há retratos dos filhos e do neto
(os seus grandes amores!)
e de vários artistas, escritores,
caricaturas, versos...
o dourado das letras já sumido...
Na «vitrine», diversos
cartões de prata fosca e um sortido
de lembranças humildes, mas bonitas...
e molhadas de fitas
de cores nacionais e brasileiras;
pequeninas bandeiras,
um tarro de cortiça,
leques, livros de Missa,
uma «Ceia de Cristo»...
Mas porque choro eu, ao ver tudo isto?

Coisa misteriosa: uma haste daquela
frondosa trepadeira de glicínias,
que vive no canteiro só das zínias,
furou e entrou por baixo da janela
que nunca mais se abriu; e a rastejar
foi crescendo, crescendo, até chegar
bem junto da pequena escrevaninha
e aqui parou, viçosa, á sua beira.
Ao nascer-lhe depois uma filhinha,
indicou-lhe o caminho da cadeira
onde minha Mãe
se sentava a estudar ou a escrever a alguém.
A pequenina haste obedeceu...
para lá se estendeu
rodeando-a num abraço!

E eu pergunto: se há tanta luz lá fora,
o ar, e Sol, e espaço,
porque vivem agora
na meia escuridão
desta prisão
umas hastes tão cheias de vigor?

Pergunto mas bem sei... bem adivinho!
Por amor...
Por amor de quem tanto lhes queria
mas que um dia,
como ave que deserta do seu ninho,
abalou
e nunca mais voltou!
Vocês então quiseram, amorosamente,
fechar-se aqui, apenas p'ra viver
na saudade da grande amiga ausente!

Eu moro longe... não o posso fazer;
mas tenho vindo cá... e a qualquer hora,
para ver se consigo um pouquinho de calma...
e, afinal, vou-me embora
com a morte a roer-me a própria alma!

Bem contra o meu desejo
volto a ultima vez.
ORDEM DE DESPEJO.
Amanhã finda o mês
e tem que ficar livre toda a casa.

(Continua na página seguinte)

Associação de Proprietários

O sr. dr. Vasconcelos Carvalho foi nomeado advogado da Associação Lisbonense de Proprietários.

TOME NOTA
Volte a ser igual a si próprio com:
COMPRIMIDOS
HYPERSEX
Complexo Terapeutico

Compensador organico (não excitante) dos fortes desgastes do organismo, próprios de excessos ou da idade, para tratamento de:
Esgotamentos nervosos ou físicos, Neurastenias, Inapetência, Insuficiências glandulares (tipo masculino) etc.
Por tonificar alguns orgãos vitais auxilia o organismo a cumprir as suas funções.
Para maior garantia confirme com a opinião do seu médico.
Cx. de 45 comprimidos a 45$00.
P. médica (grátis) da FAL Apartado (Central) 142 — LISBOA.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL — A's 21 e 45 — «Alguém terá de morrer».
AVENIDA—A's 21 e 45—«Envelhecer».
TRINDADE—A's 21 e 45—«Amor de Perdição».
MONUMENTAL—A's 21.45 — «Testemunha de acusação».
VARIEDADES — A s 20 e 45 e ás 22 e 45—«Não faças ondas».
MARIA VITÓRIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«O Reboliço».
ABC—A's 20 e 45 e ás 22 e 45 — «Daqui fala o Zé».
TIVOLI—«O rei e eu».
SÃO LUIZ—«O resgate».
EDEN—«Maria Antonieta».
SÃO JORGE—«O quinteto era de cordas».
POLITEAMA—«Safari».
MONUMENTAL — «Goubbiah».
CONDES—«Agarra esse homem».
IMPÉRIO—«A mais bela do Mundo».
ALVALADE—«O resgate».
CAPITOLIO — «A queda de um corpo».
ODEON—«O que faz o amor»
TERRASSE—«O noivo das Caldas».
OLIMPIA — «Táxi».
IDEAL—«Madame de...».
PORMOTORA—«A filha de Caim».

Um poema de Aura Abranches

(Continuação da página anterior)

Num ritmo que me arrasa,
atiro para dentro de malões
os mil retratos e as recordações,
num sofrimento mudo.
Vou depois ao jardim, despeço-me de tudo:
da parreira,
do «pompom» que era a figueira,
da silindra branquinha,
das rosas de Santa Teresinha
que ainda reflorescem rente ao muro,
em um canteiro que já é monturo...
Dou por mim a arrancar algumas delas;
as que estão entreabertas são tão belas!
Martela-me no peito o coração...
Não cessam, não se esgotam
estas lágrimas, esta excitação?
Voa-me o pensamento
do rés-do-chão ao sotão,
fui tão feliz, debaixo destes tectos!
Recordo o dia do meu casamento...
as ilusões... os sonhos... os projectos
mais tarde realizados...
as ceias de Natal, com todos nós sentados
áquela grande mesa...
a saudável beleza
do pequenino rosto do meu filho...
o incomparável brilho
dos olhos de Adelina...
a sua colecção de bicharada
tão variada
e traquina,
em constante bulício...
e a nossa Mãe dizendo: «Aguentem, que é o meu vício...»
as abelhas... o velho cão rafeiro...
os ninhos de andorinhas no candeeiro...
as dissensões e as pazes
entre a sogra e o genro... as muitas fases
que a nossa vida teve, más e boas...
a decepção causada por pessoas
que julgámos amigas e o não eram...
Casos que aqui se deram,
acodem-me em tropel, e dão-me a impressão
de os viver nesta hora, como então...

E tudo isto passou!

Se até passou a minha mocidade...
Porque é que me ficou
apenas a saudade?
Minh'alma anda á deriva,
todo o meu peito está em carne viva
e doi-me fundo!
Não há ninguém mais infeliz do que eu, no Mundo...

Tonta... tonta que sou! Prender-me deste jeito
a uma casa, a um jardim,
áquele parapeito,
a este chão,
até mesmo ao perfume do alecrim
plantado por sua mão!
De garganta apertada,
subo, desço a escada,
saio e entro cem vezes
a porta principal...
Quando penso que, dentro em poucos meses,
já não existirá nenhum sinal
desta casa,
nem tronco onde roce uma só asa,
parece que enlouqueço!
Chego a gritar que a Vida é um tropeço,
um espantalho horroroso, que faz gala
nas torturas que impõe á Humanidade!
Ah! Não. Não vale a pena alimentá-la,
cevar-lhe a crueldade.

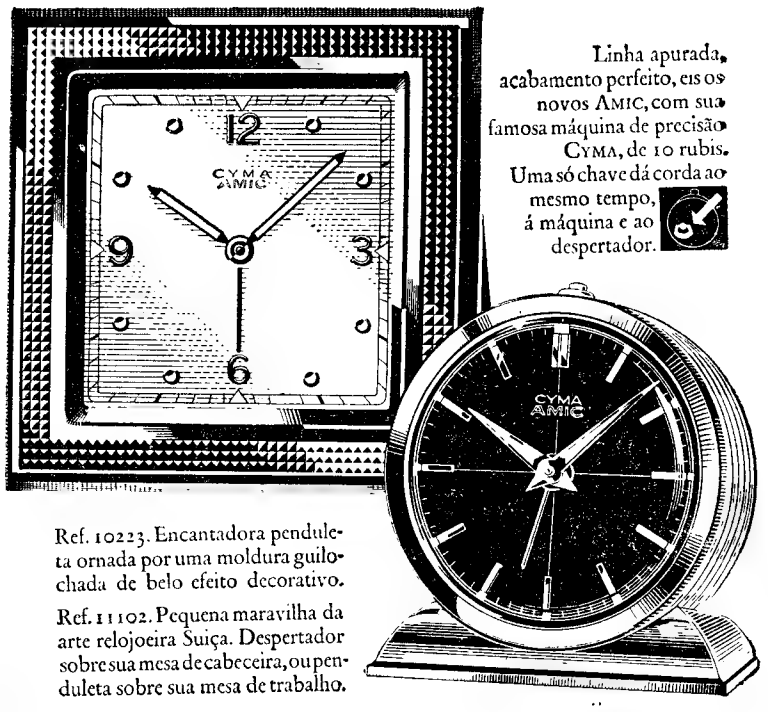
Meu Deus, meu Deus, perdão!
Estou a falar á toa...
Eu sei que a Vida é boa,
Nós é que não.

Compreendo que é forçoso pôr um fim
a esta angustia que me despedaça
mas não sei como faça...
Vão beijos nos meus olhos
a tudo o que aqui resta e que não tornó a ver...
Apanho grandes molhos
de rosas, de silindra e de jasmim,
na ansia de os levar, de os proteger...
Ficam muitas, das rosas encarnadas
que inda estão por abrir;
e nem abrem... ninguém as há-de ver florir;
também vão ser, em breve, assassinadas...
O duro Destino assim o quis.
Adeus...
adeus...
adeus,
meu passado feliz!

E agora aqui, sentada á minha secretária,
fixo a tua expressão extraordinária,
no barro que o teu neto modelou,
e vejo que estás como eu estou!
Que havemos de fazer? E' assim esta vida:
agora negra... logo colorida...
O que é desolador é que essas gradações
tanto são alimento de ilusões
como fonte das mais terríveis dores!
mas... vamos reagir! Olha as tuas flores,
são um encanto,
rescendem que é um gosto!
Deixa que as ponha assim, em volta do teu rosto...
são as ultimas! E orvalhadas com o meu pranto...
mas não te aflijas, que o chorar faz bem,
e eu trouxe-as para ti, minha adorada Mãe!

AURA ABRANCHES

Nova linha... Precisão nova!



Linha apurada, acabamento perfeito, eis os novos AMIC, com sua famosa máquina de precisão CYMA, de 10 rubis. Uma só chave dá corda ao mesmo tempo, á máquina e ao despertador.

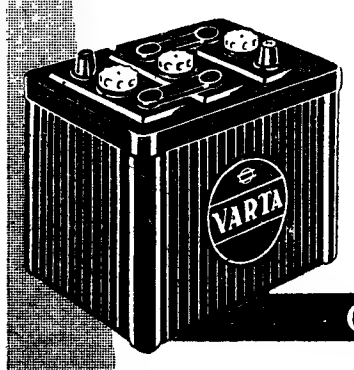
Ref. 10223. Encantadora pendula ornada por uma moldura guilochada de belo efeito decorativo.

Ref. 11102. Pequena maravilha da arte relojoeira Suiça. Despertador sobre sua mesa de cabeceira, ou penduleta sobre sua mesa de trabalho.

Seus amigos sonham
tambem com um
CYMA
AMIC

FERROS DE ENGOMAR
GENERAL ELECTRIC
O MELHOR FERRO AUTOMÁTICO DO MUNDO
Mais de 44.000.000 fabricados até hoje
Muitos ferros em Portugal com mais de 15 anos de funcionamento sem avarias
GARANTIDOS POR 5 ANOS
PREÇO: ESC.: 390$00

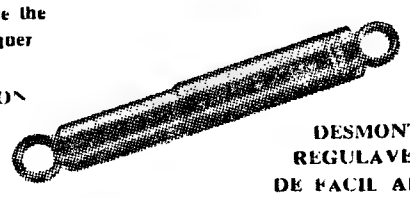
VARTA
A BATERIA DE QUALIDADE
Com separadores microporosos de Latex para
Mipor
• Automóveis
• Camiões e Tractores
• Motos e Scooters



Modelos especiais para
• BMW
• Goggomobil
• Fuldamobil
• Isetta
C. SANTOS LDA.
29, AVENIDA DA LIBERDADE, 41 — LISBOA
160, RUA DE SANTA CATARINA, 160 — PORTO

1.º andar na Avenida da Liberdade
Cede-se, com excelente localização, duas entradas, dez amplas divisões, com bom mobiliário de escritório, sala de espera, gabinete de gerência, arquivo, cabine telefónica P. P. C. e 20 linhas internas, «chaufage», instalações sanitárias, renda acessível.
Carta a Dr. Correia Guedes, Rua D. João V — 10-1.º, Dt.º

NEWTON PRODUCT
O MELHOR AMORTECEDOR
Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor
Exija NEWTON



DESMONTAVEIS
REGULAVEIS
DE FACIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUIVEIS
Representante: AUTO-TRIUNFO, Rua de Santa Marta, Nº

CENTRO DE ASSISTÊNCIA PSIQUIÁTRICA DA ZONA NORTE
Concurso para médicos estagiários subsidiados
Está aberto até ao dia 11 de Dezembro p. f., na Secretaria deste Centro (Rua da Constituição, 281—Porto) concurso para médicos Estagiários Subsidiados.
Porto, 20 de Novembro de 1956.
O Chefe da Secretaria.
as.) Dr. Mário Caetano Martins Pereira

TRANSPORTES RACTOR S AXIS, «gasolina» ou «Diesel»
Das 9 às 0 horas
15 anos a trabalhar sómente bombas, injectores e electricidade de automóveis
Garantem-se bons serviços
AVENIDA DA REPUBLICA, 99-B—LISBOA
SPICA — ELECTRO-SERVIÇOS. LDA.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada 99
LISBOA

VIDRO PLASTICO
EM TODAS AS ESPÉSSURAS E DIMENSÕES
AUTO CARROCERIAS, L.da
RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, 117-1.º

PREDIOS
A LUZÁFRICA
C. DO CARMO, 6 - TELEF. 24524
compra
vende
hipoteca

Leiam o jornal humorístico sempre fixe

CHÁ MONTENEGRO
PARA BEM DA SAÚDE
Antigas plantas DR. MARIMONT
Unico representante e proprietário
R. da Ribeira Nova, 12—Tel. 21358

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se na COVILHÃ, na casa António Tarouca.

LEIAM «O SEMPRE FIXE»

A' margem da semana

António Ferro

A morte de António Ferro tem dado ocasião a justas homenagens prestadas á sua memória, em que unanimemente se tem reconhecido a inteligente actividade que desenvolveu ao serviço da sua pátria e o brilho que o seu talento dava á sua acção, marcando com traço indelevel a sua personalidade.

Como jornalista, a sua carreira foi notável. As entrevistas com o Santo Padre Pio XI, com os reis D. Manuel I e Afonso XIII, com d'Annunzio, Mussolini, Primo de Rivera, Clemenceau e outros não podem olvidar-se, de tal modo se vincavam pela observação e espirito, pela vivacidade, pelo tacto, pela feição original que dava a tudo quanto escrevia, com elegancia e desassombro.

Mas a sua obra-prima, neste género, realizou-a nas entrevistas com o dr. Oliveira Salazar, em 1932. Essas entrevistas, reunidas em volume e traduzidas em várias linguas, revelaram a Portugal e ao estrangeiro duas figuras: a do entrevistado e a do jornalista que tivera a bem sucedida audácia de as pedir e obter.

No Secretariado Nacional espalhou António Ferro uma onda de renovação e de bom gosto, que influiu no País inteiro, no movimento literário, nas graciosas Pousadas, nas exposições artisticas, no teatro, enfim, numa animação, num entusiasmo comunicativo, precursores das festas centenárias, com a exposição de Belém, que marcaram uma época na nossa vida contemporanea.

Ao pensar na propaganda do nosso País no estrangeiro, António Ferro não trouxe a Portugal figuras apagadas, mas homens de alta categoria literária e de nome mundial, como Macterlinck, Pirandello, Mauriac, Duhamel, Tharaud, Maritain, Gregh, Gabriela Mistral e outros mais.

Na sua breve carreira diplomática, ainda teve tempo de distinguir-se e foi notável o discurso que fez, na Suiça, a respeito de Goa.

Quem trabalhou com ele sabe como era comunicativa a sua personalidade e sugestivas a sua palavra e a sua influência. Quando, no Secretariado, presidia ao juri dos prémios literários, sem procurar forçar a opinião de ninguém, dirigia as discussões com uma delicadeza, com uma benevolência, encontrando sempre le mot juste, *que tudo esclarecia e conciliava.*

António Ferro juntava ás suas qualidades intelectuais dois predicados que não são vulgares: era corajoso e bom.

Na sua vida profissional mostrou essas qualidades com evidência; muitos dos seus companheiros de trabalho podem testemunhá-lo. Os riscos, perigos e mágoas que encontrou na sua vida de incansável trabalhador soube suportá-los corajosamente, serenamente. Todos aqueles que o souberam compreender fazem-lhe justiça e admiram a sua vida e a sua obra.

M. C.

Encerram-se hoje

as comemorações do centenário da Associação Naval de Lisboa

Realiza-se esta noite, pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos Náuticos de Belém, com um banquete, o encerramento das festas comemorativas do I centenário da prestigiosa Associação Naval que, com tanto brilhantismo decorreram durante a época finda.

Presidem ao banquete os srs. ministros da Marinha, da Educação Nacional e outras altas individualidades, devendo usar da palavra para se referir ao significado da A. N. L., o comandante Henrique Tenreiro.

São distribuidas nessa ocasião, as taças, troféus e medalhas aos vencedores das competições levadas a efeito por motivo dos festivais de vela e remo, que se realizaram no Tejo, assistindo, além dos presidentes de todos os clubes náuticos do País, elevado numero de membros da colectividade em festa, que, sendo a mais antiga agremiação desportiva da Peninsula, completou agora cem anos de uma vida dedicada á expansão da cultura física e do desporto náutico nacional.

O «Diário de Lisboa» vende-se na Chamusca, no Café Restaurante Império.

A festa de amanhã

-a favor das vítimas dos temporais na Madeira

Por iniciativa dos artistas Carlota Calazans, Rui Metelo e Max Lossofan e com a colaboração da Casa da Madeira realiza-se amanhã, ás 21 e 30, no Clube Estefania, um recital a favor das vítimas do temporal que assolou a Ilha da Madeira. Será representada a peça «Sol Poente», de Ramada Curto. Alguns cantores, como Maria Isabel Wolmar, Casimiro Chagas, António Ganeiro e Belem Valente, discípulos da sr.ª D. Hermínia Tavares, interpretarão diversas peças musicais.

Recintos de diversões

O poeta Carlos Conde escreveu os versos, «Vinde, crianças da Hungria», para serem interpretados por Maria Amélia Proença, a trabalhar actualmente no Salão Luso.

—Também naquele recinto se estreou o popular fadista José da Cruz.

—Organizado pelos srs. Vítor Silva e Américo Martins, efectua-se brevemente no Solar do Monte Prado, um festival de fados e guitarradas, para o qual já deram a sua adesão Manuel de Almeida, Alfredo Duarte Júnior, Fausto Ribeiro, Mário Rocha e Manuel Hilário.

Publicações

«Lisboa na vida, na arte e na história»

A revista «Turismo», de que é director António Bernardino Pardal, dedicou um numero especial á cidade de Lisboa, de grande interesse para todos os olisiponenses. A capa é um desenho panoramico, de Bernardo Marques. E o sumário é o seguinte: «Palavras do presidente da Camara Municipal de Lisboa»; «Lisboa no Romantismo», por Julieta Ferrão; «A eterna formosura do Tejo», por Mário Domingues; «Santo António de Lisboa», por Cardoso Marta; «Arredores de Lisboa», desenho de Stuart Carvalhais; «Lisboa, perfil e alma duma cidade», por Tomaz Ribas; «Lisboa», aguarela de Bernardo Marques; «Palácios de Lisboa», por J. Fradique; «Varinas de Lisboa», pelo dr. Luís de Oilveira Guimarãese; «Gente do Mar», desenho de Julio Pomar; «Festas da cidade», desenhos de Almada Negreiros; «Lisboa e as árvores», por Matos Sequeira; «Lisboa moderna»; «Lisboa», óleo de Carlos Botelho; «Miradouros, varandas de Lisboa», por Guedes de Amorim; «Azulejos de Lisboa», pelo dr. A. Vieira Santos; «História dos jornais de Lisboa», por Albino Lapa; «Praça de Camões», óleo de Abel Manta; «Lisboa antiga nos desenhos de Zuzarte», por José de Bragança; «Como passar uma semana em Lisboa», roteiro; «Jardins de Lisboa», por Emídio de Carvalho; «Chafarizes e fontes de Lisboa», por T. R.; «Gastronomia», por Alfredo de Morais; e fotos de Alvão, Horácio Novais, Mário Novais, Nunes Claro e outros.

«Infancia e Juventude»

Está publicado o n.º 7 da interessante revista da Federação Nacional das Instituições de Protecção á Infancia, que é dirigida pela Direcção-Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, do Ministério da Justiça. O seu sumário é o seguinte: «A inauguração do Lar de Semiliberdade do Reformatório de S. Fiel»; «União Internacional de Protecção da Infancia — Reunião do Conselho-Geral»; «Os acidentes de que são vítimas as crianças e os meios de os evitar»; «A criança e a mentira»; «O Instituto Navarro de Paiva»; «A Fundação Gulbenkian»; «Impressões sobre a readaptação social de menores delinquentes, em Inglaterra», pelo dr Álvaro Saraiva; «A morte do Padre Américo»; «Conclusões gerais da 1.ª Reunião de Estudos dos Serviços Jurisdicionais de Menores»; «A Polícia e a Criança»; «Antologia: Os Poetas e a Criança»; «Delinquência infantil?»; «A Secção Preparatória do Reformatório de Caxias promoveu uma festa desportiva e cultural»; «Noticiário: Actividades nacionais e internacionais»; «Jurisprudência relativa aos tribunais de menores»; «Legislação: Decreto n.º 40.703, de 26 de Julho de 1956»». «Infancia e Juventude», que se publica trimestralmente, é um bom trabalho gráfico da Escola Tipográfica do Reformatório Central de Lisboa Padre António de Oliveira, de Caxias.

Viela

— o restaurante

realmente típico

Há já no coração de Lisboa vários restaurantes tipicos, onde, durante a noite, ao som das guitarras e das violas, se ouve cantar o fado, — a canção que Lisboa mais canta e mais ouve cantar.

A dois passos da Baixa, entre o Bairro Alto e a Avenida, está aberto ao público o seleccionado restaurante realmente tipico — Viela. Lisboa elege as suas «vedetas», que acarinha e aplaude, e esta «boite» típica pertence a uma delas: Celeste Rodrigues. A Casa, onde o bom gosto se alia com o típico e o pitoresco, tem merecido as mais elogiosas referências de quem a visita.

O fado levou para ali intérpretes que o honram: Celeste Rodrigues, grande «vedeta» do disco, criadora de alguns dos maiores êxitos de musica popular; Maria Carmen, Arminda Vidal, Natércia da Conceição e Jorge Silva, e ainda o guitarrista Adelino dos Santos e o violista Nicolau Neves. Pois, a este elenco vem juntar-se a partir de hoje Alfredo Marceneiro, que tantas tradições alcançou no fado e que é bem o símbolo da nossa Lisboa. Ninguém, como Marceneiro, tem no fado tanta autoridade e tanto valor. E a partir desta noite, Marceneiro canta na «Casa de Celeste Rodrigues».

HIDRO-ELÉCTRICA DO DOURO

S. A. R. L.

RUA DO BOLHÃO, 36 — PORTO

CAPITAL: 165.000 CONTOS

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1956

EMISSÃO DE 75.000 OBRIGAÇÕES, DO VALOR NOMINAL DE 1.000$00 CADA UMA, DAS QUAIS 25.000 SÃO OFERECIDAS AO PÚBLICO

(Autorizada por portaria publicada no «Diário do Govêrno» n.º 266, III Série, de 12/11/1956)

As obrigações são de cupão e vencem o juro anual de 5%, cativo de impostos para os obrigacionistas, desde 1/12/56 pagável aos semestres, nos dias 1 de Janeiro e 1 de Julho de cada ano, iniciando-se o seu pagamento em 1 de Julho de 1957.

Os títulos definitivos desta emissão são de 1, 5, 10, 25 e 50 obrigações.

A amortização é feita ao par, por sorteios semestrais, durante 25 anos, sendo a primeira em 1 de Janeiro de 1962, podendo a Sociedade a partir desta data realizar amortizações extraordinárias por sorteio e ao par, devendo as datas destas amortizações coincidir com as das amortizações normais.

CONDIÇÕES DE SUBSCRIÇÃO

As obrigações são subscritas ao preço de 1.000$00 cada.

Desta emissão, 50.000 obrigações destinam-se a Caixas de Previdência.

A subscrição das 25.000 obrigações oferecidas ao público, sujeita a rateio, está aberta de 19 a 30 do corrente nos seguintes estabelecimentos de crédito:

— CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
— BANCO ALIANÇA
— BANCO BORGES & IRMÃO
— BANCO BURNAY
— BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
— BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
— BANCO JOSÉ HENRIQUES TOTTA
— BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
— BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
— BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
— CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
— MONTEPIO GERAL

O pagamento das obrigações subscritas será efectuado integralmente no acto da subscrição.

Porto, 13 de Novembro de 1956.

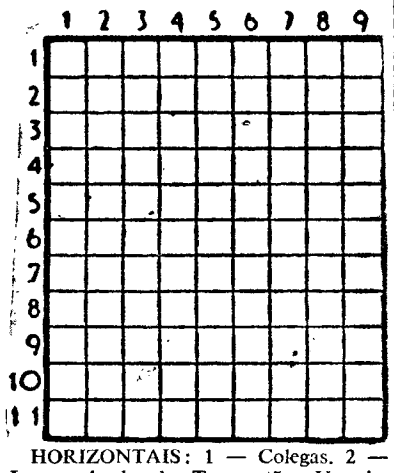
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 1729



HORIZONTAIS: 1 — Colegas. 2 — Lago salgado do Turquestão. Verseja. 3 — Engastava. 4 — Oferecer. Cólera. 5 — Atadas. 6 — Preposição e artigo. Nociva. 7 — Progenitor. Emprega. 8 — A mim. Camareira. 55 em romano. 9 — Rio da Alemanha. Profira. 10 — Bordadas. 11 — Estimam. Nome de mulher.

VERTICAIS: 1 — Entre nós. Rio de Portugal. Vila e concelho do distrito de Evora. 2 — Arrostam. Solicitam. 3 — Cabeçada. Apelido. 4 — Fila. Fulgiram. 5 — Chegar. 6 — Unidade das medidas de capacidade para secos no distrito de Damão. Que têm amuo. 7 — Faltas. Passada. 8 — Amarga. Barranco. 9 — Apelido. Pegadeira. Lodo.

Solução do problema n.º 1728

HORIZONTAIS: 1 — Meca. Adem. 2 — Asa. Alo. 3 — Opaco. 4 — Gá. Aru. Ir. 5 — Amor. Mata. 6 — Oco. Eva. 7 — Elas. Sela. 8 — Lãs. Sim. 9 — Vi. Ais. Aí. 10 — Ermas. 11 — Sama. Leal.

VERTICAIS: 1 — Manga. Elvas. 2 — E's. Amolai. 3 — Cão. Ocas. Em. 4 — Paros. Ara. 5 — Mar. Mim. 6 — Cumes. Sal. 7 — Dão. Aves. Se. 8 — El. Itália. 9 — Moura. Amial.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO E — União—Estrada de Benfica, 592-594. Telefone 780092; Vitex, Lda.—Est. de Benfica, 300-A. Aguiar—Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A e Rua Dr. António Granjo, 18 e 18-A, a Palhavã. Telefone 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide. Tel. 780181; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Cartaxo—Avenida da Igreja, 21-C. Tel. 776358; Avis—Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Alcantara —Avenida da Republica, 74-A, Tel. 771379; João XXI—Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Cosmos—Avenida João Cisóstomo, 44-C, Tel. 40592; Oliveira Viegas—Rua Viriato, 27-27-A, frente ao «Avis Hotel», Tel. 48966; Mundial—Largo D. Estefania, 9, Tel. 45578; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação. Tel. 399216; Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399237; Pinto—Rua de Xabregas, 63-65. Tel. 391185; Nacional—Rua S. João da Praça, 26, Tel. 28032; Rosa & Viegas—Rua de S. Vicente, 31, Tel. 849351; Europa—Avenida General Roçadas, 25-A, Tel. 843880; Eusil—Rua Barão de Sabrosa, 104, Tel. 841912; Nunes—Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Higiénica—Rua Heliodoro Salgado, 29, Tel. 844361; Matos—Rua Alvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab—Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 48333; Salutar—Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 53694; Central de Campolide—Rua General Taborda, 17, Tel. 40304; Castro Fonseca—Rua 4 de Infantaria, 26, Tel. 662857; Rodrigues & Aires—Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; S. Jerónimo—Rua dos Jerónimos, 8-C, Tel. 638916; Teles—Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira—Rua da Creche, 2, Tel. 368291; Carrasco—Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667463; S. Marçal—Rua de S. Marçal, 100, Tel. 25318; Modelar—Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A, Poço Novo, Tel. 27896; Veritas—Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Nacional—Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Silmar—Rua de S. Lázaro, 128, Tel. 42829; Costa—Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral—Rua Aurea, 126, Tel. 31531; Janeiro—Aven. Alvares Cabral, 100, Tel. 661453.

Pensão Monumental

Magnificos aposentos.
Serviço de bom hotel.
R. da Glória, 21—Tel. P.B.X. 29807

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 35, Zarzuelas; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—Ás 19, Tronco em Flor; 19 e 30, Recreio musical; 20, Jornal Sonoro; 20 e 15, Musica de salão; 20 e 30, Operetas; 20 e 55, «Valsa do Imperador», de Johann Strauss; 21, Noticiário; 21 e 15, Musica de piano; 21 e 30, Carta de Madrid; 21 e 45, Concerto organizado pela Sociedade de Concertos de Lisboa, em que colabora a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Lorinmaazel; 22 e 30, «Vozes do Mundo»; 22 e 45, 2.ª parte do concerto sinfónico.

Programa «B»—Ás 19, Musica de camara: «Quinteto, opus 57», de Dimitri Schostakovitsch; 19 e 30, «Te Deum», de Verdi; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Musica contemporanea: «A Sagração da Primavera», de Stravinsky; 20 e 30, Vida e obra de Schumann, pelo prof. dr. Simões Dias; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Que quer ouvir?; 21 e 45, Valores do Ocidente; 22 e 15, Album musical; 22 e 45, Viagens ao mundo da dança; 23 e 15, Danças.

RÁDIO CLUBE—Ás 17, Concerto; 18, Fados e guitarradas da Parreirinha de Alfama; 18 e 30, Variedades; 19, Solistas; 19 e 15, Orquestra de Raymond Le Senechal; 19 e 30, Jornal Publicitário; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Canta Perry Como; 20 e 30, Magazine Knitax; 21, Vozes de Portugal; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 15, Imagens por musica; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Musica brasileira; 0, Musica de dança, do Bico Dourado; 0 e 30, Musica de baile; 0 e 45, Rádiojornal; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento é fraco de vários rumos e o céu está pouco nublado por acção de um nucleo de altas pressões situado entre a costa ocidental e os Açores.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu pouco nublado, vento fraco de Norte. Temperatura sem alteração.

HÁ TRINTA ANOS

Com o título «Um republicano», dizia o «Diário de Lisboa» de 22 de Novembro de 1926: «A morte do dr. Eusébio Leão surpreendeu dolorosamente todos os republicanos. Eusébio Leão, que há cerca de 15 anos servia o País na diplomacia, onde ocupava o cargo de ministro plenipotenciário junto do Quirinal, era um Português honrado e digno que na sua missão soube sempre honrar o nosso Ministério dos Estrangeiros. Todavia, não é pelo aspecto da diplomacia que este homem, profundamente coerente, democrata e leal, é hoje evocado por todos os republicanos portugueses». E concluia: «Eusébio Leão fica na história da Republica como uma das figuras mais simpáticas, mais nobres e mais perfeitas da sua organização e do seu desenvolvimento».

ENCICLOPÉDIA

A Casa do Infantado, conjunto de bens, com privilégios, isenções e prerrogativas, foi instituida por D. João IV a favor do seu segundo filho, D. Pedro, e foi extinta por D. Pedro IV, com a destituição de D. Miguel de todas as honras que usufruia e despojando-o de todos os seus proventos. No Ribatejo podem ainda localizar-se alguns bens da Casa do Infantado que se estendiam por todo o País e ao Palácio da Bemposta com todos os anexos. No reinado de D. João V o infante D. Francisco era senhor da cidade de Beja e de 38 vilas do Reino.

— Então, sr.ª Joana, como vai o seu marido ?
— Melhorzinho, há três dias que não lhe dão tonturas...
— Tem graça, o meu também há três dias que não bebe !...

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	913$00	913$00	914$00
Cons. 3 % T. 10	964$00	961$00	965$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	—	1.014$00	1.018$00
Centenários 4 % 1940	2.278$00	2.275$00	2.280$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	992$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	982$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	982$00	985$00
Externo 1.ª série	—	—	1.220$00
Ext.ª 1.ª série car.	—	—	1.220$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext.ª 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Ext.ª 3.ª série car.	—	—	—
Caut. 3.ª série s/juro	—	—	179$00
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	—	518$00
Norte de Portugal 5%	—	108$00	110$00
Gás Elect. 3 3/4 %	—	954$00	958$00
Gás Elect. 4 %	—	—	988$00
Gás Elect. 4 1/2 %	1.009$00	1.008$00	1.010$00
Gás. Elect. 5 %	1.025$00	1.025$00	1.026$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	94$00
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	94$50	96$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	100$00
U. E. P. 5 % 1951	—	100$50	—
U. E. P. 5 % 1952	—	100$50	102$00
Metropolitano	—	1.020$00	—
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	450$00	—
Angola	—	860$00	880$00
Espirito Santo	8.800$00	8.800$00	8.840$00
Lisboa & Açores	4.045$00	—	4.050$00
Portugal	2.300$00	2.290$00	2.310$00
Ultramarino	1.955$00	1.950$00	1.955$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	670$00	674$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	4.200$00	5.000$00
Ag. Cassequel	—	—	—
C.ª Ultramarinas			
Ag. das Neves	2.035$00	2.035$00	2.040$00
Soberana	—	920$00	1.000$00

C.ª Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Agric. Colonial	—	690$00	720$00
Açucar de Angola	—	2.920$00	2.970$00
Boror	495$00	495$00	500$00
Cabinda	—	—	400$00
Cádá	—	—	—
Colonial do Buzi	306$00	306$00	306$50
Ilha do Principe	—	—	—
Incomati	—	3.550$00	3.700$00
Moçambique	—	162$50	163$50
Zambézia	201$00	200$50	201$50
C.ª Diversas			
Cimentos Tejo	530$00	520$00	545$00
Cimentos Leiria	485$00	483$00	487$00
Crédito Predial	55$80	55$70	56$00
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	—	400$00	410$00
Nacional Navegação	1.820$00	1.815$00	1.823$00
Colonial Navegação	855$00	850$00	860$00
Port. de Celulose	—	2.550$00	2.600$00
Portuguesa de Pesca	1.600$00	1.580$00	1.610$00
Port. de Tabacos	494$00	493$50	494$50
Tabacos de Portugal	—	630$00	—
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	—	—	—
Aguas Lisboa 1936	—	—	—
Electr. das Beiras	1.465$00	1.462$00	1.468$00
Gás e Electricidade	338$50	338$00	338$50
H. Alto Alentejo	156$00	156$00	156$50
H. E. Cávado	1.560$0	1.550$00	1.565$00
H. E. Zêzere	1.485$00	1.482$00	1.490$00
Nac. de Electricidade	—	—	—
União Elect. Port.	—	—	231$00

Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	Compra	Venda
Africa do Sul	76$50	77$50
Alemanha	6$65	6$85
América:		
Dólares de 1 a 2	28$30	28$60
Dólares de 50 a 1000	28$60	28$90
Argentina	$78	$83
Bélgica	$57	$58
Brasil	$40,5	$42,5
Congo Belga	$56.3	$57.3
Dinamarca	3$65	3$95
Espanha	$58	$59,5
França	$07	$07,2
Holanda	7$30	7$55
Inglaterra	73$50	75$00
Itália	$04,4	$04,6
Marrocos	$06,5	$06.9
Noruega	3$60	3$90
Suécia	5$15	5$45
Suiça	6$63	6$78
Uruguay	6$50	7$20
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	296$00	306$00
Portugal — Barra	32$85	33$35
Portugal — Barra Fino	33$25	33$75

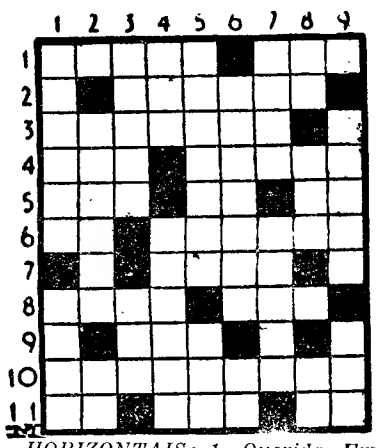
PINTO de MAGALHÃES, LDA.
BANQUEIROS
Capital e reservas: 38.800.000$00
Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos.
Titulos e Cupões
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
LISBOA: Rua do Ouro n.º 95/99 — Tel. 30777/79
PORTO: Rua Sá da Bandeira, 53 — Tel. 20134/36
PENICHE — FATIMA — AMARANTE — ARCOS DE VALDEVEZ

J. BURNAY, LDA.
RUA DO OURO, 72
Papeis de credito
Notas estrangeiras
TELEF. 21273

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 720



HORIZONTAIS: 1—Querida. Em companhia de. 2—Versos para cantar. 3—Segurai. 4—Que tem bondade. Vaguear. 5—Unidade das medidas agrárias. Símbolo químico do neóbio. Prefixo de negação. 6—Apenas. Acrescentou. 7—Produz. 8—Filtrou. Capa sem mangas. 9—O que é agradável, vantajoso ou util. 10 — Imaginariam. 11 — Gemido. Além. Pronome reflexo.

VERTICAIS: 1—Concluis. Planta narcótica. 2—Lento. Grito de dor. 3—Sobreponha. Rio da Russia que desagua no Arctico. 4—Sofrimento. Vila do distrito de Aveiro. 5—Adquire conhecimentos. Assim que. 6—Cacete grande. Graceja. 7—Pender. Cobri. 8—Artigo (pl.). Escudeiro. Campeão. 9—Ilha do golfo Pérsico que já pertenceu a Portugal. Alumen.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 719

HORIZONTAIS: 1—Calejar. 2—Uma. Iman. 3—Sulco. Luz. 4—Oder. Sele. 5—OBEDECE. 6—Tu. Soro. 7—E. Ócio. Vá. 8—SABERÁS. 9—Abonara. 10—Redi. Lua. 11—Gasoso. Ir.

HORIZONTAIS: 1—Luso. Tesa. 2—Mudou. Abra. 3—Caleb. Oboés. 4—Crescendo. 5—Lio. Doirais. 6—Em. Seroar. 7—Jaleco. Sal. 8—Anule. Ué. 9—Zé. MANDAR.

(Provérbio: OBEDECE — E SABERÁS MANDAR).

LENÇOS DE LÃ
LENÇOS DE SEDA
NOVOS DESENHOS
TORRE EIFFEL
104 — Rua do Carmo — 106

O «Diário de Lisboa» vende-se em Castelo de Vide, no «Salão Royal».

Quatro fotografias obtidas pelo nosso enviado especial no campo de refugiados de Traiskirchen. Na primeira delas vê-se um Hungaro a ler as instruções afixadas á entrada do campo. As restantes são aspectos do diálogo estabelecido, através das grades, entre os refugiados e o povo austríaco que os acolhem

O problema da demolição

de prédios em Lisboa

foi hoje largamente debatido

na reunião mensal da vereação

A reunião publica mensal da Camara Municipal de Lisboa, presidiu o tenente-coronel Álvaro Salvação Barreto, assistiram dez vereadores e vários directores de serviços.

O sr. Saphera Costa ocupou-se largamente, do projecto de decreto-lei n.º 519, relativo ás condições em que a ampliação ou demolição de prédios urbanos são de futuro, fundamento para despejo.

Disse, principalmente:

—As demolições só deveriam ser autorisadas quando o numero de pisos—não de inquilinos—fosse pelo menos triplicado com o novo imóvel. Chega a ser incompreensível que se autorize a demolir um prédio, em bom estado de conservação, com 5 ou mais pisos, para que no mesmo local se construa outro, algumas das vezes, com um unico piso a mais. Ainda, neste aumento devia levar-se em conta o numero das novas dependências, em cada habitação, pois está, por demais, a observar-se na construção de «appartements», com um mínimo de casas, e mesmo estas sem as necessárias condições, pois não passam de uns pequenos cubículos, que só servem para os senhorios auferirem ainda maiores lucros, sendo frequente pedirem pelo aluguer de 2 casas assoalhadas, cozinha e uma espécie de casa de banho, mais de 800$00 mensais, o que na verdade é uma exorbitancia.

Além dos casos a que já se referiu apontou mais um facto, o qual se verifica com grande frequência e é do maior interesse que fique resolvido no decreto-lei 519:

—A lei 2.030, na alinea c), n.º 3.º, do seu artigo 69, concede ao arrendatário despejado com o fundamento de substituição do prédio, a faculdade de optar entre uma indemnização a receber do senhorio e a ocupação da parte do novo prédio que substituir a que anteriormente ocupava. O inquilino, porém, só poderá usar deste direito, se a construção do novo prédio obedecer ás condições indispensáveis a tal ocupação, mormente quando se trate de instalações comerciais ou industriais, que exijam área e configuração como a que tinham no

(Continua na 10.ª página)

EM 3 LINHAS

O Conselho de Ministros aprovou o 1.º termo adicional ao contrato das obras de construção do edificio do Palácio da Justiça do Porto, no valor de 1.744.657$50.

///

Anunciou-se que está vago o cargo de secretário do Governo Civil de Castelo Branco. O preenchimento do mesmo faz-se mediante concurso, aberto pelo prazo de oito dias.

///

Faltam professores nos liceus do Ultramar. Para suprir as faltas, foram abertos concursos, cujos termos vêm hoje no «Diário do Governo». Referem-se a professores de todos os grupos, isto é, do 1.º ao 9.º.

///

No Conservatório Nacional vai haver um curso especial de interpretação de musica vocal francesa. Será dirigido por D. Noémia Perugia.

///

A direcção do Grupo Desportivo da Carris distribui amanhã, ás 17 e 45, no refeitório de Santo Amaro, os prémios do II Torneio Individual de Xadrez Corporativo — Carris 1955.

///

Por via aérea regressou hoje a Washington o chefe da missão militar portuguesa, general Humberto Delgado.

A actual crise no Partido Conservador

pode arrastar a queda do gabinete britânico

verá resistência por parte de uns 25 conservadores, incluindo muitos pertencentes ao «Grupo de Suez», o qual se opôs á evacuação original daquela zona. Julga-se terem tornado conhecido que se recusariam a apoiar o Governo, se a retirada fosse feita sem a requerida salvaguarda.

Uma revolta nesta escala — e algumas fontes politicas calcularam que poderia envolver um numero ainda superior de conservadores (até 50) — podia fazer cair o Governo.

Entre as condições que esses conservadores julgam necessárias para a retirada das tropas incluem-se garantias eficazes de «contrôle» internacional do Canal e a limpeza da bloqueada rota marítima.

A posição de um sector do partido governamental foi resumida por um membro conservador do Parlamento, Angus Maude, num discurso pronunciado a noite passada, durante o qual declarou:

«O Partido Conservador ficará dividido por uma revolta em massa no Parlamento, e no país, se o Governo retirar as nossas tropas do Egipto ou anuir a qualquer coisa semelhante aos termos acordados entre o presidente Nasser e Dag Hammarskjoeld». — (R.).

A atitude da oposição

LONDRES, 22. — A oposição trabalhista vai explorar a fundo contra sir Anthony Eden as «revelações», feitas por determinados órgãos da Imprensa, sobre a conivência que teria existido entre a Grã-Bretanha, a França e Israel contra o Egipto — anunciava-se, ontem, nos Comuns.

A oposição insistirá em que Butler fará, esta tarde, uma declaração sobre os problemas do Egipto, enquanto Selwyn Lloyd não pode pôr a Camara ao corrente das suas negociações com o secretário-geral da O. N. U. — (F. P.).

Um jornal americano admite a próxima demissão de Eden

NOVA YORK, 22. — O «Baltimore Sun» admite que sir Anthony Eden possa demitir-se, dentro em breve.

«Doença, racionamento de gasolina e a subida de Butler á direcção do Gabinete são três indícios que podem significar uma próxima modificação na chefia britanica» — escreve o jornal.

Mesmo se a nação apoiar sólidamente a posição do primeiro-ministro na crise do Médio Oriente, o racionamento da gasolina imporá uma pressão tremenda ao patriotismo e á lealdade partidária. Neste momento, é possivel que a indignação que se seguirá possa ser apaziguada apenas por meio de um bode expiatório. Mas tudo isto poderá significar pouco, se Eden for o unico homem possível para a tarefa. Contudo, logo atrás dele encontra-se «o brando, apto e ambicioso mister Butler».

«Se Eden escorregar, Butler aguardará, próximo dele, para entrar pela porta com o n.º 10 de Downing Street. A posição do primeiro-ministro não é invejável». — (Reuter).

Churchill censura a atitude da O. N. U. para com a Grã-Bretanha

WOODFORD (Essex), 22.—Num discurso escrito, sir Winston Churchill disse que as nações unidas não tinham sido nem prudentes nem compreensivas para com a Grã-Bretanha, ao censurarem o seu Governo, a propósito da crise do canal de Suez.

«Eu sou — acrescenta o antigo primeiro-ministro — um dos patronos da Associação das Nações Unidas neste país e seu defensor mas não posso concordar com a sua maneira de proceder, neste caso, nem com a sua censura ao Governo britanico, a qual não foi prudente nem compreensiva. Preferiram as Nações Unidas que se mergulhasse na impotência e se visse o Médio Oriente escorregar, gradualmente, para o caos e para a dominação russa?

«Com o andar dos tempos, tenho esperança de que a organização verá mais claramente os verdadeiros interesses das nações unidas e de todo o Mundo. As nossas preocupações nacionais são grandes neste momento, mas são minoradas pela miséria e a tortura do povo hungaro. O povo hungaro trava uma luta pela liberdade sem paralelo na história».

Sir Winston Churchill está doente, em casa com um forte ataque de gripe. Assim se explica o facto de na reunião de ontem da secção local do partido conservador, em Woodford, sua circunscrição, aquele discurso ter sido lido por lady Churchill. — (R. e F. P.).

Auxílio às vítimas

do temporal da Madeira

A Caritas Portuguesa começa a embarcar esta tarde, no navio «Funchalense», da Empresa de Navegação Madeirense, 30 toneladas de víveres destinados ás vítimas do violento temporal que devastou algumas freguesias da ilha da Madeira. O «Funchalense», cuja empresa armadora oferece metade do valor do frete, larga no dia 25 para o Funchal.

Amanhã, a Caritas procederá ao embarque de mais 60 toneladas de víveres para a Madeira, no navio «Gorgulho», que sai no dia 26.

Na totalidade, os géneros a enviar distribuem-se assim: farinha, 60 toneladas; queijo, 2 toneladas; leite, 5 toneladas; manteiga, 1 tonelada; feijão, 10 toneladas; margarina líquida, 10 toneladas.

—Esta noite, ás 21 e 30, no Clube Estefania, promovido pela direcção da Casa da Madeira, efectua-se o anunciado recital a favor das vítimas da Madeira.

NOVO EDIFÍCIO

da Biblioteca Publica

Foi aberto concurso publico para a empreitada de estrutura geral do novo edifício da Biblioteca Nacional e muros de suporte. Os obras estão orçadas em 14.956.837$50.

POUPE OS SEUS NERVOS

Sem recorrer aos ares do campo ou da praia. A fita alemã TESAMOLL, constituída por espuma de perlon adesivada, aplica-se, sem auxílio de pregos ou cola, nos caixilhos das portas e janelas e evita os ruídos que irritam a sua sensibilidade—além de afastar o frio e as correntes de ar.

Tesamoll

Vende-se nas casas de móveis, decorações e artigos de ménage

REPRESENTANTE

PESTANA & FERNANDES, L.da

R. da Prata, 153-2.º — Telef. 24261

LISBOA

Ensopado de enguias
outro prato regional do RIBATEJANO — Salvaterra de Magos

"Um dia saberá"

Julia Adelina Borges do Rego

FALECEU

CONFORTADA COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

Joaquim Borges do Rego, Flávio Borges do Rego, sua esposa, filhos e netos, D. Alvina Borges do Rego Rodrigues Falcão, seu marido e filho, Raymundo Borges do Rego, sua esposa e filho, D. Lizette Borges do Rego, Alberto Borges do Rego, sua esposa e filha, participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença a sua muito estremosa esposa, mãe, sogra, avó e bisavó, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da sua residência Avenida Cinco de Outubro, n.º 44, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

P. N. A. M.

A. G. MAGNO, LDA.
Av.ª Almirante Reis, 129-A
Telef. 51586

Júlia Adelina Borges do Rego

FALECEU

O pessoal da Companhia Portuguesa de Alpargatas, Ld.ª cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu gerente-fundador Ex.mo Sr. Joaquim Borges do Rego, cujo funeral se realiza amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Avenida 5 de Outubro, n.º 44, para o cemitério do Alto São João.

CHAMUSCA

D. Leonor Salter Cid Freire Gameiro

FALECEU

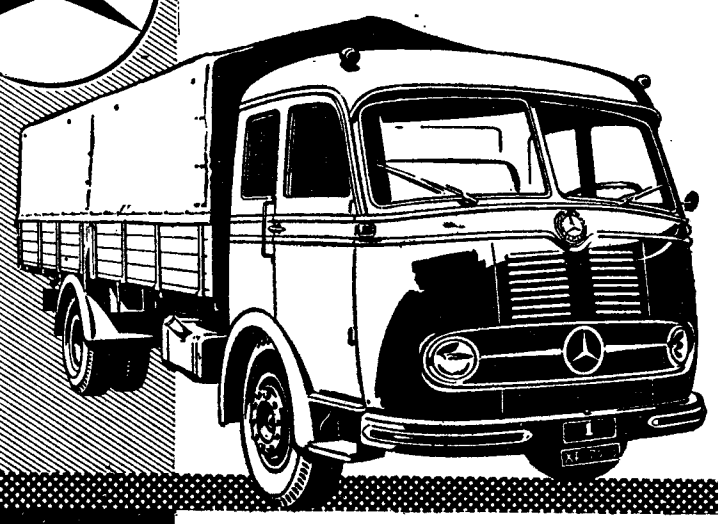
D. Fernanda Cid de Ferreira Tavares, Francisco Albano de Ferreira Tavares, dr. Fernando do Amaral Gomes, D. Maria de São João Cid Tavares do Amaral Gomes, D. Margarida Cid Tavares e José Cid Tavares cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua mãe, sogra e avó e que o seu funeral se realiza amanhã, depois de rezada missa de corpo presente, pelas 10.30, para o cemitério local.

Palmira Matos Reis

SOC. GILLCAR, LDA. cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da Mãe do seu Sócio e Amigo, José Artur Matos Reis e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 10 horas, saindo da sua residência Av. D. Carlos I, n.º 134, cave, esq.', para o Cemitério da Ajuda.

camiões diesel

MERCEDES-BENZ



A mais antiga e experimentada marca de camiões Diesel no mundo e a mais completa linha de chassis do mercado.

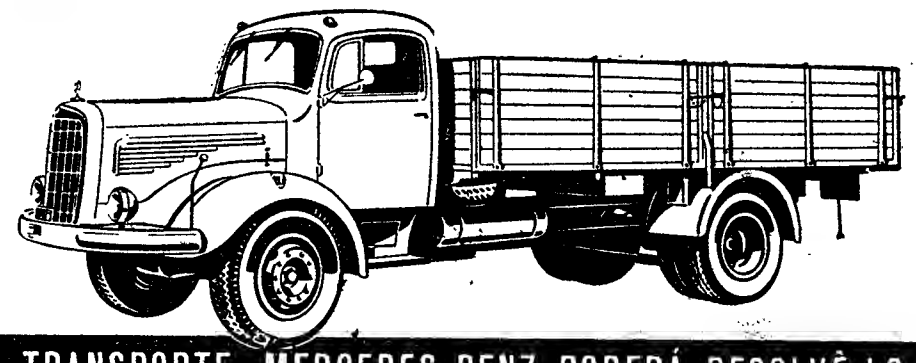
TIPOS		Peso Bruto (kg)	Carga útil (kg)	Comp. da Caixa (Metros)	
L 312	S/Reboque	9.000	6.050	4,66	Condução normal
	C/Reboque	16.000	11.050		
LA 312	S/Reboque	9.000	5.650	4,50	Condução normal (Tracção nos 2 eixos)
	C/Reboque	16.000	10.600		
LK 312	S/Reboque	9.000	5.500	3,66	Condução normal (Basculante)
	C/Reboque	16.000	10.500		
LP 312	S/Reboque	9.000	5.850	7,13	Condução avançada
	C/Reboque	16.000	10.800		
L 325	S/Reboque	13.000	8.450	5,29	Condução normal
	C/Reboque	25.000	17.850		
LK 325	S/Reboque	13.000	7.500	4,07	Condução normal (Basculante)
	C/Reboque	25.000	16.900		
L 315	S/Reboque	14.710	9.400	5,57	Condução normal
	C/Reboque	29.710	22.000		
LP 315	S/Reboque	15.000	9.300	6,48	Condução avançada
	C/Reboque	30.000	21.900		
L 315 S		20.000	12.800	6,47	Condução normal (Três eixos)

Os camiões de mais económica exploração devido à sua extraordinária resistência, elevada velocidade e baixo consumo de combustível.

Chassis para caixas normais, basculantes e semi-reboques, com tracção no eixo traseiro ou nos dois eixos.

C. SANTOS LDA.

LISBOA — 29, AVENIDA DA LIBERDADE, 41
PORTO — 160, RUA DE STA. CATARINA, 168
AGENTES EM TODO O PAÍS



SE TEM ALGUM PROBLEMA DE TRANSPORTE, MERCEDES-BENZ PODERÁ RESOLVÊ-LO

Policlínica da Rua do Ouro

ENTRADA
Rua do Carmo, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões - As 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia geral e operações - As 16 horas
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias - As 13 horas
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas, electroterapia - A's 14 horas
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos - As 14 horas
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais - As 12 horas
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia - As 16 horas
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações - As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças - As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese - As 10 horas
Dr. Luis Malheiro — Pele e sífilis - As 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16,30 h.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos - As 16 horas
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X - As 16 horas

NOVOLAR

AV. ALM. REIS, 143-C
R. FER. BORGES, 139
R. CORREIA TELES, 7

Apresenta a maior colecção de fogões, esquentadores e banheiras em ferro esmaltado.

Antes de comprar visite

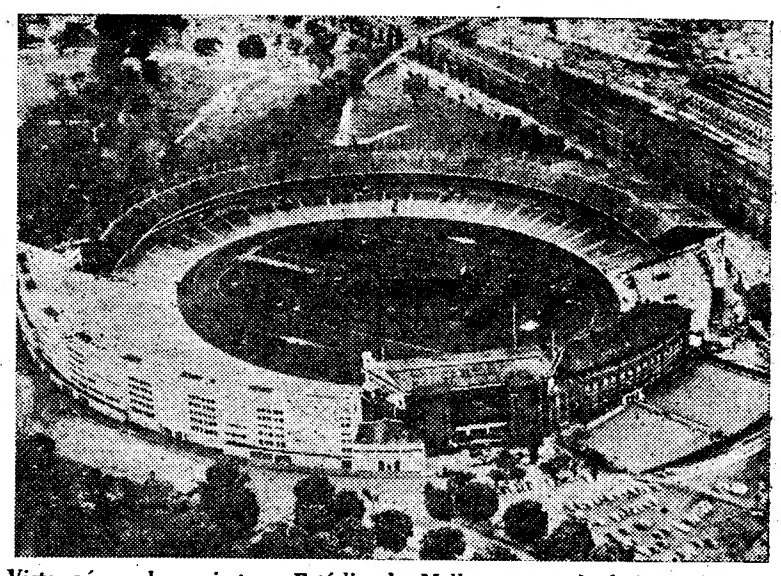
NOVOLAR

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na COVILHÃ, na casa António Tarouca.

VAT 69

O Whisky preferido

XIII Jogos Olímpicos



Vista aérea do majestoso Estádio de Melbourne, onde hoje se inauguraram os Jogos Olímpicos de 1956, ante cerca de 120.000 pessoas, e que servirá de cenário ás competições de atletismo, futebol, hóquei em campo, e ainda á cerimónia de encerramento

O grupo hungaro de Honved

vem jogar a Lisboa contra o Sporting

Decorrem com êxito as negociações entre o Sporting e a equipa hungara de futebol do Honved para a realização de um encontro nocturno em Lisboa no próximo dia um de Dezembro (sábado), no estádio Alvalade. O Honved joga hoje contra o Atlético de Bilbao para a Taça Campeões da Europa.

A organização do jogo custa cerca de 250 contos, obrigando o Sporting a adiar, por acordo, o encontro oficial que lhe competia disputar com o Barreirense no dia 2 de Dezembro.

Os futebolistas hungaros devem regressar à Hungria

PARIS, 22.—Segundo a Rádio Budapeste, o Conselho Revolucionário da Federação Hungara de Futebol concedeu ao clube «Ferencvaros» (ex-Kinizzi), autorização para efectuar uma «tournée» na Áustria desde que a equipa esteja em Budapeste, o mais tardar, em 10 de Dezembro.

O Conselho decidiu também chamar imediatamente a equipa da Hungria (Juniores) que se encontra no estrangeiro há mais de um mês. Os jogos que os juniores hungaros deviam realizar na Áustria e na Itália, não são autorizados.—(France Presse).

MOTOCICLISMO

Festival do II aniversário do Moto Clube de Lisboa

Efectua-se no próximo domingo, a comemoração do 2.º aniversário do Moto Clube que nesse dia promove uma concentração de «scooters», motos, e velomotores na cidade de Setubal onde se realiza um festival desportivo, seguido de um almoço de confraternização e distribuição de prémios.

Serão conferidos, nessa ocasião, os títulos de campeões de Lisboa (Moto Clube) nas três modalidades das duas rodas, aos desportistas da colectividade que durante a época alcançaram no conjunto das provas realizadas, as melhores classificações.

CARTAZ DA NOITE

PAV. DOS DESPORTOS—A's 20—5.ª jornada do campeonato regional de basquetebol da Divisão de Honra: Técnico-Benfica, Algés-Campo de Ourique, Sporting-Belenenses e Nacional-Atlético.

R. JARDIM DO REGEDOR (S. L. B.) — A's 21—Inauguração do campeonato do Sul, de 3.ª categoria, em xadrez.

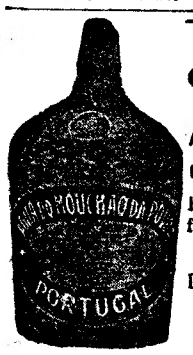
R. VITOR CORDON (F. N. A. T.) —A's 21—5.ª jornada do campeonato nacional corporativo, de xadrez.

EDIF. DO AMPARO (F. N. A. T.) —A's 21 e 15—Continuação do campeonato nacional corporativo de ténis de mesa (individual).

LUTA LIVRE

no Parque Mayer

A primeira sessão do torneio internacional de luta-livre, denominado «Cinturão de Lisboa», está marcada para amanhã, á noite, no Parque Mayer. Nela participam os lutadores Rocha, Neves, Barrigana e Sureda, que defrontarão, respectivamente, Bérmans, Willi, Jaimeri e Mateus.



Tem **Prisão de Ventre?**

BEBA AGUA DO MOUCHÃO DA POVOA

Regularizador das funções intestinais Laxativa

Dep. Geral: Conde Barão, 48

Telefone 664378

(Continuação da 1.ª pág.)

longa «bicha», desdobrando-se através de vários quarteirões, esperava, com uma ultima centelha de esperança, arranjar, pelo menos, um lugar de pé. Muitas destas pessoas passaram a noite ali. Um grupo de universitários levou para a «bicha» os seus colchões de ar e outros prepararam as suas refeições sem perder a vez, num fogão portátil. As emissoras australianas transmitiram programas de musica especiais para eles.

Antes de romper o dia, já verdadeiras multidões ocupavam os passeios, na ansia de ver passar o duque de Edimburgo, os atletas que iam tomar parte no desfile e a chama alímpica. Parece que toda a gente, desde os bebés de colo ás pessoas idosas, só tinha um desejo—assistir, de qualquer forma, á grande festa.

Entretanto, quatro horas antes do começo da cerimónia, os operários ainda martelavam no estádio e davam uma ultima demão á pintura da tribuna real, fazendo votos por que a tinta secasse rapidamente. Ao meio-dia, o movimento nas ruas era tal que a maior parte das pessoas preferia caminhar os três quilómetros que separam o centro da cidade do estádio. Uma caravana de 179 autocarros transportou para o estádio de Richmond os 5.000 atletas, a fim de se formarem antes de se dirigirem para o novo estádio.

Nas bancadas, o sol queimava, depois de quase duas semanas de temperaturas de Inverno. Muitos espectadores resolveram apanhar banhos de sol enquanto a cerimónia não começava, tirando as camisas. As senhoras emprestaram a cor dos seus vestidos de Verão e das suas pequenas sombrinhas á alegria do ambiente. No alto das ultimas bancadas, as bandeiras dos 69 países representados nos Jogos flutuavam galhardamente, desfraldadas pela brisa, para delícia do publico, que se divertia a enumerar as nações a que pertenciam.

A banda da R. A. F. australiana abriu o cortejo

O duque, que devia presidir á abertura, chegou ao meio-dia a Melbourn, procedente de Camberra. Envergava o uniforme de almirante, com a faixa e as insígnias da Ordem da Jarreteira. Ao descer do avião, passou revista á guarda naval e, medindo a fila de 58 personalidades que o aguardavam, exclamou: «Terei de apertar a mão a todos?». O primeiro-ministro, Roberts Menzies respondeu-lhe que não, mas o duque sempre deu o «shake-hand» a cada um deles.

A's 15 horas locais, começou o espectáculo, com a entrada no campo da banda da R. A. F. australiana, resplandescente nos seus uniformes azuis e polainas brancas, os botões doirados e os instrumentos a brilharem ao sol. Depois de darem uma volta ao campo, entre os aplausos da multidão, os 100 membros da banda foram tomar o seu lugar.

Pouco depois chegou o duque de Edimburgo, num automóvel aberto que deu a volta á pista, parando perto do camarote real. Robert Menzies, o presidente da Comissão Olímpica Internacional e o presidente da Comissão Organizadora adiantaram-se para receber o real hóspede. Pela primeira vez no dia, ouviram-se os acordes do «God Save de Queen».

A's 15 e 30, uma estrondosa ovação saudou o atleta grego que, segundo a tradição, abre o desfile com a bandeira do seu país. Seguia-o a sua equipa, que precedia a do Afeganistão e da Argentina e das restantes nações, dispostas por ordem alfabética. A Austrália, no entanto, como «dona da casa», fechava o desfile. Ao passarem pela tribuna real, as equipas saudavam: os homens, levando o chapéu ao lado esquerdo do peito, as senhoras olhando á direita e os porta-bandeiras baixando a bandeira. Depois de uma volta ao campo, tomavam os seus lugares, indicados no relvado.

O desfile das delegações dos países

Entretanto, o duque de Edimburgo recebe os cumprimentos, numa sala anexa á tribuna, do Comité Olímpico Internacional.

Ás 15 e 30, a primeira das 69 delegações surge no estádio. É, como a tradição manda, a da Grécia. O publico aplaude com entusiasmo os atletas do país onde os Jogos Olímpicos nasceram. As restantes delegações apresentam-se por ordem alfabética. Vem então o Afaganistão. Depois, a robusta formação da Argentina, tendo por porta-estandarte Isabella Avellar, a unica mulher da equipa. Depois os Austríacos, os Bahamos, 4 ao todo, a Bélgica. Sómente diante da tribuna oficial se consegue descobrir a mais pequena delegação representada em Melbourne, a das Bermudas, cujos componentes se apresentam de «shorts». Vêm, a seguir, o Brasil, um conjunto imponente; cinco negros, incluindo uma mulher, em fila indiana da Guiné britanica, precedem a delegação bulgara; 12 atletas da Birmania, o Canadá, aplaudido com calor; o Ceilão, o Chile, cujo estandarte é também conduzido por uma mulher, Mary Arenns. Seguem-se, a Colombia, Cuba, Checoslováquia, com Zatopek em lugar de realce. Os 6 atletas de Fidji atrás dos Etíopes. A Finlandia recebe ovação extraordinária, seguida da China nacionalista e da numerosa representação francesa, de boina.

Os atletas das duas Alemanhas, que o desporto uniu, desfilam com garbo inexcedível. Formidável ovação premeia a passagem do Reino Unido, cujo porta-estandante inclina o signo diante do duque de Edimburgo.

A Hungria loucamente ovacionada

Atrás dos quatro representantes de Hong-Kong, vêm, loucamente ovacionada, a delegação hungara, tendo á frente o ministro dos Desportos. Este é um momento de rara emoção. A Islandia é representada por três atletas. Depois, os Indianos, os Indonésios, os Iranianos, os Irlandeses e a pequena delegação israelita, composta por seis membros. Muito aplaudida é a italiana. A seguir, a Jamaica, a importante equipa do Japão, Kénia, Coreia, Libéria, Luxemburgo, Malásia. Os Mexicanos cumprimentam as autoridades com a mão sobre o coração. Depois, a vizinha Nova Zelandia, a Nigéria, Bornéu do Norte, Noruega, Paquistão, Peru, Filipinas, entre estes a nadadora de 14 anos, Gertrudes Lozada. As Polacas saudam os espectadores.

A delegação de Portugal

Atrás da representação romena, vêm os velejadores de Portugal, casaco e calça azul-escuro, aprumados com o estandarte conduzido pelo conde de Caria, foram saudados com simpatia; e os Porto-riquenhos seguidos de Singapura, Africa do Sul e Suécia, com 15 mulheres.

O desfile está a acabar. Passam, ainda, Tailandia, Trindade, Turquia, quatro representantes de Uganda e o Uruguai, á frente das duas mais importantes delegações presentes em Melbourne, a norte-americana e a soviética, que a ordem alfabética faz juntar. Seguem-se os Venezuelanos, oito atletas do Vietnam e a Jugoslávia. Por fim, encerrando o desfile, e sob vibrantes e compreensíveis aclamações, passa imponente, a equipa australiana.

As delegações acabam de alinhar no relvado. Seis oficiais australianos trazem para o estádio, desfraldada, a bandeira olímpica e perfilam-se em continência diante do grande mastro de honra. Convidado pelo presidente do C. I. O., o duque de Edimburgo profere a frase sacramental da abertura oficial dos Jogos Olímpicos. A bandeira sobe no mastro, uma infinidade de pombos são largados, ouvem-se as fanfarras.

Os canhões troam e, por fim, entra no estádio o tradicional atleta conduzindo o facho que foi aceso no monte grego de Olímpia. Momento de extraordinária emoção. O atleta, imponente na sua marcha, é o corredor de 19 anos Ron Clarke, que colocou a chama no vaso olímpico de bronze, onde se manterá acesa, dia e noite, até terminarem os jogos.

Desmaia um cabo da Marinha de guerra encarregado de içar a bandeira. A multidão, de pé, ouve o hino olímpico, cantado por 1.200 coristas.

Em nome de todos os concorrentes, John Landy, o famoso atleta australiano, recordista mundial da milha, prestou o clássico juramento: «Juramos que participaremos nos Jogos Olímpicos com espírito de competição leal, respeitando as regras que os orientam e com o desejo de participar com verdadeiro animo de desportistas, a bem do nosso país e para maior glória do Desporto!». O arcebispo de Melbourne faz uma exortação de paz e concórdia. Nesta altura, o portador do dístico jugoslavo desmaia, mesmo junto do portador do porta-estandarte australiano, Mac Millan, corredor de 800 metros. O porta-dístico da delegação dos Estados Unidos, que se encontra ao lado da russa, desmaia também, bem como mais de uma centena de espectadores, que foram tratados, nas estações de socorros de emergência.

A cerimónia, que durou duas horas, terminou com o hino nacional britanico, sucedendo os desmaios entre atletas e espectadores. Os porta-bandeiras voltam ás delegações respectivas, que saem do estádio, pela mesma ordem da entrada. Um atleta soviético desmaia ainda. O publico, cerca de 120 mil pessoas, começa a retirar-se lentamente, emocionado.

As competições principiam esta noite com jogos de basquetebol

As competições de hoje estão limitadas a dois jogos de basquetebol. Os Jogos Olímpicos, abrangendo 16 desportos, começam práticamente amanhã. Espera-se que a honra de ser o primeiro a subir ao estrado do vencedor seja dada ao americano Charles Dunas, de 19 anos, especialista de salto em altura.

Os jogos de basquetebol são: Coreia-China nacionalista e Russia-Canadá. — (France Presse, Reuter e A. N. I.).

A maior festa do desporto mundial

inaugurou-se hoje solenemente

Melbourne, 16 horas e 30 minutos. O ultimo estafeta da flama que desde Olimpia tem iluminado as estradas que conduzem até á longinqua Austrália, entra no cenário majestoso, imponente, silencioso, apesar dos seus 120 milhares de espectadores do estádio. Ritmo e elegancia na passada, circunda a pista, sobe os degraus que conduzem a uma plataforma especial. De pronto, estaca. Não se respira no estádio nesses segundos fascinantes. Ergue-se sobre as pontas dos pés, e, num impulso nervoso, ateia a pira que descansa sobre uma coluna, com o seu fogo sagrado. O povo irrompe, electrizado, comovido, em aclamações instintivas e impressionantes. São os Jogos Olimpicos!

Após o rito simbólico, segue-se a abertura oficial. O duque de Edimburgo, no centro da tribuna, para onde convergem todos os olhares, levanta-se e profere a frase tradicional — «Declaro abertos os Jogos Olimpicos de 1956, celebrando a 16.ª Olimpiada da Era Moderna». *Milhares de pombos brancos esvoaçam sobre o grande anfiteatro, milhares de foguetes e morteiros rebentam com estrondo. No relvado, a juventude desportiva internacional vive o momento, que lhes é dedicado, com extrema emoção. E o publico aclama, mais forte que nunca! São os Jogos Olimpicos!*

No mastro de honra figura a bandeira que é um símbolo de paz e de pureza. Fundo branco e cinco circulos entrelaçados — azul, amarelo, preto, verde e vermelho — os cinco continentes, sempre unidos no alto espírito de fraternidade, sob o signo do desportivismo.

Se, por artes de magia, volvessemos, agora, aos tempos da velha Grécia, assistiriamos, deslumbrados por certo, ao interregno de todas as lutas e de todos os conflitos, entre povos ou nações, para que se vivesse em paz a alta espiritualidade inspirada pelos Jogos Olimpicos, e para que os guerreiros pudessem escoltar os atletas que se dirigissem ao estádio... Os tempos são, afinal, outros, e os próprios Jogos é que sofrem as influências dos conflitos e das lutas, incompreensivelmente...

E' facto que os Jogos Olimpicos não se envolvem hoje no espírito da tão dilatada dignidade primitiva, e não são, sequer, segundo a ideia de Coubertin, seu renovador, o barómetro dos progressos da Humanidade na cultura física. O micróbio das sociedades modernas, dos conflitos bélicos, das políticas, das raças e do materialismo tem, infelizmente, minado muito do que a Olimpiada possuia de sublime e de grandioso. Mas o que ninguém ousará contestar é que, apesar de todos os males, é ainda a manifestação que une o maior numero de povos, mesmo aqueles que nos domínios diplomáticos, comerciais ou culturais não se relacionam, para — isto é importante — uma finalidade absolutamente pacífica e educativa. Senão a unica, é, pelo menos, a mais poderosa realização que em todos os tempos estreita a juventude de todo o Mundo, desde os confins mais dispares e remotos. E bastaria tais atributos para apresentar os Jogos Olimpicos aos olhos e ao pensamento das nações como um exemplo luminoso e celestial para a época louca, turbulenta e angustiosa que todos vivemos!...

Começaram hoje os XVI Jogos Olimpicos, que se prolongarão até 8 de Dezembro. Oxalá que seja assimilado o seu firme exemplo de fraternidade e que os politicos mundiais adoptem os seus principios de lealdade e espírito desportivo, como solução para evitar as guerras. Que se atente no contributo dos Jogos a favor da Paz do Mundo e da solidariedade universal!

CANDEEIROS E LAMPADARIOS ARTISTICOS

MODELOS INÉDITOS

Em **CRISTAL * METAL * PLASTICO**

COLOSSAL EXPOSIÇÃO

ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA

Praça da Alegria, 44, 1.º — Telf. 34774 — LISBOA

Para Luz Fluorescente e Incandescente

DESPORTOS

FUTEBOL

Ângelo castigado com 3 jogos

Na sua habitual reunião de quarta-feira, a comissão executiva da direcção da F. P. F. resolveu aplicar as seguintes sanções disciplinares:

A jogadores—Angelo Gaspar Martins (Benfica), 3 jogos oficiais de suspensão; José Joaquim Mendes Figueiredo (Salgueiros), 2 jogos; Carlos Alberto S. Rosa (Torriense), 1 jogo; José Manuel Pina e João Mendonça Junior (ambos do Torriense) e Hugo Dias Sarmento (Sporting), a todos repreensão por escrito.

A clubes—Multas: Sporting Clube de Portugal, 200$00 (demora na entrada em campo, com reincidências); Sport L. e Benfica, 100$00 (demora na entrada em campo após o intervalo com reincidência; Sport Clube União Torriense e Vitória de Setubal, chamada de atenção; o primeiro por comportamento incorrecto de uma parte do seu publico em relação a um fiscal de linha e o segundo por demora na reentrada em campo.

O Farense foi multado em 500$00, por reincidência; no incorrecto comportamento do publico relativamente á equipa de arbitragem.

A treinadores—Multas: Otto Gloria (Benfica); Fernando Riera (Belenenses) e Flávio Costa (Porto), 500$00 a cada um e Lino Taioli (Boavista), 250$00; todos por darem intruções, aos jogadores, em campo.

Jogos e árbitros dos Campeonatos Nacionais das 1.ª e 2.ª divisões

1.ª Divisão—Torriense-Académica, Fernando Valério (Setubal); Barreirense-Benfica, Inocêncio Calabote (Evora); Vitória-Sporting, Francisco Guerra (Porto); Oriental-Covilhã, Clemente Henriques (Porto); Atlético-Porto, Manuel Louzada (Santarém); Belenense-C.U.F., Correia da Cota (Porto); Lusitano-Caldas, Joaquim Campos (Lisboa).

2.ª Divisão—Grupo Norte—Gil Vicente-Peniche, Jovino Pinto (Porto); Tirsense-V. Guimarães, Paulo de Oliveira (Santarém); Salgueiros-Vianense, Eduardo Neves (Viseu); Boavista-Leixões, Eduardo Gouveia (Lisboa); Marinhense-Chaves, Jaime Pires (Lisboa); Braga-Espinho, Carlos Santos (Porto); Sanjoanense-União de Coimbra, Mateus Soares (Porto).

Grupo Sul—Juventude-Almada, Raul Martins (Lisboa); Olivais-Farense, Reinaldo Silva (Leiria); Coruchense-Arroios, José Trindade (Setubal); Portimonense-Beja, António Calheiros (Lisboa); Portalegrense-«Os Leões», Hermínio Soares (Lisboa); Olhanense-Montijo, Mário Mendonça (Evora); União Sport-Estoril Praia, J. Rosa Dias Nunes (Faró).

Castigos da A. F. L.

Foram aplicados os seguintes castigos pela Associação de Futebol de Lisboa:

Um jogo oficial de suspensão: António dos Reis Gomes, do Casa Pia; David Chitas, do Arroios; Joaquim Ribeiro Pinto, do Sport Clube Amoreiras; José Manuel Pereira, do Aguia Vilafranquense; Ludgero da Conceição Correia, do 1.º de Dezembro; e Orlando Maia, do Oriental.

Dois jogos: Luís Gomes da Silva, do Sacavenense; Mário Furtado, do Sacavenense; Rui Severo de Almeida, Vitória Clube de Lisboa.

Três jogos: António dos Santos, do Oriental; João Silva Vicente, do A. Vilafranquense; Joaquim Ferreira, do Sacavenense; Joaquim Palmeiro Antunes, do Benfica; Renato Gomes Semedo, do Benfica.

Seis jogos: Fernando da Silva Martinho, do Sacavenense.

Suspensão preventiva: Manuel da Silva, do Estrela da Amadora.

Belenenses-Sporting da Taça «Dr. Tavares da Silva»

O jogo Belenenses-Sporting, fazendo parte da taça «Dr. Tavares da Silva», realiza-se no próximo dia 28 (quarta-feira próxima) á noite, pelas 21 e 30, no Estádio do Restelo.

Os jogos do torneio olimpico de futebol

MELBOURNE, 22—A Alemanha e a Russia encontrar-se-ão no primeiro jogo do torneio olímpico de futebol, que se inicia no sábado, segundo o calendário definitivo das provas.

As outras duas «mãos» eliminatórias serão disputadas nos dias 26 e 27 de Novembro, a primeira entre a Tailandia e a Grã-Bretanha, e a segunda entre a Austrália e o Japão.

No primeiro quarto de final, defrontam-se os Estados Unidos e a Jugoslávia, em 29 do mesmo mês, e os países apurados nas eliminatórias jogarão depois contra a India, a Bulgária e a Indonésia.

A data marcada para as meias-finais é 4 e 5 de Dezembro, realizando-se as finais do torneio em 7 e 8 daquele mês.—(A. N. I.).

A selecção B de Espanha treinou contra o Stade de Reims

MADRID, 22.—A selecção nacional B venceu por 6-1 a equipa do Stade de Reims num jogo-treino no Estádio Barnabeu em que o 1.º tempo terminou 4-1.

A selecção nacional B alinhou com Vicente; Olivella, Campanal, Valero; Verges, Gensana que no 2.º tempo foi substituido por Marañon; Tejada, Sampedro, Pepillo, Peiró e Collar. Foi Pepillo, que pertenceu ao Sevilha, quem meteu o 1.º, 2.º e 3.º golos, e Peiró conseguiu o 4.º, 5.º e 6.º. O unico golo do Stade foi de «penalty».—(Efe).

O Manchester United apurado para os quartos de final da Taça dos Campeões

DORTMUND, 22.—Na presença de 45.000 espectadores, as equipas dos Borussia Dortmund e Manchester United empataram a 0-0 nos 1/8 de final da «Taça da Europa» interclubes. Os Ingleses, que haviam ganho por 3-2 no primeiro encontro, estão portanto apurados para os 1/4 de final.—(F. P.).

Cartão diplomata

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL-Gravador — R. Nova do Almada, 64 — LISBOA. A casa que melhor trabalha.

✝

Júlia Adelina Borges do Rego

FALECEU

A GERÊNCIA DA COMPANHIA PORTUGUESA DE ALPARGATAS, L.DA, participa o falecimento da esposa do seu querido consócio e colega Ex.mo Sr. Joaquim Borges do Rego, cujo funeral se realiza amanhã, 23, pelas 11 horas, da Avenida Cinco de Outubro, n.º 44, para jazigo de família, no cemitério do Alto de São João.

Vibrantes protestos na Câmara

por motivo dos acontecimentos na Hungria

(Continuação da página central)

prédio substituído. Parece, pois, que estas condições não foram logo reveladas pelo projecto que tem de ser apresentado com a petição da acção, o despejo não deve ser decretado. Doutro modo, tem de admitir-se o absurdo de haver uma lei que concede um direito, ao mesmo tempo que permite a impraticabilidade do seu exercício. Todavia, os tribunais têm dado acolhimento a esta incongruência, decidindo que o direito de ocupação é secundário—sendo principal o de receber a insignificante indemnização—embora assim façam distinção onde a lei não distingue e ofendam, por isso, um dos mais consagrados princípios da hermenêutica. A tal doutrina têm feito inteligente oposição alguns dos mais ilustres juristas, que combatem, assinando vencidos, os acordãos da Relação de Lisboa. Mas—é um triste facto dizê-lo—a Jurisprudência continua a acolhê-la.

Disse, também, esperar que, no novo decreto-lei, seja alterado o montante das indemnizações a pagar pelos senhorios, pois as que a lei 2.030 agora consigna, foram bem classificadas de «irrisórias», pelo deputado dr. Tito Arantes e também duramente criticadas por outros deputados na Assembleia Nacional.

«Eléctricos» e autocarros

O mesmo vereador, depois de se referir á decisão, da Carris, de acabar com a circulação dos carros eléctricos, lamentando que estejam em serviço carros impróprios para a actual quadra, pois as suas plataformas não são resguardadas suficientemente, da chuva, do vento e do frio.

— Bem sei — disse — que alguns destes carros já dispõem de umas portas de saída, as quais são abertas e fechadas automáticamente por intermédio dos guarda-freios, mas é, porém, indispensável que todos os carros deste modelo as possuam e que sejam dadas rigorosas instruções aos respectivos guarda-freios para bem regularem a sua conveniente manutenção. Também, segundo li na Imprensa, tem havido muitas reclamações a respeito das portas dos autocarros, chegando até a alvitrar-se que os passageiros as fechassem á saída. Todos sabemos que esta solução é quase impraticável, e por este motivo sugiro que a Companhia Carris melhore os seus autocarros com a colocação, nas portas de saída de um dispositivo semelhante ao que já utiliza nos «eléctricos» que acabei de me referir, dispositivo este que seria regulado pelo próprio motorista, o que não só serviria para a estação mais invernosa como ainda obstava a tantos desastres, que infelizmente se verificam, alguns deles mortais, provenientes da saída em movimento de passageiros destes meios de transportes, o que é sempre perigoso.

O dr. Eduardo da Silva Neves, depois de se associar ás homenagens prestadas na ultima reunião publica, ao presidente e ao vice-presidente do Município, pediu providências para se acabar com a prostituição em Lisboa, ou, pelo menos, para se restringuirem os seus maus efeitos, que prejudicam a higiene, a moral e o bom nome da cidade. Lembrou a proibição, decretada, este ano, em Espanha e a sugestão do falecido dr. Ricardo Jorge, para as respectivas casas serem localizadas em zonas limitadas, com a fiscalização policial e sanitária adequada, assegurando-se a higiene propriamente dita e a higiene moral do resto da cidade.

Como vereador, médico, chefe de família e católico, pediu providências ao Governo e á Polícia.

O dr. Manuel Vicente Moreira apoiou as considerações dos dois oradores que o antecederam, e pediu que a Camara desenvolva os seus serviços de que dependem os estudos e as autorizações para construções, demolições ou alterações dos prédios urbanos.

O engenheiro D. Francisco de Vilhena pediu que, em todas as demolições e reconstruções, se obrigue a um recuo de dois metros, contribuindo assim, para o alargamento total, ou parcial, das ruas.

O sr. Aníbal David salientou que já está a ser exigido tal recuo em diversas artérias, como a Estrada de Benfica e a Rua da Imprensa.

Os srs. dr. António Pinto Basto e engenheiro D. Francisco de Vilhena associaram-se ás homenagens ao tenente-coronel Salvação Barreto e ao sr. Luís Pastor de Macedo.

O dr. Manuel Vicente Moreira lamentou o pequeno alargamento da Rua da Palma e a pouca largura das artérias do Sítio de Alvalade.

O engenheiro D. Francisco de Vilhena pediu que se generalize a obrigação do alargamento das ruas, sempre que haja uma demolição.

Um monumento à rainha D. Leonor

O sr. dr. Manuel Vicente Moreira congratulou-se por a comissão municipal de estética aprovar unanimente o alvitre que fez para ser levantado um monumento á rainha D. Leonor.

Oxalá o concurso publico seja aberto brevemente a fim de que se inaugure a estátua em Maio de 1958, data do quinto centenário do nascimento da fundadora da Misericórdia de Lisboa. Outrossim, foi também aceite a sua localização no largo, a criar na confluência das artérias: Madre de Deus, Cruz da Pedra e Afonso III. Convém iniciar negociações com o asilo Maria Pia sobre parte do terreno da cerca.

Disse que contrasta singularmente o actual interesse com a falta de qualquer resposta relativamente a outros assuntos.

Alguns são bem pequenos. Por exemplo, a reparação do pavimento que circunda a igreja de S. João de Deus. Outros são mais importantes. Entre estes destaco o *plano director da cidade*, documento basilar quer para a vereação, quer para os munícipes que pretendem construir. Há mais de 20 anos, Pastor de Macedo mandou levantar a planta da capital. Em seguida, os Amigos de Lisboa, pela voz vibrante de Mac Bride, pugnavam pela sua elaboração diante de Duarte Pacheco que com tal objectivo dividiu a cidade em zonas sendo cada uma entregue a um técnico. O arquitecto De Groer apresentou um importante trabalho sobre Lisboa. Em 1950, publicou o engenheiro Lobato uma boa tese sobre o assunto. Porém, o estado actual da questão continua desconhecido dos vereadores apesar de ter sido anunciada a respectiva publicação.

O plano director da cidade

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto esclareceu que o estudo do plano director da cidade está em curso, encontrando-se já na parte final, mas que ele ainda dependerá da aprovação do Governo. E acrescentou que, a exigência do recuo dos prédios, em caso de demolição, e de reconstrução só pode ser feita quando já estiver feito o estudo relativo á respectiva artéria.

O Terreiro do Paço

O sr. dr. Manuel Vicente Moreira referiu-se ás sugestões do aproveitamento das arcadas do Terreiro do Paço para exposições comerciais e artísticas.

Pediu, que aquela praça seja dotada de candeeiros condignos; que sejam reparadas as ruas que a limitam; que sejam colocados, na placa central, bancos de pedra; e que sejam tomadas as disposições necessárias para evitar acidentes, devido ás «gargantas» existentes.

O elogio de António Ferro

O nosso camarada da Imprensa Augusto Pinto enalteceu as qualidades de António Ferro, «Lisboeta de primeira fila», como diplomata, escritor, jornalista e apaixonado amigo de Lisboa. Lembrou a acção de António Ferro no S. N. I. e a criação do Museu de Arte Popular. Propôs que, independentemente de qualquer homenagem municipal futura, ficasse exarada na acta um voto de sentimento. Associaram-se os srs. dr. Eduardo da Silva Neves, Saphera da Costa e tenente-coronel Salvação Barreto que acentuou que «a Nação lhe deve muito» e lembrou a colaboração que prestou á realização da exposição «Lisboa moderna» em Roma.

Contra o que se passa na Hungria

O sr. presidente apoiou, profundamente comovido, as impressionantes e significativas manifestações de protesto, verificadas em Lisboa, em todo o País, e em todo o Mundo, contra o bárbaro esmagamento do Povo hungaro, por este ter lutado pela sua libertação. E, secundado por todos os vereadores, propôs que as suas palavras ficassem registadas na acta.

O sr. Aníbal David associou-se ao discurso do sr. presidente, e propôs que, em homenagem á memória dos mártires da civilização que na Hungria tombaram, em luta contra a barbarie moscovita, a Camara guardasse, de pé, dois minutos de total recolhimento:

—Simbòlicamente, será a homenagem simples, mas sentida, prestada por Lisboa inteira aos heróis que, na terra bendita da Hungria, defendem de armas na mão, o bem-estar e a paz dos nossos lares, a tranquilidade dos nossos filhos, e até o futuro da humanidade.

A visita da rainha de Inglaterra

O sr. presidente, referindo-se â visita a Portugal, em Fevereiro, da rainha Isabel de Inglaterra, congratulou-se com o importante facto e comunicou que o Município foi chamado a dar larga colaboração á sua recepção e ás cerimónias em sua honra.

A próxima reunião publica será em 20 de Dezembro.

Pequenas notícias

PELA POLICIA

ABUSO DE CONFIANÇA — Os agentes Albano e Oliveira enviaram ao tribunal um ex-empregado comercial de determinada firma da Rua Barão de Sabrosa, acusado de ter preenchido um cheque em branco com a importancia de 6.800$00, que se encontrava assinado pelos seus patrões, pretendendo depois levantar a referida importancia num banco. Interrogado, confessou o crime.

SESSÃO CULTURAL

Depois de amanhã, sábado, na Escola Técnica Elementar Francisco Arruda, a seguir á sétima sessão cinematográfica da série educação visual das ciências, narra o conto semanal a escritora Laura Chaves.

CONFERÊNCIAS

Para inaugurar o 15.º ano lectivo do curso de língua e de literatura romena, na Faculdade de Letras de Lisboa, o dr. Victor Buescu proferirá amanhã, ás 10 horas, na Sala dos Actos, uma conferência publica, subordinada ao tema «Da poesia da Resistência romena», com récita de poemas recebidos clandestinamente da Roménia, pelo conferencista.

EXPOSIÇÃO TIROLESA

Inaugura-se esta tarde, na «Esplanada do Tejo» — Rua Vitor Cordon, 1, 3.º, Esq.º — uma exposição tirolesa de Natal, com a exibição de dois filmes tiroleses sobre costumes de Natal.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados, ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): três tampões de roda de automóvel, uma pasta de cabedal, contendo um garfo e um guardanapo; um selo fiscal de 10$00, um livro da 1.ª classe, diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas, uma gabardina de criança, um saco de linhagem, duas luvas de senhora desirmanadas, um casaco de malha de senhora, um par de luvas de cabedal, de homem; um guarda-chuva, de homem; um par de luvas de senhora, onze fotografias, dois estojos com óculos graduados, dois tampões de depósito de gasolina, de automóvel; duas sombrinhas de senhora, um tubo de escape, de moto; três luvas de homem desirmanadas, uma echarpe de lã, de senhora; uma quantia em dinheiro, dois porta-moedas com dinheiro, um colar de pérolas de fantasia, uma bolsa de prata com dinheiro, um cartão da M. P., em nome de Vítor Zagalo; uma caixa para pó-de-arroz, um sapato de lã e uma peuga de criança, um encerado, um cachecol, um requerimento, em nome de Delfina Fernando B. Fernandes; um atomizador, e um porta-moedas com 1.000$00, achado no dia 29 do mês findo.

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS

RAPIDEZ E SIGILO

A FINANCIADORA

EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3

NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

O enigma da estátua de bronze

do palácio do Governo de San-Marino

(Continuação da 1.ª pág.)

cos bisantinos, ou a doce e seráfica Assis, tumulo de silêncio místico.

—Wilson, dê-me um cigarro!

Era o que ele fumava. Reparei que, ao tirar do bolso o maço, lhe veio á mão uma espécie de tartaruga, de carapuça vermelha, que logo escondeu, oferecendo-me depois um louro Chesterfield.

Os 14 mil habitantes de San Marino

— Que raio de objecto é esse que você traz aí?! Radar? Telefonia portatil? Ainda não mo tinha mostrado.

O jornalista britanico, cuja fisionomia era mais vermelha que o «roast-beef», retingiu-se, como se instantaneamente a tivessem polvilhado de colorau.

— Isto é um objecto muito util. Nem mais, nem menos do que a bobine de uma fita métrica!

— O seu «hobby», não?

Confessou, então, que aquele «lazzarone» romano, que nos aconselhara a quilometrar devidamente San-Marino, o impressionara. Comprara, ás escondidas, a fita para verificar se, de facto, a «*Republica piu antica e pi piccola del mondo*» tinha, apenas, sessenta quilómetros quadrados de extensão.

— Ora! Ora! Qualquer terra-teniente da peninsula ibérica, dos dois lados da fronteira, tem uma «finca» ou uma herdade de igual tamanho!

— Quero também saber o numero exacto dos habitantes?

— Não se moleste! Já os contei. São exactamente 14 mil, todos classe média, nos campos e nas cidades, sem um pobre, como vê, nem um papel sujo nas ruas. Tudo asfaltadinho de novo para os turistas passearem. Fecham as ventanas e deixam-nos á vontade andar por estes eirados, terraços, belvederes, parapeitos e pontes, como se não existissem!

Uma potência moral

— *Noli me tangere!* — é o caso.

—Os San-marinenses têm demonstrado uma tal força moral que ainda ninguém enterrou o dente neste brinquedo geográfico. Desde que o Papa Paulo III lhes reconheceu a independência, vivem felicissimos! Desfrutam, com sabe, completa autonomia legislativa, judiciária e administrativa.

— São, então, uma potência?

—E porque não? Todos os Estados civilizados a reconheceram. Tem, mesmo, tratados diplomáticos com a Itália, os Estados Unidos...

— O seu país também?

— Podia a nobre Inglaterra ignorar o direito das gentes? Este lindo ceu azul, fixo, permanece indestingivel a todas as tormentas que agitam o Mundo! A organização política, que tem por base oito mil eleitores, é admirável. Quando a esquerda vence, a direita respeita-a; quando sucede o contrário, idem, idem.

Palavras de Abraão Lincoln

O Inglês mostrava-se altamente surpreso, e enchia o caderno de notas. Então, olimpico, acrescentei:

— San-Marino está integrado na O. N. U.! Abraão Lincoln, o tal que está sentado no Capitólio de Wahsington, olhando para os Estados Unidos que ele uniu de Norte a Sul, saudou-a «*como um dos Estados mais dignos de toda a Europa.*

— O elogio não é pequeno!

— E Eisenhower, depois da guerra, dirigiu-lhe as mais honrosas palavras. Tem representação diplomática em numerosos países.

— E a cor política?

— Nas ultimas eleições ganharam as esquerdas, mas não é uma democracia vermelha, antes cor-de-rosa. que por ser mais pequena do que um bilhete postal, é muito ciosa das suas prerrogativas.

Na verdade, por toda a parte, como legenda do escudo, constituido pelos três castelos roqueiros, se via em grandes caracteres a palavra «Liberdade». San-Marino, em bronze, com o seu possante malho de rachador de pedras, como que simbolizava a força civica, que há 1650 anos quebrara as algemas da escravidão romana.

Entra-se em San-Marino por umas escadinhas, subindo-se depois uma calçada estreita e empinada, onde cada estabelecimento é um bazar de quinquilharia reluzente, que ocupa metade do passeio. Sucedem-se ininterruptamente, mostrando os mais diversos artigos «made in San-Marino» que, no geral, não pecam pelo bom gosto.

O que se vende e o que se não compra

Falta-lhes estilo tipico, caracter local, a beleza artistica do «souvenir» que se guarda preciosamente, e onde, anos depois, se encontra a sugestão do país que se visitou, numa pálida reminiscência de visão.

Aconselhamos os dois capitães-regentes que governam a Republica que, além do «dura-gloss» o tal verniz para as unhas das damas, dos selos tão disputados pelos filatelistas das «carte de ginoco» estampadas pelo digno cavalheiro Aramino del Negro, para o «pocker» e o «ranino» — que jogo será este? — e do famoso «vino moscato» tão «fruité» e perfumado! — a renovar, por completo a industria ceramica, cujas peças profusamente se estadeiam em tabuleiros e escaparates, criando uma arte que, pela forma, a invenção, o desenho, a pintura, seja mais atraente e estéticamente decorativa.

Há, então, uma ceramica toda negra, com paisagens e monumentos em tenues riscos a brancos, que tem um aspecto verdadeiramente funebre e desolador.

Nem eu, nem James Wilson conseguimos comprar em San-Marino, por mais boa vontade que tivessemos, o mais insignificante objecto. Limitámo-nos a postais familiares.

Vagarosamente, com um rumoroso bando de nudistas, perdão de turistas, chegados de Rimini, depois de admirarmos um busto de Garibaldi, de mavórticas barbas, na quina de uma artéria, através da pequena feira colorida, zocco chinfrim, rebrilhando em todas as portas, — subimos a ladeira que desemboca na Praça da Liberdade.

Só viamos estrangeiros. Autoctones, nem «um» nem «uma».

—E' de desesperar! Serão bonitas as San-Marinenses?

Como são as mulheres

—Já ouvi dizer que pouco diferem do tipo das Italianas e que não gostam desta erma e ascetica montanha, sepultada de neve, no Inverno, fria e chuvisquenta durante o Outono, e só bela e fresca, no Estio, quando os pombos viajeiros vêm aqui arrulhar os seus amores. O resto, nuvens, vento e montanhas!

—Não será tanto assim!

—Devem ser tristes e solitárias. Monges melancólicas do claustro azul do céu, nestes dias luminosos. Vivem, honestas e domésticas, no meio destas muralhas tristes e cinzentas, como castelãs a quem o dono e senhor, devidamente, fechou aquele clássico cinto de ferro que as donas pudibundas usavam na Idade Média!

—Que sacrifício irreparável! O tempo que não é tempo! Que mal passa, e logo morre, quando a juventude lhes bate á porta! Pobres embalsamadas!

—Não será caso para tanto, poetico caro colega! Já ouvi dizer que se casam, com frequência, com os «viteloni» italianos, maneira de se evadirem deste tumulo de pedras mortas e de imóvel silêncio.

Dir-se-ia uma cidade abandonada. Por vezes, viamos um automóvel com a matrícula: R. S. M., parado e desocupado ou, então, uma *trattoria*, limpa, colorida, com os aventais brancos dos criados á porta, e o melhor «vino-moscato» do Mundo.

Pouco tivemos de subir para encontrarmos a bela Praça da Liberdade, mirante aberto á esquerda, sobre as massas dos Apeninos, ainda em convulsões coléricas, fendidas aqui e ali pela rotação cósmica das serranias, de vertentes ásperas, rapadas de vegetação, e as serpentes dos rios secos e pedregosos no fundo de vertiginosos precipícios, escancarados medonhamente a nossos pés.

O palácio do Governo

Ao fundo da praça, ergue-se sobre três arcadas o palácio gótico-florentino do Governo, tabernáculo dos direitos civicos, onde funciona também a Camara dos Deputados. E' uma linda jóia arquitectónica, de aspecto castrense, com um andar, onde emolduradas em mármore, se recortam três janelas ogivais, a do meio com um rendilhado varandim, onde o grande poeta italiano Carducci apareceu ao povo, jurando-lhe a «liberdade perpétua de San Marino».

Por cima, uma fieira de mezaninos, entre lampeões de ferro forjado, que abrem em flor de liz, como os da «domus aurea» dos Medicis, em Florença, brasões com leões rompantes, um dos quais, porventura, do duque de Urbino, fiel aliado de San Marino, e diversas placas comemorativas.

Ao alto, por detrás dos dentes das ameias, que coroam, belicamente, a platibanda, uma torrela quadrada, também guarnecida de ameias, onde um relógio vulgar dá as boas e as más horas á Republificil, que defendem, ciosamente, já no céu, a altiva independência, que o pequeno país conquistou na terra.

O enigma de uma estátua de bronze

O esguio palácio, verdadeiro escrínio de oiro, guarda como um tabernáculo os direitos cívicos do povo, que ali entra a qualquer hora. Num cunhal do edifício, numa pequena edícula, vigia de dia e noite o seu cumprimento, o patrono da Republica, bronze cinzelado vitoriosamente, de camartelo na dextra, com as longas barbas a escorrerem-lhe, fluvialmente, pela avantajada arca do peito:

—Mas é ele! Reconheço-o! — exclamava, atónito, o ruivo filho de Albion.

—Ele quem?

—O homem soturno que encontrámos no autocarro! O próprio San Marino em carne e osso. Parecem-se como duas gotas de água, se a efigie é autêntica. Tinha razão o jornalista inglês. Era o fundador da democracia rupestre, que ali velava, como que sorrindo aos dois estrangeiros do alto de tão histórico como venerando nicho.

Tirei-lhe o chapéu, respeitosamente, sombra que se deve ter projectado na imortalidade celestial. Wilson, como não usa penante, baixou-lhe a cabeça, numa vénia, correctamente automática, ao estilo de Buckingham Palace, como se fosse o nobre duque de Edimburgo, enquanto murmurava siderado:

—Uma destas! E' demoníaco!

—Ou miraculoso!—se um humilde cristão pode responder a um severo protestante.

Pareceu-nos que o augusto fundador de San Marino nos cumpliciava certo sinal de entendimento. Não o compreendi bem, mas o colega britanico confirmou a minha suspeita.

—Ele fez qualquer gesto! Quererá falar-nos? Não sei porque um santo não possa conceder uma entrevista a dois reporteres internacionais?

Domus Magna Comunis

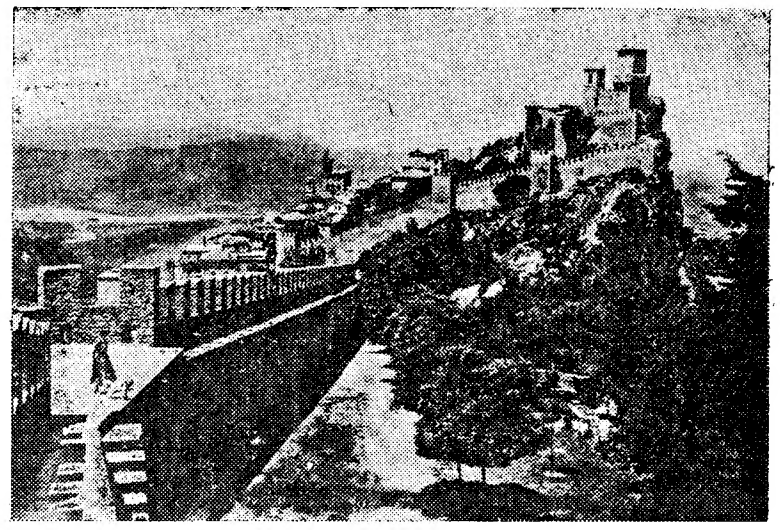
— Talvez, mas será melhor para você abonar-se com uma autorização do Foreign Office. Pode tratar-se de um caso diplomático.

Entrámos, finalmente, no gracioso palácio do Governo, «domus magna comunis», passando sob as robustas arcarias, não sem ter lido uma altiva inscrição, que assinala a queda do fascismo em San-Marino, de que traduzi alguns trechos viris, deixando o cabeçalho, na lingua original.

«La fiamma purificatrice della liberta» que arde há dezasseis séculos foi destruida... Vinte anos durou o ultrage... A Republica que avança «serena e fidente verso la sicure mete dell'avenire. Senato e Populo di San-Marino nel decenale della restaurazione democratica il 28 luglio 1954».

— Catão não escreveria melhor! declarou o inglês da Magna Carta.

No átrio, claro e luminoso, por onde o ar circulava á vontade, sem grades, nem agentes da ordem, vêem-se também numerosas lapidas e baixos relevos, onde, pela efigie e a legenda heroica, se glorificam Mazzini, (comemorando-lhe o nascimento); Garibaldi *(citadino honorário)*, António Canova *(alla memoria imortali)*, Victor Manuel II; o presidente dos Estados Unidos Lincoln, o busto do papa Clemente XII, que restituiu a liberdade á Republica, em 1740, e outros, numa impressionante teoria, de páginas históricas em mármore imperecivel.



Fortaleza e muralha ao longo do território da pequena Republica

Uma majestosa escadaria leva-nos á galeria do primeiro andar, cujos muros estão recobertos igualmente de pedras solenes, com nomes e datas.

No Parlamento

Sem qualquer dificuldade penetrámos onde se reunem o Parlamento e o Conselho de Estado. E' um majestoso salão, de tecto artesonado e paredes apaineladas, que tem ao fundo um enorme fresco de Rebosi, onde o fundador da altiva Republica, figura aérea, num fundo de estrelas de oiro, surge desta vez, não como rude aparelhador de pedra, mas como taumaturgo, bem ao centro da parede, transfigurado de imponência, ladeado por dois anjos, e suspenso entre o céu e a terra.

Por baixo, divididos em dois grupos, damas, homens bons, monges, crianças, cavadores, uns ajoelhados, outros erguidos, fitando-o com determinação, cobertos de bandeiras e empunhando instrumentos de trabalho, — o seu laborioso e altivo povo, a quem San-Marino mostra as tábuas sagradas da lei.

Os dois capitães regentes

O fresco vem morrer, no espaldar de umas cadeiras de coiro, em frente de uma mesa, coberta de damasco, onde se sentam os dois capitães regentes, que governam, apenas, durante seis meses, devendo, terminadas as suas funções, submeterem-se a uma espécie de tribunal, onde cada cidadão pode apresentar as suas reclamações. Encostados ás paredes, onde arabescos e figuras geométricas pintadas se entrecruzam, numa silva opulenta, que lembram o interior de uma mesquita, vêem-se sessenta largos cadeirões, nos quais se sentam os representantes do povo.

A certa altura, Wilson, sempre jornalisticamente operante, para confirmar, como mais tarde vim a saber, certas informações, perguntou ao modesto funcionário que nos acompanhava:

—E de política, que tal vamos?

—*Bene!* Temos quatro partidos: Democracia Cristã, 23 deputados; Social Democracia, 2; Social Comunista, 16; e Comunistas, 19.

—De que se ocupa agora o douto Parlamento?

—Resolveu o problema da habitação, fez várias leis de defesa social pelas quais todos os habitantes, ou estrangeiros residentes na Republica, há mais de um ano, têm assistência gratuita médico-farmaceutica; e aproovu um novo pacto agrário.

—*Well! Well!* Isso é que é trabalhar!

—Quem são os capitães regentes?

—Os srs. Nani Mário e Andreoli Henrico. Representam o poder executivo. São eleitos pelo Parlamento. Um ocupa-se dos assuntos internos; outro, dos negócios estrangeiros.

Pedido de entrevista

—Não lhe podiamos dar uma palavrinha?

O homem, num tregeito embaraçado:

—É difícil!... Eles estão reunidos! Mas não sei...

—Teria sido melhor marcar uma audiência!

—Em San-Marino não há esse protocolo! Apenas uma questão de oportunidade. Vou tentar...

O meu colega inglês vampirizava, positivamente, o homem. Quando entrou na sala de pintura, onde mais uma vez nos esperava San-Marino, sustentando a maqueta da cidade, pintada por Francesco Barbieri, nem sequer o fitou: O mesmo succdeu, com grande desgosto meu, ao pujante e carnudo «São Sebastião», de Caraciolo, ao qual uma piedosa devota, de branco turbante, arrancava uma comprida e sangrenta seta do nefando martírio.

As perguntas do Inglês choviam em catadupa sobre o mordomo-mor do palácio:

—Diga-me: quantos homens tem o vosso exército?

—Exército?! Aqui não há serviço militar obrigatório. Temos a milicia, a guarda nobre e a «gendarmerie». Ao todo não chegam a ser dois mil homens!

—Bem armados?

—Apenas a espada das cerimónias oficiais e dos cortejos. Quando os dois capitães regentes tomam posse do cargo, vestem-se ainda á antiga, gorra de arminho, capa de veludo negro, calção e meia, tufo de rendas no pescoço, espadim doirado e banda de seda ao peito, com riscas azuis e negras, de cujo laço pende a insignia. É um trajo característico do século XVI.

O bispo está zangado?

Wilson insistia:

—Quantos sacerdotes tem San Marino?

—Uns cinquenta, com o respectivo bispo!

—Há quem o diga doente. Não tem sido visto nas cerimónias do Estado...

Donde teria Wilson recebido semelhante informação? O funcionário mostrava-se algo embaraçado.

—Doente não deve estar. Cumpre o seu munus. Mas, na verdade, vemo-lo pouco, depois das ultimas eleições. Os resultados eram esperados. A maioria dos oito mil eleitores de San Marino votou nas esquerdas.

—Sim, pelo numero de deputados de cada partido, verifica-se isso!

—E, financeiramente?

—Temos «déficit»! Cortaram-nos o jogo, o que representa um grave prejuizo. A Itália deve-nos alguns milhões de liras!

O déficit do Estado

—O que lhe compram?

—Azeite, açucar, remédios...

—E o que exportam?

—Trigo e vinho, algum cimento, que não equilibram a balança comercial!

—O melhor é deixar o homem! — intervim — Deve estar cansado com esse duche escocês.

Felizmente, uma campainha retiniu. Era um dos capitães regentes, o sr. Nani Mário ou Andreoli Henrico, que chamava o empregado.

Então ele, amável, como todo o pacato San-marinense, deu-nos a grande esperança.

—Vou dizer-lhes que os senhores jornalistas estão aqui!

E o funcionário desapareceu, por uma porta escusa, como a poterna do castelo de Guaita, que se fechou sem ruído. James Wilson, ansioso, queimava o ultimo «Chesterfield».

O caso não era para menos!

PIERRE LEGER

DESAPARECIDO

JEAN-PIERRE; 13 anos aparentando 15; 1,68 de altura; cabelo castanho claro; cicatriz pulso esquerdo; calças cinzentas; casaco sport sal e pimenta; sapatos castanhos; impermeável plástico esverdeado.— Pais aflitos pedem informações pelo telefone 053162.

Os Estados Unidos
estão a estudar
a proposta russa
de desarmamento

WASHINGTON, 22.—Cinco dias, após a recepção, na Casa Branca, da proposta de desarmamento dirigida pelo marechal Bulganine ás três grandes potências ocidentais e á India, o presidente Eisenhower não deu ainda a conhecer o ponto de vista do Governo sobre o assunto.

Nos meios geralmente bem informados não se dispõe de qualquer elemento que permita prever qual seja a resposta dos Estados Unidos.

Indica-se, no entanto, que os vários aspectos dos problemas a que se refere o longo documento do Kremlin, são, neste momento, objecto de um estudo minucioso e de uma troca de pontos de vista entre os serviços competentes do Governo.

A maioria dos observadores crê que existe uma relação entre o exame da proposta soviética e as consultas que o presidente Eisenhower teve, nestes ultimos dias, com diversos conselheiros militares e diplomáticos. E', também, provavel que o texto da mensagem de Bulganine tenha sido discutido, ontem, no conselho de ministros, na Casa Branca. — (F. P.).

Apoio soviético à causa do Líbano

LONDRES, 22 — O marechal Vorochilov, presidente da União Soviética, afirmou, hoje, ao presidente Chamoun, do Libano, que o seu país apoiará «a luta justa dos libaneses pela preservação e consolidação da sua indepndência nacional» — segundo informou a Rádio de Moscovo. Acrescentou que Vorochilov enviara uma mensagem de felicitações, por motivo de se comemorar o «Dia da Independência Nacional do Libano».—(R.)

Ruidosas manifestações
de carácter antibritânico
registaram-se em Port Said
à chegada da força da O. N. U.

PORT SAID, 22 — A chegada dos primeiros soldados da força internacional da O. N. U. originou várias manifestações populares, de insulto aos soldados ingleses, que se mantiveram impassíveis. A população saiu da apatia e manifestou a sua fé em Nasser. Durante o desfile dos soldados noruegueses, com os seus bonés azuis, a multidão gritava: «Nasser, o vitorioso!», enquanto os soldados ingleses calavam os insultos recebidos. O comandante-chefe das forças terrestres aliadas mandou, mesmo, prender um manifestante, demasiado excitado.

E foi sob a protecção de baionetas britanicas que o primeiro destacamento da força internacional, transportado em quatro carruagens, embandeiradas com as cores da O. N. U., entrou, ontem, ao meio-dia nesta cidade. Tinha sido precedido pelo coronel Moe, comandante do destacamento, que chegara num «jeep», com uma bandeira branca.

Uns 400 rapazes e crianças, gritando «Gamal Abdel Nasser» e insultando os soldados ingleses encarregados de manter a ordem, rodearam os soldados noruegueses, logo que estes saíram da estação do caminho de ferro, abraçando-os e aplaudindo-os com entusiasmo. O general Stockwell, comandante das forças britanicas, que recebia, pessoalmente, o destacamento, mandou chamar, urgentemente, reforços que contiveram, dificilmente, a multidão excitadissima.

Os soldados ingleses carregaram sobre os manifestantes

Entretanto, o destacamento de polícia internacional desfilava, a pé, pelas ruas principais da cidade. A' entrada da Rua Mustafa Kemal, os soldados de infantaria ingleses, cruzando baionetas, foram obrigados a carregar sobre os Egipcios, para abrirem passagem ás tropas da O. N. U., que eram precedidas por um destacamento da polícia militar britanica, com capacetes vermelhos e matraca em punho.

Os Noruegueses, impassíveis, seguiram pela Rua El Ghommuria, onde novas desordens exigiram a intervenção da infantaria britanica. Gritando «viva Nasser!» e continuando a insultar os soldados britanicos, a multidão, excitadíssima, e o publico concentrado nas varandas e janelas levantavam ritmicamente os braços, berrando e dançando. Alguns manifestantes, em vários pontos, tentaram apossar-se das pistolas-metralhadoras dos soldados britanicos.

Os incidentes, que marcaram a sua chegada, parecem ter impressionado desagradavelmente os polícias da O. N. U., em virtude do seu carácter «pré-fabricado» e da histeria dos condutores da turbamulta, alguns dos quais foram presos. O entusiasmo de encomenda dos Egipcios surpreendeu tanto mais os soldados da O. N. U. quanto é certo que, desde que chegaram, há 4 dias, a Abuseir, estavam de prevenção nos abarracamentos, não podendo os seus próprios oficiais sair sem serem acompanhados por polícias militares.

Os soldados da O. N. U. ficaram instalados num acampamento provisório, organiado pelos Britanicos no centro de Port Said. A multidão rodeou as vedações de arame farpado que fecham o recinto, entregando-se a novas manifestações frenéticas, que foram interrompidas por uma carga dos soldados britanicos.—(F. P.).

A colaboração da aviação francesa com Israel

TEL AVIV, 22. — A censura israelita permitiu que fossem publicados pormenores limitados sobre a presença de pilotos e aviões franceses em Israel durante a ofensiva no deserto de Sinai.—(R.).

O regresso
de Molotov
a posição elevada
no governo russo

Paris, 22. —A nomeação de Molotov para o cargo de ministro da Fiscalização do Estado é considerada como susceptível de reforçar a sua influência na direcção do Partido Comunista e do Estado, pois, á medida que as consequências imprevistas da destalinização foram surgindo, a sua autoridade foi aumentando. A sua nova ascensão começou em Outubro, quando foi encarregado de «supervisar», no Presidium, os assuntos culturais e da propaganda.

Há a impressão de que a sua nomeação preludia uma recomposição mais profunda da direcção do partido e calcula-se que Malenkov e Suslov vão aparecer em cena.

Em Washington diz-se que não há que tirar conclusões definitivas, visto que a tarefa confiada a Molotov é essencialmente económica, e vários observadores americanos pensam que se trata antes de uma confirmação do abandono do monolitismo do que do regresso ás tendências rigidas do estalinismo. Não se julga, na capital americana, que a posição de Kruchtchev e Bulganine, no partido e no Governo, esteja ameaçada.

Em Moscovo, os observadores consideram que a nomeação de Molotov, em vez de indicar uma crise, significa, antes, «uma plataforma» absolutamente conforme com o espírito colegial da direcção do Estado. Com Molotov — disse —, o Ministério, que não passava de uma engrenagem administrativa, vai ser o que Lenine queria que fosse: auxiliar fiel do partido e do Governo.

Seja como for, Molotov, na sua nova nomeação, será o grande senhor da política interna, pois o seu «contrôle» estende-se a todos os ramos económicos e administrativos, não só do Estado mas do Exército. Os círculos soviéticos competentes pensam que a primeira consequência da nomeação será o reforço dos sovietes locais no «contrôle» da gerência do Estado, ou seja uma democratização no sentido leninista, que era o de fazer colaborar as massas na gerência do Estado.—(F. P.).

Washington parece encarar
a sua adesão ao Pacto de Bagdad
e enviou já para o Iraque
importante material de guerra

WASHINGTON, 22 — Os peritos examinam, neste momento, com o carácter de urgência, a possibilidade de os Estados Unidos aderirem ao Pacto de Bagdad. O seu exame diz respeito aos aspectos políticos económicos e militares desse pacto que agrupa o Iraque, o Paquistão, a Turquia, a Pérsia e a Grã-Bretanha.

No entanto, não se deve contar, antes de várias semanas, com uma decisão de adesão a esse pacto, ideia lançada pelo secretário de Estado, Foster Dulles. Os Estados Unidos fazem já parte de duas comissões criadas em obediência ao mesmo tratado: uma para os negócios económicos e outra encarregada de assuntos subversivos.

Os dirigentes americanos manifestaram já, por diversas vezes, que o Pacto de Bagdad, ao qual o presidente Nasser se opõe categòricamente, constitui um elemento de estabilidade no Médio Oriente.

Este tratado, no espírito dos países que o constituiram, destina-se a impedir a influência do comunismo no Médio Oriente e não deve ser interpretado como sendo dirigido contra Israel.

A adesão eventual dos Estados Unidos parece ser ditada pela necessidade em que se encontram de auxiliar os países fornecedores de petróleo, e verem garantida a sua segurança interna e externa. Confirma-se, a propósito, que a América entregou, recentemente, uma quantidade importante de material de guerra ao Iraque, ao abrigo de um acordo de segurança mutua entre Washington e Bagdad.

A julgar por indicações obtidas em certos meios americanos, aquele material inclui numero restrito de canhões de grande calibre, que poderiam, eventualmente, utilizar obuses de ogivas atómicas. Segundo a legislação americana, a entrega destes obuses, a forças que não sejam americanas, é expressamente proibida. — (F. P.).

A SITUAÇÃO NA HUNGRIA

Negociações de Kadar
para formar um governo
de unidade nacional

PARIS, 22 — A Rádio de Budapeste lançou uma série de apelos aos ferroviários, empregados nos Correios, mineiros e operários da industria têxtil, para que retomem o trabalho.

O comissário dos abastecimentos anunciou que não serão mais exportados da Hungria trigo, arroz, carnes, gorduras, açucar e produtos têxteis. A grande dificuldade com o transporte de carvão, dado o estado do sistema ferroviário, pode levar a novas reduções do consumo de electricidade.

Quanto ao prometido auxílio do estrangeiro, o órgão comunista, «Nepszabadsag», publica as seguintes cifras: 2.700 mil contos, da U. R. S. S.; 600 mil, dos Estados Unidos, e 750 mil, da Cruz Vermelha Internacional.

Quanto á situação política o correspondente do jornal de Belgrado «Politika» diz que Janos Kadar está em consultas para a criação de um Governo» de frente socialista da esquerda e de unidade nacional». As negociações são com Bela Kovacs, chefe do Partido dos Pequenos Proprietários, e representantes do Círculo Petoefi, agrupados em volta de Ferenc Farkas. — (F. P.).

As reivindicações operárias

BUDAPESTE, 22 — Ontem, antes do começo da greve total, organizada, espontaneamente, pelos trabalhadores, como protesto contra a não satisfação das suas reivindicações, a Rádio dava o seguinte panorama da situação:

Em Budapeste, a maior fábrica de tractores registou o regresso ao trabalho de 35 a 40 por cento dos operários. A falta de energia eléctrica, porém, paralisou a fábrica. Ao Sul de Budapeste, 90 por cento dos operários teriam comparecido numa fábrica metalurgica, sem que pudessem trabalhar, ainda por falta de energia. O caso repetiu-se noutra fábrica têxtil da mesma área, onde se apresentaram 25 por cento dos trabalhadores.

Mil e quinhentos voltaram aos seus postos na maior fábrica têxtil da Hungria, a de Goldberger, cuja actividade teve de ser interrompida pouco depois. A Emissora oficial não deu as razões desta interrupção. Em Papa, a Oeste de Budapeste, 1.500 operários apresentaram-se noutra fábrica têxtil, trabalhando apenas em turnos de 2 a 4 horas. A fábrica de vagões de Ganz registou o regresso de 3.500 que apenas se dedicaram a trabalhos de reparação. Em Pet, 50 por cento apareceram nas fábricas de nitrogénio, mas a falta de carvão impediu o trabalho. — (A. N. I.).

Retiram do Japão
as ultimas tropas britanicas

TOQUIO, 22. — As ultimas tropas britanicas que se encontravam no Japão, desde o fim da guerra, deixaram, hoje, o território japonês.

Saíram da sua base, em Kure, e tomam, amanhã, barcos para os seus países. — (F. P.).

Últimas notícias

SETUBAL AGRADECE
o restabelecimento do 3.º ciclo no seu liceu

O sr. ministro da Educação Nacional recebeu esta tarde, uma comissão das forças vivas de Setubal, em nome da qual o sr. dr. Luís Teixeira de Macedo e Castro, procurador á Junta de Provincia da Estremadura, testemunhou áquele membro do Governo o reconhecimento do distrito pelo restabelecimento do ensino do terceiro ciclo no liceu daquela cidade. A' recepção, que está a realizar-se á hora a que fechamos o nosso jornal, assiste o subsecretário daquela pasta.

Bacalhau da Noruega
e dois barcos arribados

Vindo da Noruega, depois de ter passado pelo Porto, chegou a Lisboa o navio norueguês «Bohemund», com 23.000 fardos de bacalhau da Noruega, para abastecimento publico.

—Com avaria numa turbina, arribou ao Tejo o navio inglês «Nordania», que será reparado em Lisboa. Também arribou ao Tejo o navio alemão «Krusan», com avaria na máquina.

A Espanha propõe
negociações sobre Gibraltar

MADRID, 22 — Os diários da manhã publicam, nas primeiras páginas, a parte do discurso do ministro de Assuntos Exteriores, Martin Artajo, pronunciado de madrugada, que se refere á necessidade de negociações com Inglaterra sobre os direitos da Espanha sobre Gibraltar, para evitar que seja pedido o apoio das Nações Unidas. — (Efe).

FOI INAUGURADA
a ponte do Limpopo

LOURENÇO MARQUES, 22.—Na presença do governador-geral, comandante Gabriel Teixeira, e de outras autoridades, foi inaugurada, hoje, em Guijá, a ponte-açude sobre o rio Limpopo. O governador-geral seguiu, depois, em comboio especial, até Malvérnia, na fronteira, onde assistirá á bênção da capela local e á inauguração da estação do caminho de ferro.—(L.).

Encontrado morto
num estabelecimento

Apareceu morto, esta tarde, na loja de ferragens da Rua Eugénio dos Santos, de que era proprietário o sr. Luís Guedes da Silva, que tinha cerca de 60 anos. O cadáver foi encontrado quando os empregados regressavam do almoço e reabriram o estabelecimento.

Militares americanos
de visita a Portugal

Por via aérea chegaram hoje em visita a Portugal 27 oficiais e soldados das Forças Aéreas dos Estados Unidos no Norte de Africa.

Vão para Moçambique
emigrantes da India portuguesa

DIO, 22. — Cento e trinta emigrantes de Dio e Damão seguiram a bordo do «Zambézia», que largou de Mormugão, com destino a Moçambique, onde vão trabalhar.

Na maioria, são pedreiros e operários da construção civil. — (L.).

O Govêrno argentino
pede a retirada do embaixador da Roménia

BUENOS AIRES, 22. — O embaixador romeno, Anton Moisescu, foi declarado «persona non grata» pelo Governo, que pediu a sua retirada imediata.

Moisescu estava no seu posto apenas desde Março. Foi, contudo, a figura principal do incidente ocorrido, na sexta-feira, quando uma familia romena fugiu da embaixada, cujos funcionários chegaram a deter um bebé, como refém, para a forçar a regressar á Roménia. — (A. N. I.).

Gabinete Técnico de Contabilidade
Rua da Vitória, 53, 3.º - E.
Telef. 25047
Organização de empresas — Balanços e Verificação de Contas — Planos Contabilísticos—Inspecções Concordatas
e
ESTUDOS E PLANOS DE CONTABILIDADE MECANIZADA
(máquinas de contabilidade e sistemas mecanográficos)

Alimente-se bem
Por 15$00 almoços e jantares a americana, compostos de sopa, peixe, carne, pão, vinho e fruta.
PASTELARIA S. JOÃO, LDA.
Av. Paris, n.º 3-A — LISBOA
Telef 725600

COM UMA TESOURA
...recorte este anuncio, cole-o num simples postal e envie-o para «Figueira & Almeida», Rua da Madalena, 88, 1.º—Lisboa. Receberá uma amostra gratuita de Corn Flakes Kellogg's, alimento delicioso e fortificante já pronto a comer.

UMA PEGA 6$50
Café de balão, inconfundivel — Doçaria caseira
no BAR RIBATEJO—P. do Areeiro, 11-D—até ás 3 1/2 da manhã